

imago

LESBOS

PHOTO
FESTIVAL
2021

MOAC - MUSEU NACIONAL DE ARTE CONTEMPORÂNEA
CARPINTARIAS DE SÃO LÁZARO
SNBA – SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES
ESPAÇO CAMÕES SÁ DA COSTA
IMAGO LISBOA GARAGE
GALERIA SANTA MARIA MAIOR
IPCI – INSTITUTO DE PRODUÇÃO CULTURA & IMAGEM
ARQUIVO MUNICIPAL DE LISBOA – FOTOGRÁFICO
MUSEU DA ÁGUA – NÚCLEO DOS BARBADINHOS
GALERIA IMAGO LISBOA

OUTROS ESPAÇOS

OTHER SPACES

ARQUIVO MUNICIPAL DE LISBOA – FOTOGRÁFICO

ATELIER DE LISBOA

GALERIA BELO – GALSTERER

MÓDULO – CENTRO DIFUSOR DE ARTE

GALERIA DAS SALGADEIRAS

PEQUENA GALERIA

5 Apresentação
7 Palavra da vereadora
da cultura da CM Lisboa

8 Joakim Eskildsen

14 The Family in Transition
16 Alla Dolgaleva
20 Annette LeMay Burke
24 Catherine Panebianco
28 Charlotta María Hauksdóttir
32 Diana Velasco
36 Fred Hüening
40 Haakon Sand
44 Johan Bävman
48 Jorge Fuembuena
52 Katrin Jaquet
56 Ksenia Kuleshova
60 Schore Mehrdju
64 Simone Rodrigues
68 Susanna Kekkonen
72 Younes Mohammad

76 We are family
79 Luis Cobelo
80 Kovi Konowiecki
81 Bharat Sikka
82 Elena Anosova
83 Andrea Gjestvang
84 Lionel Jusseret
85 Juan Valbuena

86 Pauliana Valente Pimentel

90 Rethinking Landscape /
Rethinking Nature
92 Sandrine Elberg
94 António Catarino
96 Sébastien Cuvelier
98 João Henriques
100 Miguel Henriques

102 Maija Savolainen

104 EMOP –
European Month of Photography
106 Anastasia Mityukova
108 Danila Tkachenko
110 Inka and Niclas
112 Maria-Magdalena Ianquis
114 Vanja Bucan

116 Portfolio Winner 2019
118 Mikhail Bushkov &
Olga Bushkova

121 other spaces
140 Atividades

147 Biografias
159 Biographys
167 Translations

181 Ficha técnica
182 Parceiros
183 Patrocínios
184 Agradecimentos



INTERNATIONAL APRESENTAÇÃO

THE IMAGO LISBOA FESTIVAL IS AN OUTSTANDING EVENT IN THE PANORAMA OF NATIONAL AND INTERNATIONAL PHOTOGRAPHY.

The 3rd edition of the Imago Lisboa festival is the proof of its consolidated growth.

This exhibition is focused in two themes: *The Family in Transition* (completely presented at the Carpentry of São Lázaro) and *Rethinking Nature/Rethinking Landscape* (disseminated in many different spaces), which constitute the motto for reflection on fundamental issues of the current society.

In the fusion of both themes, there are three series by Joakim Esklidsen, whose work is exhibited for the first time in our country, and which can be visited at the MNAC - National Museum of Contemporary Art.

In a new collaboration with the project Salut au Monde, the exhibition *We are Family* is presented at the SNBA (National Society of Fine Arts), which is influenced by the mythical exhibition *The Family of Man*, exhibited at the MoMA in 1955.

The Portuguese presence is carried by Pauliana Valente Pimentel whose work *Ask the Kids*, portrays a fringe of young people from Porto.

Due to the pandemic situation, it was not possible, in 2020, to carry out the project of reading portfolios – Lisboa Meeting Point, where, supposedly, the work of Mikhail Bushkov, the winning artist, would be exhibited. Thus, his work along with his wife Olga Bushkova called Zürich is featured in the recently inaugurated Imago Lisboa Gallery.

Aside from the official program, we must highlight the growing collaboration of galleries and other exhibition spaces that are associated with the event.

Parallel to the exhibitions, there are a set of actions aimed at the motivation and participation of different audiences.

Rui Prata
Artistic Director

O FESTIVAL IMAGO LISBOA É UM ACONTECIMENTO MARCANTE NO PANORAMA DA FOTOGRAFIA NACIONAL E INTERNACIONAL.

A 3^a edição do festival Imago Lisboa evidencia o seu crescimento consolidado.

A presente mostra organiza-se em torno de duas temáticas: *The Family in Transition* (integralmente apresentada nas Carpintarias de São Lázaro) e *Rethinking Nature/Rethinking Landscape* (disseminada em vários espaços), que constituem o mote para reflexão em torno de questões fundamentais da atual sociedade.

Na fusão de ambas as temáticas, apresentam-se três séries de Joakim Esklidsen, cuja obra é exposta pela primeira vez no nosso país e que poderá ser visitada no MNAC - Museu Nacional de Arte Contemporânea.

Também numa nova colaboração com o projeto Salut au Monde, apresenta-se na SNBA - Sociedade Nacional de Belas Artes a exposição *We are Family* que bebe a influência da mítica exposição *The Family of Man*, no MoMA em 1955.

A presença portuguesa está a cargo de Pauliana Valente Pimentel cuja obra *Ask the Kids*, retrata uma franja de jovens portuenses.

Devido à situação pandémica não foi possível, em 2020, realizar o projeto de leitura de portfolios – Lisboa Meeting Point, onde, supostamente, se expunha a obra de Mikhail Bushkov, artista vencedor. Assim, o seu trabalho Zürich bem como da sua mulher Olga Bushkova apresentam-se na novel Galeria Imago Lisboa.

Marginalmente à programação oficial, devemos salientar a crescente colaboração de galerias e outros espaços expositivos que se associam ao evento.

Em paralelo às exposições estão programadas um conjunto de ações tendentes à motivação e participação de públicos diversos.

Rui Prata
Diretor Artístico

THIRD TIME'S A CHARM.

In its 3rd edition, the IMAGO LISBOA Photo Festival is already established as a unique and recognizable event in the city of Lisbon. After its debut, in 2019, and after an atypical year for all Culture events, as 2020 was due to the Covid-19 pandemic, IMAGO reaches its third edition this year as a photographic event of the city with its own identity. Addressed to a diversity of audiences, it enhances the different photographic practices and simultaneously raises awareness of current authors of recognized international relevance, and seeks to promote greater knowledge and international circulation of Portuguese artists. For this reason – which is no small thing – the Lisbon City Council once again supports the IMAGO Festival this year, thus contributing to the celebration of photography, a truly universal language.

Catarina Vaz Pinto
Councillor for Culture and International Relations

À TERCEIRA, É DE VEZ.

À 3^a edição, o IMAGO LISBOA Photo Festival afirma-se já como um acontecimento único e reconhecível na cidade de Lisboa. Depois da estreia, em 2019, e de um ano atípico para todos os eventos de Cultura, como foi o ano de 2020 devido à pandemia Covid-19, o IMAGO chega este ano à terceira edição como um evento fotográfico da cidade com identidade própria, dirigido a vários tipos de públicos, que potencia as diferentes práticas fotográficas, ao mesmo tempo que dá a conhecer autores actuais de reconhecida relevância internacional e procura promover um maior conhecimento e circulação internacional dos artistas portugueses. Por tudo isto – que não é pouco – a Câmara Municipal de Lisboa volta, mais uma vez, a apoiar este ano o Festival IMAGO, assim contribuindo para a celebração da fotografia, uma linguagem verdadeiramente universal.

Catarina Vaz Pinto
Vereadora da Cultura e Relações Internacionais

JOAKIM ESKILDSEN

CUBAN STUDIES/CORNWALL/ HOME WORKS

CUBAN STUDIES

Joakim Eskildsen é conhecido pelas suas monografias sociopolíticas, como *The Roma Journeys* e *American Realities*, onde são retratadas comunidades marginalizadas. Apesar do uso de tons aparentemente melancólicos, Eskildsen atinge uma intimidade e proximidade avassaladoras no seu trabalho, o que frequentemente acontece dada a convivência lado a lado com os participantes dos seus trabalhos por longos períodos de tempo. A série *Cuban Studies* é o resultado de várias viagens que Joakim Eskildsen empreendeu nesse país durante um período de grande transição, logo após as reformas económicas. “Foi uma época de otimismo e incertezas, e grandes esperanças para o futuro. Desde o primeiro dia que o país me intrigou, desde o seu povo à sua complexa história de colonialismo e comunismo, cuja presença visual foi uma constante. Quanto mais aprendia sobre Cuba, mais difícil se tornava de entender. Foi como aprender a ver o mundo de um ângulo diferente, e era tão distinto do que eu conhecia que decidi manter a mente aberta e assumir a posição de ouvinte.”

Joakim Eskildsen



CORNWALL

A última região em que Joakim Eskildsen trabalhou foi a Cornualha, na costa sul da Inglaterra. Ele descreve o seu encanto nas suas próprias palavras: “... dado que a minha iluminação favorita se encontra no meio de uma espessa neblina, o clima na península inglesa não poderia ter sido melhor. Chuva, neblina e tempestades eram a norma, e o céu azul era a exceção. A Cornualha é, em muitos aspetos, um lugar cheio de contrastes. Apesar de ser pequeno em tamanho, é possível encontrar pântanos cobertos de vegetação e penhascos íngremes nas montanhas. O litoral está repleto de pitorescas vilas de pescadores com restaurantes, lojas e muito turismo, enquanto as cidades mais interiores são frequentemente degradadas, sem muitas oportunidades para as pessoas que lá vivem.” A Cornualha está possivelmente menos focada em retratos do que os anteriores trabalhos de Eskildsen; e embora haja de facto uma presença humana, as cidades e vilas são frequentemente retratadas sem pessoas. Mas há uma ausência muito mais implícita em toda a Cornualha. Onde estão as indústrias que um dia prosperaram nesta região? Onde estão as comunidades que antes prosperavam? As referências aos efeitos da urbanização na Cornualha estão subestimadas, contudo estão lá, caso alguém procure por elas; escondidas por entre a névoa dickensiana que Eskildsen tanto favorece. As suas camadas subtis de tema de trabalho e abordagem empática criam um retrato humanístico de um fenómeno que se tornou muito reconhecido. Ao combinar o seu uso do método renascentista da luz natural, Eskildsen apresenta a paisagem da Cornualha numa constante mudança e de uma forma assustadoramente bela.

Joakim Eskildsen



HOME WORKS

Home works é um projeto em desenvolvimento que começou em 2005, quando Joakim Eskildsen se tornou pai e se focou no ambiente ao seu redor. Ao longo dos vários anos, ele e a sua família viveram em sete casas diferentes, localizadas em três distintos países e, na atualidade, vivem com os seus dois filhos no sul de Berlim. “Todo o processo de ter filhos é muito interessante”, diz Eskildsen. “Foi muito inspirador seguir, e descobrir o mundo e as paisagens junto com eles. A conexão inabalável das crianças com a natureza traz-me muita esperança. A minha sensação é que eles têm uma conexão perfeitamente natural com a natureza, que por algum motivo tende a ser cortada à medida que eles crescem. É difícil saber que este planeta está a ser irrevogavelmente alterado e danificado, e a natureza e a vida que existem nele estão ameaçadas. Para evitar este nocivo desenvolvimento, penso que são necessários meios muito mais radicais.”

Joakim Eskildsen



THE FAMILY IN TRANSITION

CARPINTARIAS DE SÃO LÁZARO

ALLA DOLGALEVA
ANNETTE LEMAY BURKE
CATHERINE PANEBIANCO
CHARLOTTA MARÍA HAUKSDÓTTIR
DIANA VELASCO
FRED HÜENING
HAAKON SAND
JOHAN BÄVMAN
JORGE FUEMBUENA
KATRIN JAQUET
KSENIA KULESHOVA
SCHORE MEHRDJU
SIMONE RODRIGUES
SUSANNA KEKKONEN
YOUNES MOHAMMAD

CURATOR
Rui Prata

THE FAMILY IN TRANSITION

A FAMÍLIA NA ATUAL SOCIEDADE

A origem e definição da palavra família não é consensual. Na Wikipédia encontramos como significado, “um conjunto invisível de exigências funcionais que organiza a interação dos membros da mesma, considerando-a, igualmente, como um sistema que opera através de padrões transacionais”. Parece-nos ser uma significação bastante abrangente e satisfatória no quadro das mutações da família contemporânea, contrariamente à definição sugerida por Claude Lévi-Strauss. Aquele antropólogo francês sugere que “a família nasce a partir do momento em que haja casamento, passando, portanto, a haver cônjuges e filhos da união destes”. No nosso entender é um significado ultrapassado na medida em que o casamento, embora constitua um sacramento na maioria das culturas, e onde podemos incluir outros rituais de acasalamento, não representa mais a exclusividade da gênese dos laços familiares. Com a evolução da sociedade atual, foram-se gerando novas configurações familiares. É verdade que as famílias monoparentais resultam maioritariamente da rutura de um casamento, mas também surgem da possibilidade da mulher gerar um filho de forma independente. Igualmente, a família arco-íris, constituída por um casal homossexual e que possui, ou não, uma ou mais crianças a seu cargo, não passa necessariamente pelo casamento.

Existe o estereótipo da família feliz, que coabita em harmonia, mas também existe a família disfuncional, ou aquela onde, por razões diversas, se geram ódios. Situações de disfuncionalidade são Sinúmeras, mas não resistimos a recordar a mitologia grega na figura de Erígone, filha de Egisto e Clitemnestra. Reza a lenda que, após Agamémnon ter ido para Troia, Clitemnestra, sua esposa, se torna amante de Egisto. Quando Agamémnon regressa, Egisto e Clitemnestra assassinam-no e depois casam-se. Os filhos de Agamémnon e Clitemnestra, Electra e Orestes, decidem vingar o pai e recuperar o reino, o que os leva a assassinar Egisto e a própria mãe. Mas o horror vai mais longe, quando Orestes viola a meia-irmã, a bela Erígone, por quem acaba por se apaixonar.

Assim, acreditamos de facto que no seio familiar, seja ele qual for, o denominador comum assenta, efetivamente, numa estrutura funcional que gere a interação de cada um dos seus membros.

Estamos conscientes de existirem muitas outras possibilidades de mapeamento das relações amorosas e familiares. Contudo, acreditamos que através desta narrativa se alcança matéria suficiente para discussão e reflexão em torno da temática eleita pelo festival.

Rui Prata

ALLA DOLGALEVA

ECHO OF MY CHILDHOOD (2014-2020)

A vila cossaca de Bagovskaya, localizada nos sopés do Norte do Cáucaso, na Rússia, é o lugar onde a minha mãe nasceu e onde os seus antepassados viviam: a sua mãe e pai, as suas irmãs e irmãos, e avós. Quando eu era criança, íamos frequentemente a Bagovskaya, quando alguns dos nossos parentes ainda estavam vivos. Após eles morrerem, deixámos de ter razão para regressar, e por muito tempo eu não visitei aquela aldeia. Mas em 2014, quando a minha avó fez 100 anos, visitámos o cemitério de Bagovskaya. A minha mãe encontrou e reconheceu os seus vizinhos, e fomos a sua casa. Fiquei espantada com o quanto a casa deles se parecia com a da minha avó, embora muitos anos se tivessem passado.

Reconheci a cor das paredes das casas, até mesmo os móveis, que, como muitas vezes acontece com os idosos, são comuns e são mantidos para todo o sempre. Eles costumavam viver assim — com algum tipo de cómoda ou um baú, ou uma cama de ferro com “ornamentos” — este tipo de mobiliário comum lembrava a minha infância ou, mais precisamente, lembrava as viagens “da cidade para a aldeia”, para a casa da minha avó, longe das preocupações e da agitada vida da cidade.

Todos os verões volto à aldeia para fotografar.

As fotografias retratam pessoas que eu não conheço. Mas tudo que os rodeia (paisagens montanhosas, o rio) e as coisas que fazem parte da vida deles (artigos da casa, utensílios, decorações de casa) são me muito familiares.... é como se ouvisse um eco da minha infância. Faz-me sentir uma ligeira nostalgia e melancolia de um tempo irrevogável, saudosista pela casa onde somente, crianças e velhos, viviam.

Alla Dolgaleva





ANNETTE LEMAY BURKE

MEMORY BUILDING

O tempo muda tudo. Esse clichê tornou-se dolorosamente significativo para mim após a morte dos meus pais, com apenas alguns meses de diferença, alterando para sempre a minha estrutura familiar. O amor incondicional que recebi deles ao longo da minha vida, agora desapareceu. Fiquei apenas com bens materiais e com as memórias vividas em conjunto. Entre esses bens, estava um arquivo bem organizado de fotos de família.

Nesta série, projetei aquelas comuns fotos de família nas superfícies da minha casa de infância. Ao sobrepor as fotos do passado nas paredes dos dias de hoje, descobri 60 anos de memórias enraizadas e tentei capturar a história do desaparecimento da minha família, que um dia permeou esta casa.

A casa dos meus pais é a típica casa de quinta, do pós-guerra, que era construída nos recém-criados bairros dos Estados Unidos. A decoração da casa foi feita com base no estilo americano antigo, popular na década de 1950. Nos dias de hoje há quem se refira a este estilo como Colonial. Eles moraram nesta casa desde o dia em que se casaram até à sua morte — dos 20 aos 80 anos — e muitos dos móveis que compraram quando foram para lá, permaneceram na casa por toda a vida. Essa estabilidade, proporcionou-me uma base sólida para a minha educação.

A criação dos quadros projetados tornou as minhas memórias mais tangíveis, trazendo conforto para o meu luto. Com tantas experiências da minha formação enraizadas e entrelaçadas neste edifício, despedir-me dele era também despedir-me dos meus pais. Mesmo após os quartos terem sido literalmente pintados de branco, de forma a receber os novos proprietários, as minhas memórias continuaram a ressoar por entre as suas paredes.

Annette LeMay Burke





CATHERINE PANEBIANCO

NO MEMORY IS EVER ALONE

Memory is Ever Alone é um diálogo visual entre mim e o meu pai. Todos os Natais, ele costumava trazer uma caixa de slides que fotografou entre o final da adolescência e o início dos anos 20, e fazia-nos vê-los através de um velho projetor na parede da nossa sala, contando as mesmas histórias todos os anos. São recordações consistentes de uma infância em que nos mudámos muitas vezes, e na qual nunca senti que tivesse tido um “lugar” estável para morar e criar memórias.

Percebi então que, ao projetar os slides na minha paisagem atual, não estava apenas a criar uma conexão entre a vida dele e a minha, mas também um percurso de memórias, com uma ligação muito própria a cada um de nós. Muitos desses slides são da minha mãe, eles permaneceram juntos quase 60 anos. Ela faleceu, e eu sinto que o seu espírito, e todos os espíritos do passado, estão constantemente ao nosso redor. Essas pequenas vinhetas da vida familiar, transportadas para no meu “espaço” atual, confortam-me, pois sinto que ela e outras pessoas ainda estão, por perto, a cuidar de mim. Como se criassem um “lar” para mim, onde quer que eu vá.

Eu quis usar o Photoshop como ferramenta de conexão. O processo partiu da necessidade que senti de encontrar o local certo, e aí unir fisicamente os slides do meu pai, com o espaço em que vivo hoje — um lugar dentro de um lugar, uma memória dentro de uma memória. Espero que estes pequenos fragmentos da vida da minha família, vos permitam, relembrar alguma coisa das vossas famílias.

Catherine Panebianco





CHARLOTTA MARÍA HAUKSDÓTTIR

A MATTER OF SOME MOMENTS

A sensação de lar tem a ver com memórias, intimidade e o apego que se tem a certos lugares. Na série, fotografo famílias nos seus lares. Várias fotografias, tiradas ao longo do tempo, sobrepõem-se e esbatem-se entre si. Na imagem final, o espaço permanece basicamente o mesmo, porém as ações e interações das famílias são captadas em diferentes posições, cada uma apresentando uma aparência efêmera e fantasmagórica. Ao destacar a temporalidade do ser, as fotos tornam-se um testamento para os acontecimentos, aparentemente mundanos que muitas vezes, incluem memórias significativas. Como afirma Gaston Bachelard, no seu livro *The Poetics of Space*, “a casa tem unidade e complexidade, é feita de memórias e experiências, as suas diferentes partes despertam diferentes sensações e, ainda assim, é construída uma experiência de vida íntima e unitária.” Ao evocar sentimentos de nostalgia e perda, a cristalização das imagens, suspende brevemente o temp, criando assim espaço para a reflexão sobre as próprias experiências e sobre as paisagens familiares das nossas memórias e lugares.

Charlotta María Hauksdóttir





DIANA VELASCO

FAMILY ALBUM II

Na série *Family Album II*, uso fotos antigas de família para imaginar quem eu seria se tivesse nascido e vivido em Espanha em vez de o ter feito na Dinamarca. Faço uma amálgama de duas fotos originais do meu álbum de família e, assim, reconstruo a minha história familiar. Ao usar o álbum de família como gênero, a obra de arte ganha um toque de autenticidade. A autenticidade é uma invenção, a maioria das fotos foi tirada em 1972 — dois anos antes de eu nascer.

Em muitas das imagens fotográficas criadas, sou vista lado a lado com a minha mãe ou o meu pai, quando eles tinham a minha idade. A série combina retratos do passado e do presente, celebrações especiais, e também da vida quotidiana, e desta forma as fotografias criadas mexem com a noção de memória e realidade como uma coisa estável e imutável.

Diana Velasco





FRED HÜENING

DREI – THEM AND ME

Era uma vez um homem e uma mulher. Eles estavam loucamente apaixonados, passavam o tempo todo juntos, partilhavam as mesmas ideias e sonhos. Mas um dia, um outro homem apareceu. Muito mais jovem, mais bonito, mais giro. A mulher apelidou-se então de mãe e designou o seu amante e homem, como pai. A mulher partilhava agora, cada minuto do seu tempo com o jovem rapaz. Ela alimentou-o: deu-lhe os seios para que bebesse, e o seu corpo para que se aquecesse. O homem passou a sentir-se desenquadrado e estranho. Não existia mais ELA e ELE, agora eram ELES e ELE. Mas como o homem era fotógrafo de profissão, fez o que melhor sabia: tirar fotografias. Ele estava sempre por perto da mulher e do jovem rapaz. O homem observava cada respiração deles, cada movimento que faziam, cada passo que davam, cada palavra que diziam, cada jogo que jogavam.

DREI é a palavra alemã para “três”.

Fred Hüening





HAAKON SAND

TWINS FOREVER

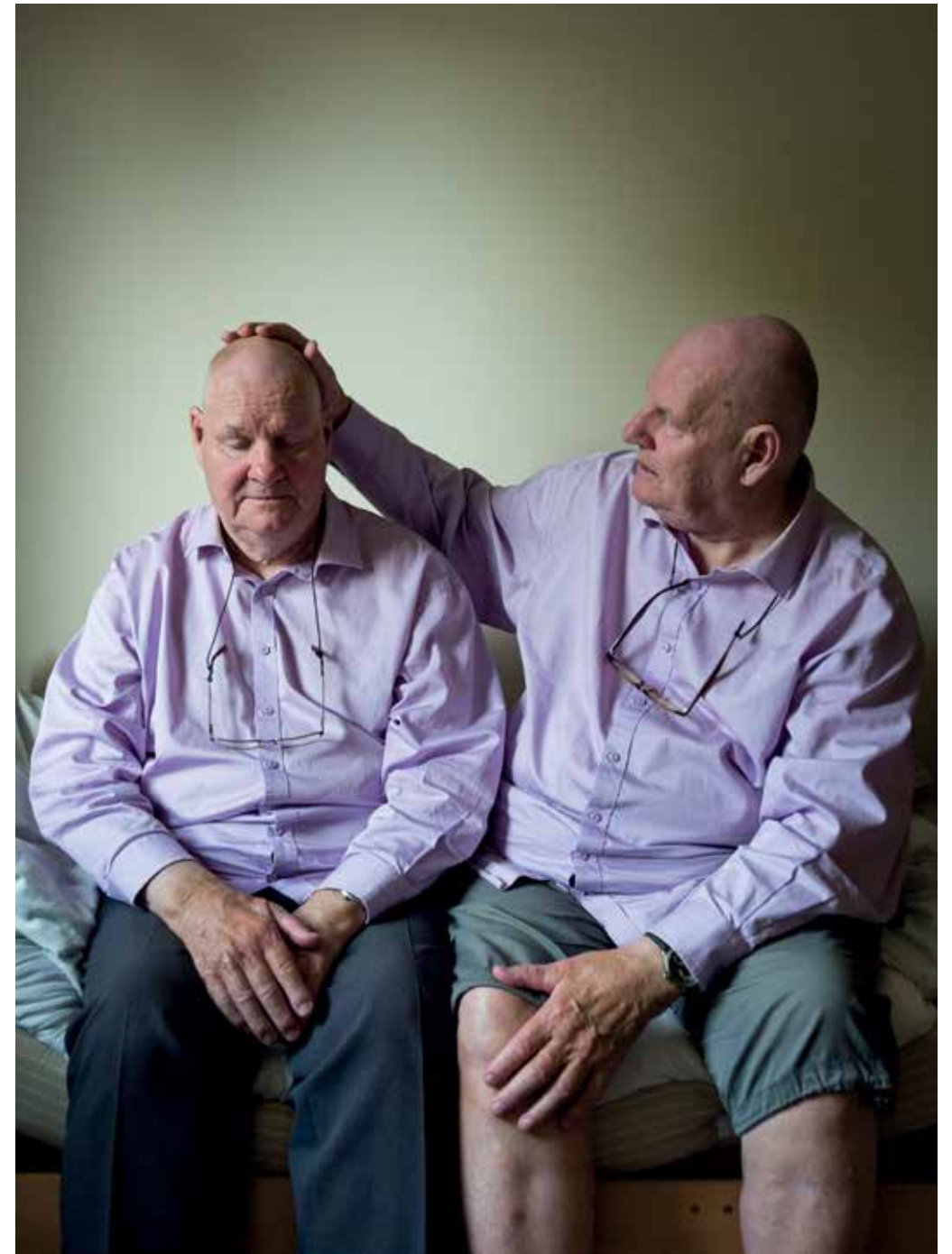
Quando a chuva cai e o céu está escuro, as luzes nas janelas da estrada Treschow em Oslo estão acesas, como sempre acontece quando está a chover. Através das cortinas, quase parece um museu de arte. Mas quando o sol atinge o prédio e a chuva para o som das scooters a circular pela estrada faz-se sentir.

Bjørn e Ulf Bergerud cresceram em Oslo, no bairro de Torshov, durante os anos 30. Juntos, eles foram para a escola primária de Lilleborg e presenciaram a ocupação alemã na Noruega da varanda do seu apartamento. Eles são os únicos gêmeos entre os três irmãos. Desde o nascimento, foram separados apenas uma vez e passaram juntos 79 dos seus 80 anos. Todas as manhãs, ao acordar, eles agradecem um ao outro pela oportunidade de estarem mais um dia juntos. Desde os seus 20 e poucos anos, fazem parte das Testemunhas de Jeová, e pregam regularmente a palavra de Jeová.

Bjørn e Ulf são gêmeos idênticos e partilham praticamente tudo. Se um deles tem uma dor no dedo do pé, o outro sente a mesma dor no dia seguinte; eles têm a mesma escova de dentes, o mesmo sabonete, e gostam do mesmo tipo de comida. A sua comida favorita é sardinha em lata, e bolo fofo como sobremesa. Nos fins de semana, passam o dia a jogar monopólio ou saem para passear de scooter. Por causa da doença causada pela polineuropatia, eles não podem andar muito.

Haakon Sand





JOHAN BÄVMAN

SWEDISH DADS

Swedish Dads é uma série de retratos baseada num grupo de pais, pertencentes a uma pequena percentagem de progenitores que optam por ficar em casa com os seus filhos, por um período de seis meses ou mais. Com este projeto, Johan Bävman pretendia descobrir a razão que levava estes pais a ficarem em casa, por muito mais tempo do que a maioria.

O que ganham eles com essa experiência? De que forma a decisão de usufruir da licença de paternidade muda a relação com o/a parceiro/a e com a criança? Que expectativas tinham antes de a iniciar?

A política de licença parental da Suécia é considerada uma das mais vantajosas do mundo.

O sistema atual permite que os pais fiquem em casa com os seus filhos, por um total de 480 dias, período durante o qual recebem um subsídio do estado. São noventa dias designados para cada pai e não podem ser transferidos.

O objetivo de incentivar os pais a tirarem mais licenças parentais é o de promover a igualdade de género.

Apesar de ser um subsídio generoso, apenas parte dos pais suecos utiliza a totalidade da licença parental atribuída, e apenas catorze por cento dos casais divide essa licença equitativamente.

Johan Bävman tem dois objetivos neste projeto fotográfico. Em primeiro lugar, pretende apresentar esta singular política parental existente na Suécia. Em segundo lugar, deseja inspirar outros pais — da Suécia e de outros lugares — a perceber as vantagens de assumir um papel mais ativo na vida dos seus filhos. A sua intenção com esta série fotográfica não é a de glorificar os pais. Por outro lado, procura envolver-se num debate sobre o porquê de esses pais serem considerados especiais.

O projeto Swedish Dads foi fotografado ao longo de um período de dois anos. Foram retratados 45 pais com os seus filhos, e o trabalho foi publicado pela primeira vez em 2014. Com esta série Johan Bävman ganhou inúmeros prémios, na Suécia e noutros países, e as fotos foram exibidas em vários festivais de fotografia em todo o mundo. A exposição Swedish Dads também fez uma digressão internacional através do The Swedish Institute.

Até ao momento, as fotos foram exibidas em sessenta e cinco países, e mais estarão por vir.

Johan Bävman





JORGE FUEMBUENA

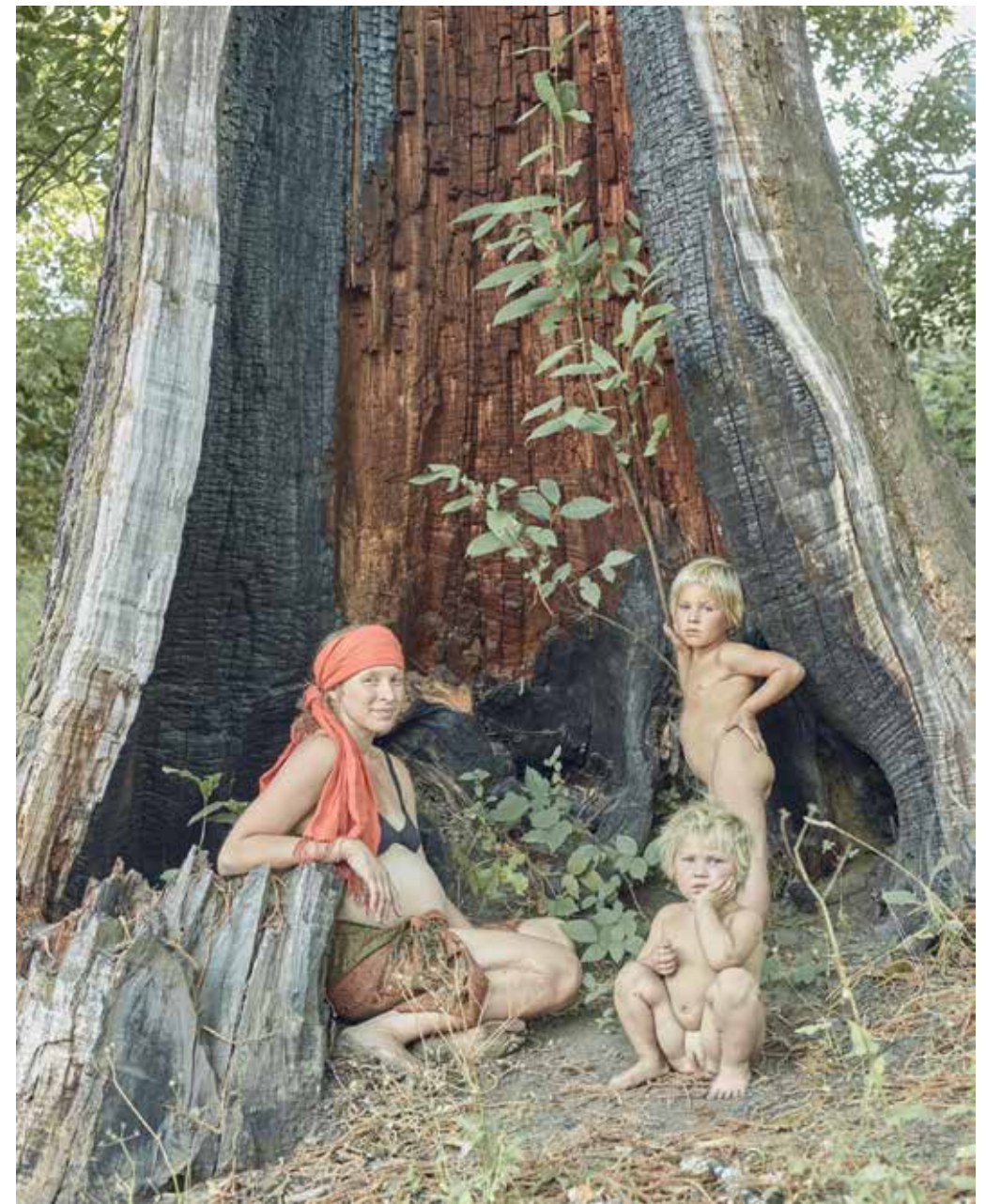
WOOD STORIES

Wood Stories explora uma das novas práticas sociais experimentais do mundo, que consiste em estilos de vida alternativos desenvolvidos em comunidades autossuficientes, pertencentes ao movimento de reflorestamento. Estas comunidades visam reestruturar áreas rurais abandonadas ou despovoadas, na esperança de recuperar a natureza e a vida selvagem, de forma a regenerar atividades económicas inovadoras e sustentáveis e opor-se ativamente à destruição da natureza, consequência da construção de grandes infraestruturas.

Wood Stories explora novas famílias dentro de novas formas de viver o território como espaço de diálogo comum e, ao mesmo tempo, como espaço de confronto. Este corpo de trabalho articula o conceito de dissuasão, exemplificado na investigação da proposta de construção do aeroporto Notre-Dame-des-Landes, em Nantes (França), e mostra como a interrupção deste evento é possível através da apropriação, protegendo assim o terreno. O objetivo é falar de um lugar que se torna marginal através da forma como é administrado e estruturado, pela ausência de urbanismo: acampamentos nómadas em espaços não controlados — a minha linha de investigação explora a extensão de habitação e o conceito de espaço doméstico. A fotografia permite-nos explorar e interagir com a natureza, para além de nos permitir documentar a ambição humana de supremacia, posse, e o domínio através da construção tecnológica da natureza. Trata-se de uma obra que atesta e questiona os planos de expansão urbana desta área.

Neste corpo de obra está presente o conceito de deslocamento, deslocamento esse que se entende aqui como o posicionamento estético e político dentro da prática artística. Essa perspetiva artística utilizada confunde-se então com outros aspetos, bem mais profundos, como os domínios ético e antropológico em relação à viabilidade e ao conceito de liberdade humana no mundo atual.

Jorge Fuenbuena





KATRIN JAQUET

NEG

No meu trabalho, exploro a fotografia como um meio, focando questões como a percepção do tempo e da luz, da identidade e da memória. Tenho particular interesse na forma como os aspetos técnicos e psicológicos da fotografia se encontram.

A minha série Neg trata da forma como olhamos as fotos de família. Partindo de um ponto muito pessoal, tento alargar para questões mais gerais.

Quando a minha mãe morreu, há alguns anos, herdei todas as fotos de família: álbuns catalogados ano-a-ano, bem como caixas cheias de fotos não classificadas desde 1870 até aos dias de hoje.

Existem muitas fotografias impressas, mas não há negativos. Os negativos das fotos de família mais antigas foram deitados fora há muito tempo e, das imagens recentes, nunca houve negativos, por serem, apenas ficheiros digitais.

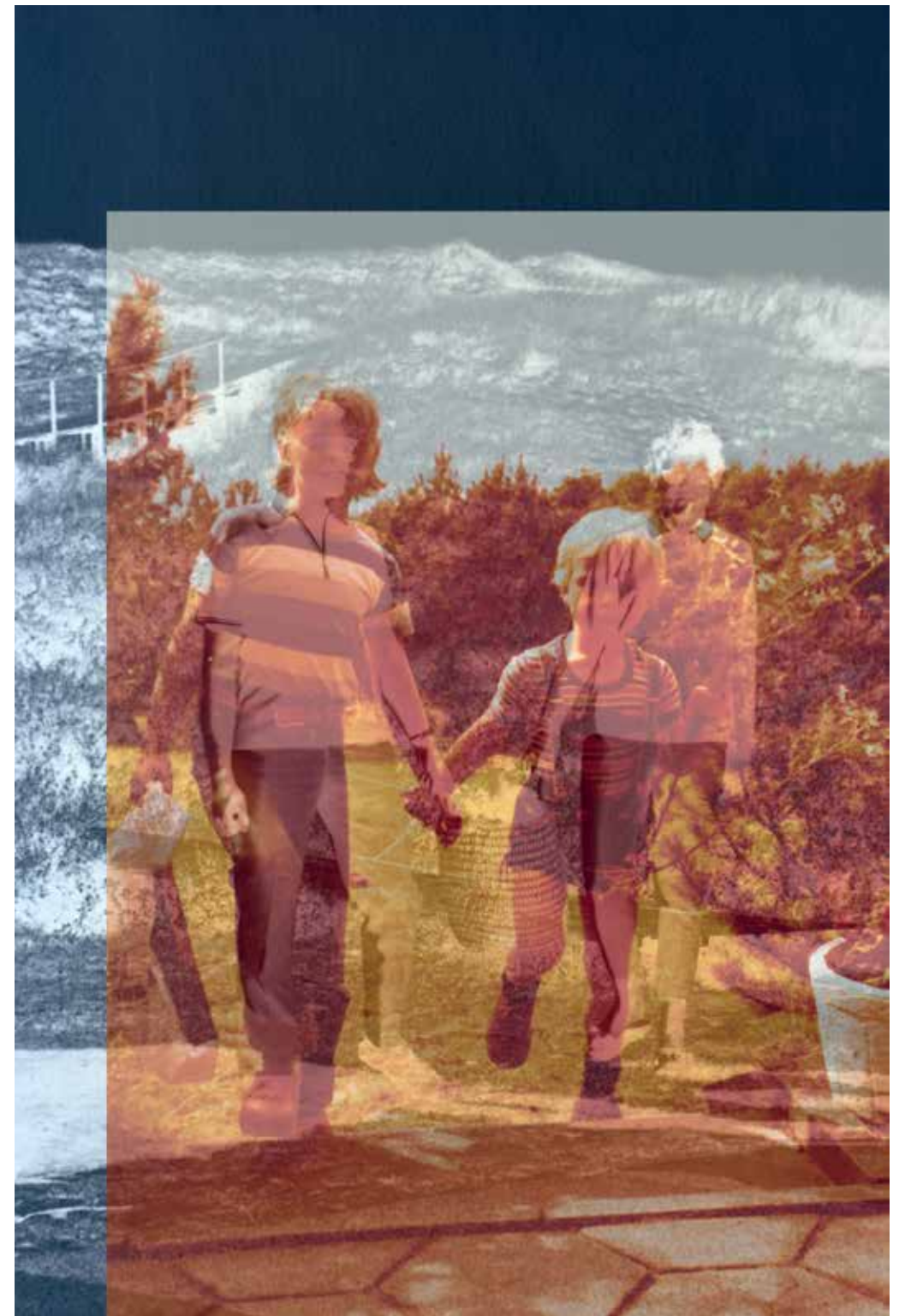
Tenho interesse no negativo como potencial — tanto no sentido técnico quanto no estético, e até no psicológico: o negativo é o que não queremos ver e não queremos mostrar. Nos álbuns de família, guardamos o que é positivo, os sorrisos e os momentos felizes, não as tensões ou as lágrimas. No entanto, é através do negativo que se obtém o positivo.

Na minha série Neg, eu (re)crio os negativos. Combino-os com aspetos positivos, sobrepondo situações semelhantes das diferentes gerações.

Procuro o ponto onde as camadas e as pessoas parecem fundir-se, onde existe um novo e ambíguo retrato, que é a literal combinação de positivo e negativo.

As montagens digitais são acompanhadas de imagens das capas dos álbuns.

Katrin Jaquet





KSENIA KULESHOVA

ORDINARY PEOPLE

A proibição da propaganda de relações sexuais não tradicionais entre menores foi assinada na lei federal russa por Vladimir Putin em junho de 2013. Esta lei, também conhecida como “lei anti-gay”, reforçou as restrições à liberdade de expressão em torno de questões LGBTQ+, que podem ser aplicadas a todas as categorias, desde a expressão artística à discussão política, e tem um grande impacto no debate público sobre questões sociais importante. O projeto de reforma constitucional de 2020, proíbe o casamento entre pessoas do mesmo sexo, entre outras mudanças.

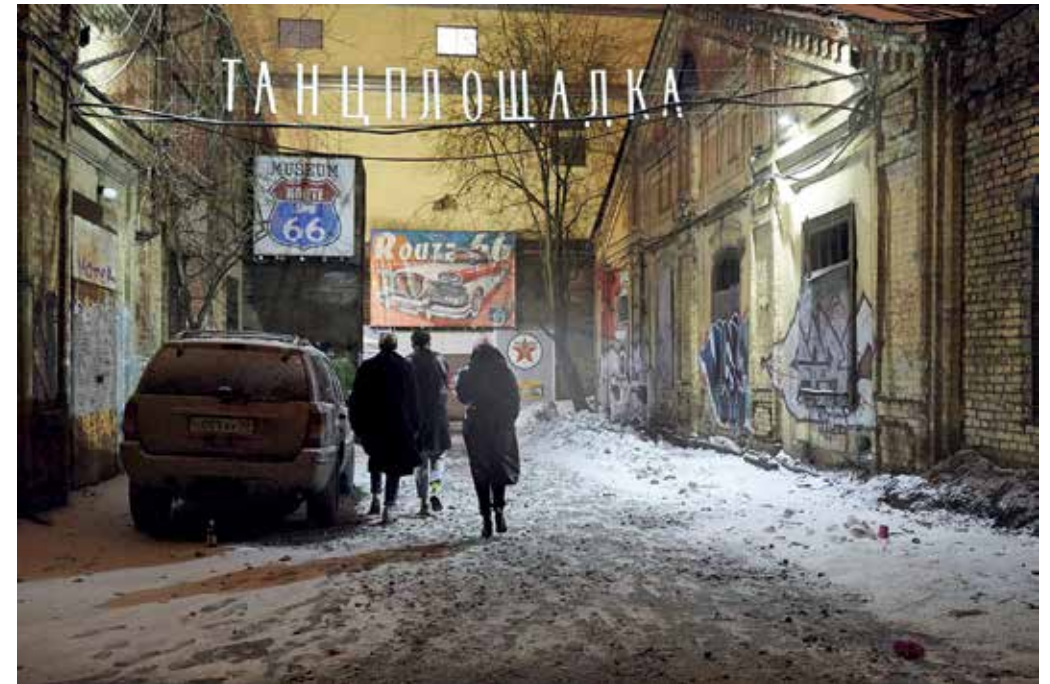
Embora já não seja ilegal ser gay (a restrição foi suspensa em 1993), ainda existe um ambiente homofóbico.

O meu objetivo é documentar a vida quotidiana de casais LGBTQ+ de diferentes idades, fazer (vídeo-)retratos, e fotografar locais públicos e privados. No meu trabalho, pretendo desvendar a capacidade que as pessoas comuns têm de aproveitar o momento e valorizar a felicidade e a alegria da vida quotidiana, apesar de a homofobia estar presente na televisão, através dos políticos nos media, e na igreja russa. Os meus protagonistas ainda têm a preocupação de não demonstrar os seus sentimentos em público, mas são corajosos o suficiente para mostrar os seus rostos na minha história, o que me deixa muito feliz.

O meu trabalho visa mostrar à comunidade internacional uma visão mais profunda da comunidade LGBTQ+ russa, dando passos rumo a uma sociedade mais tolerante na Rússia, de forma a iniciar discussões e debates. Acredito que o nosso mundo precisa de outras perspetivas e soluções. Este projeto é uma continuação do meu esforço em tentar sempre encontrar algo positivo, mesmo nas piores situações.

Ksenia Kuleshova





SCHORE MEHRDJU

THE SECOND

The Second é uma série que explora simultaneamente o estatuto social das mulheres e os casamentos polígamos no Tajiquistão.

“Uma mulher sem marido não vale nada aqui!” — isto foi o que a artista ouviu com mais frequência de cada uma das mulheres que fotografou. Para serem respeitadas pela sociedade, as mulheres de Tajik devem ser casadas, não importa se são primeira ou segunda esposa. Esta é a principal razão pela qual o conceito da poligamia se difundiu na sociedade de Tajik, ainda que seja punido por lei.

O contrato de casamento muçulmano, ou Nikoh, permite casamentos polígamos, mas deixa as segundas esposas e seus filhos, sem quaisquer direitos. Foi essa a razão que levou a artista a trabalhar em colaboração com essas mulheres, de forma criar retratos anônimos afastados de qualquer estigmatização.

Schore Mehrdju





SIMONE RODRIGUES

THE NAMES OF LOVE

NAMES OF LOVE é uma série de retratos de casais e famílias LGBTQI brasileiras, onde são documentados gays, lésbicas e trans que vivem juntos — casados, em união de facto, ou em união estável.

O projeto em desenvolvimento documentou 30 casais e famílias que posaram e compartilharam algumas das suas histórias de vida. Propõe redefinir o tradicional retrato de família, um gênero de imagem que ajudou a legitimar a família patriarcal desde o início da invenção da fotografia, no século XIX.

Tendo como modelos as novas estruturas das famílias queer contemporâneas, Simone Rodrigues constrói os seus retratos em poses sóbrias, sem artifícios, através das vivências naturais das pessoas, na familiaridade dos seus ambientes domésticos.

A série Names of Love relê o tradicional retrato de família de forma a criar uma abordagem contemporânea da diversidade das famílias brasileiras, com o objetivo de promover a sua visibilidade social e naturalização, atuando contra os estereótipos conservadores.

O projeto também é uma homenagem à memória de Stonewall, que em 2019 comemorou 50 anos. Como todos sabemos, é considerado mundialmente como o ponto de partida do atual movimento de libertação e luta pelos direitos civis LGBTQI. Mesmo com todos os avanços que podem ter ocorrido desde então, ainda nos encontramos entre ferozes disputas pelo reconhecimento dos direitos homossexuais e transexuais, e na luta contra a homofobia e outras formas de discriminação. Esse combate tem sido indispensável no Brasil, que é um dos países a liderar os números de homicídios e outros crimes violentos contra pessoas LGBT+.

Simone Rodrigues

Consulte o site do projeto para mais informações.
www.nomesdoamor.com
www.simonerodrigues.com.br





SUSANNA KEKKONEN

FAMILY ALBUM

Family Album apresenta uma série de retratos de família, que inclui filhos de famílias divorciadas. A personagem principal de cada fotografia é uma criança cujos pais se divorciaram. As crianças convidaram todas as pessoas que consideravam pertencer à sua família, para se juntarem ao retrato. Foram também elas que organizaram a disposição dos membros da família como acharam melhor. A ideia foi atribuir o poder de definir e organizar a família, à pessoa que não teve essa oportunidade, pela ocasião do divórcio: o filho.

As famílias reconstituídas têm sido algo comum para centenas de milhares de finlandeses durante décadas, porém o conceito de família tradicional ainda prevalece tanto na linguagem quanto na cultura visual. Na língua finlandesa não existem palavras para definir os membros das famílias reconstituídas. Daí a necessidade de representar estas famílias através de imagens. Tradicionalmente, os retratos de família mostravam apenas o núcleo familiar: dois cônjuges e filhos. A série Family Album demonstra que os membros que representam uma família nem sempre vivem sob o mesmo teto, e nem sempre utilizam o mesmo apelido.

O trabalho Family Album torna evidente o facto de o divórcio afetar os filhos até à idade adulta. As imagens e as histórias criadas pelas crianças, despertam pensamentos sobre a importância e a vulnerabilidade dos laços familiares. resultados, Ivanov usou um telescópio invertido com uma câmara de filme acoplada à lente frontal para fotografar as crianças bem-sucedidas. «Literalmente, distanciei essas crianças de mim, de modo a que, na vastidão de um fotograma de 35 mm, elas tornaram-se pequenos momentos perdidos», diz ele. «Depois, procurei por eles nos negativos com um microscópio e documentei constantemente todas as minhas descobertas. E nesses documentos, cada vencedor apareceu como um evento de escala galáctica.»

Susanna Kekkonen





YOUNES MOHAMMAD

THE UNTOLD STORY OF FAMILIES

Estas fotografias fazem parte de um projeto que documenta os sacrifícios das forças Peshmerga curdas na luta para derrubar o ISIS.

O projeto levou-me até às províncias do Curdistão iraquiano.

Falei com centenas de membros do exército Peshmerga, fiz retratos íntimos dos combatentes feridos e das suas famílias, e documentei não só as histórias dos confrontos, mas também as suas lutas diárias para continuar a vida no pós-conflito. Combatentes que pegaram em armas, não porque eram obrigados a fazê-lo, mas porque era o certo, e o que tinha de ser feito. Quase todos os homens apresentavam lesões físicas graves. Braços, pernas e olhos perdidos. Corpos tão debilitados pelas feridas das balas e estilhaços, que um simples movimento criava uma dor dilacerante. Estes homens também demonstravam sinais do fardo pesado dos traumas mentais, do transtorno de stress pós-traumático, e das memórias que não os largavam. Eles faziam-no pelos seus filhos, pelas suas famílias, pelo seu povo e pelo mundo em geral.

Infelizmente, o sofrimento deles não termina após retornarem a casa. Os homens enfrentam novos desafios, como a obtenção de próteses para os membros afetados, cuidados continuados, ou até como sustentar as famílias tendo em conta as limitações físicas, devido aos ferimentos.

Esta é a história das famílias que conseguiram vencer juntas o impossível.

Younes Mohammad





WE ARE FAMILY

SNBA – SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES

LUIS COBELO
KOVI KONOWIECKI
BHARAT SIKKA
ELENA ANOSOVA
ANDREA GJESTVANG
LIONEL JUSSERET
JUAN VALBUENA

CURATOR
Pablo Berástegui

Com o apoio de / With support of:



WE ARE FAMILY

We are Family! é uma exposição coletiva, focada em explorar como são os Outros, aqueles que, ou não se assemelham a nós, ou que até vivem entre nós mas nem lhes prestamos atenção, foco este que está reunido nos seis primeiros ensaios visuais apresentados no programa da exposição Salut au Monde!, mais uma mostra de sétima arte que será exibida ao longo do próximo ano. Sete fotógrafos internacionais, de trajetórias emergentes, assinam estas obras: Elena Anosova, Andrea Gjestvang, Luis Cobelo, Bharat Sikka, Lionel Jusseret, Kovi Konowiecki e Juan Valbuena, na mesma ordem pela qual aparecem na mostra. Numa época em que os nacionalismos de identidade estão a crescer em todo o mundo, e parece que somos cada vez menos capazes de nos relacionarmos com outras pessoas além de nós mesmos, We Are Family! quer mostrar que fazemos parte da mesma família e, como afirma o lema de Salut au Monde!, “celebrar a diversidade e abraçar a diferença”.

We are Family! homenageia uma das exposições de maior sucesso da história da fotografia, The Family of Man, atualizando os pressupostos daquela que foi a sua origem. Assim, todos os projetos incluídos nesta exposição foram realizados por fotógrafos oriundos do meio geográfico, afetivo e/ou cultural dos temas que abordam nas suas imagens. Através desta abordagem, pretende-se favorecer a autorrepresentação e evitar visões excessivamente etnográficas que, em muitas ocasiões, se revelam limitantes e reducionistas, ou que podem mesmo exercer, segundo palavras de Edward Said, uma “dinâmica de dominação do outro”. Em relação aos temas abordados, a mostra dá especial atenção ao quotidiano das pessoas retratadas, cenas mundanas afastadas dos grandes acontecimentos que possivelmente irão encontrar nas suas vidas. Um gosto indisfarçável pelo quotidiano e pelos sucessos diários que o compõem, registado com uma clara vocação documental, como foi também o caso da iniciativa de Steichen, mas que, nesta ocasião, e seguindo as recomendações de Melville, aposta decididamente pela fotografia a cores, mais próxima de como vemos as coisas na realidade.

De forma semelhante ao sucedido na mítica exposição do MoMA, We Are Family! também nos permite viajar para diferentes partes do mundo e mostrar como é a vida quotidiana em contextos tão diversos como o deserto da Califórnia, as estepes russas, as montanhas da Caxemira, na Índia, ou uma pequena cidade próxima ao Mar das Caraíbas que foi cenário de algumas das mais belas histórias da literatura do século XX. Noutras ocasiões, sem nos afastarmos tanto do nosso meio, podemos descobrir coletivos de pessoas que vivem entre nós mas que desconhecemos quase completamente, ou que diretamente ignoramos: utentes de asilos, migrantes africanos, pessoas com autismo ou outras perturbações mentais.

Por fim, e tal como a referida exibição, a exposição que aqui apresentamos tem uma vocação itinerante, com a particularidade de poder ser adaptada a

diferentes formatos, e assim responder a uma multiplicidade de espaços possíveis. Uma exposição que se apresenta em cinco tamanhos (XS, S, M, L, como no caso da mostra incluída no IMAGO, ou XL, na sua versão maior) e que irá incorporar gradualmente novos autores à medida que vão sendo adicionados ao projeto matriz. We Are Family! Lisboa tem curadoria de Pablo Berástegui, que por sua vez é o responsável e curador do programa Salut au Monde!, com sede na cidade do Porto. Berástegui, entre muitas outras funções desempenhadas no mundo da cultura e da arte, foi diretor da PHotoEspaña entre 2002 e 2006.

Pablo Berástegui





KOVI KONOWIECKI



BHARAT SIKKA



ELENA ANOSOVA



ANDREA GJESTVANG



LIONEL JUSSERET



JUAN VALBUENA

ASK THE KIDS

PAULIANA VALENTE PIMENTEL

Em 2019 fui convidada para fazer uma residência artística no ‘Maus Hábitos’ – no In Residence*, realizada com o apoio da CM Porto, durante dois meses. E foi este, o local de partida para chegar a jovens frequentadores desta casa, tão emblemática da cena artística contemporânea do Porto. Dei por mim a encontrar jovens de visual sedutor e foi através do Instagram, ferramenta que usam para se mostrarem e comunicarem entre si, que cheguei até eles. Mas foi a partir da sua intimidade e dos locais onde vivem que os retratei, um retrato intimista que vai para além da pose.

Este tipo de abordagem vai ao encontro do que eu tenho vindo a desenvolver nos últimos anos - *Jovens de Atenas* (2012), *The Passenger* (2014), *Behaviour of Being* (2015), *Quel Pedra* (2016), *Narcisismo das Pequenas Diferenças* (2018), *Ask the Kids* (2019).

Neste projeto, interessou-me perceber como se move a juventude, que tipo de grupos existem, que abertura e liberdade têm e como estas se manifestam. Interesam-me, igualmente, a genuinidade e a transgressão, num registo identitário.

Deparei-me com jovens seguros de si, sem medo de mostrarem o que são e com mentes de vanguarda, que ultrapassam as questões de género e que vão para além do binário, recusando os estereótipos que a sociedade lhes quer impor. Para eles a discriminação racial não faz sentido e têm uma grande preocupação social, ecológica e até mesmo política. Jovens que ainda não têm 26 anos, que vivem sobretudo da arte, da arte que praticam e da arte que eles próprios incorporam e que começaram por a exteriorizar com liberdade.

Pauliana Valente Pimentel





ESPAÇO CAMÕES SÁ DA COSTA



RETHINKING LANDSCAPE / RETHINKING NATURE

IMAGO LISBOA GARAGE

SANDRINE ELBERG
ANTÓNIO CATARINO
SÉBASTIEN CUVELIER

GALERIA SANTA MARIA MAIOR

JOÃO HENRIQUES

IPCI – INSTITUTO DE PRODUÇÃO CULTURA & IMAGEM

MIGUEL HENRIQUES

ARQUIVO MUNICIPAL DE LISBOA – FOTOGRÁFICO

MAIJA SAVOLAINEN

CURATOR
Rui Prata

RETHINKING LANDSCAPE / RETHINKING NATURE

Desde a invenção do médium, que a imagem fotográfica tem desempenhado um papel determinante na perceção da natureza. Atualmente, os artistas que se voltam para a representação da natureza e da paisagem contribuem para a compreensão dos problemas ambientais contemporâneos. Eles iluminam a relação muitas vezes problemática entre o homem e a natureza, destacam os problemas e tornam visivelmente tangíveis os efeitos globais das mudanças ecológicas causadas pelo homem.

Ao escolher RETHINKING NATURE / RETHINKING LANDSCAPE como tema para o seu projeto conjunto, o European Month of Photography Association procura aproveitar e potenciar o meio da fotografia para alimentar e expandir o discurso.

SANDRINE ELBERG

JÖKULL

Em 18 de agosto de 2019, na Islândia, foi inaugurado um monumento comemorativo em homenagem a Okjökull (oficialmente desativado em 2014), o primeiro glaciar a desaparecer na ilha subártica. A letter to the future (Uma carta para o futuro) foi erguido no local do glaciar desaparecido, marcando o primeiro relatório relacionado com as mudanças climáticas no mundo. Nesta placa dourada, podemos ver a menção de 415 ppm de CO₂, em referência ao nível recorde de concentração de dióxido de carbono registado na atmosfera em maio de 2019. Segundo pesquisadores e cientistas, a Islândia perde cerca de onze bilhões de toneladas de gelo a cada ano. Eles temem o desaparecimento de 400 glaciares na ilha em duzentos anos caso as emissões de gases de efeito estufa continuarem na taxa atual. *Jökull** é uma homenagem ao sublime, aos glaciares da Islândia, com as suas falhas, cicatrizes, redemoinhos, poços e fendas. Os diferentes pontos de vista são mostrados sob a lua e o céu estrelado da ilha, e fazem um convite à contemplação e ao sonho. Esta obra contribui poeticamente para a memória dos glaciares, para a consciência da fragilidade da natureza, e destina-se à geração futura.

* Jökull = glaciar (traduzido do islandês)

Sandrine Elberg



ANTÓNIO CATARINO

TRAVESSIAS

«Quando falavam, era em termos negativos: é feio, é plano, é sujo, é monótono... os espanhóis são maus, maldosos, mentirosos, ladrões... Nada neste país, que atravessavam o mais rapidamente possível, sem parar ou o menos possível, encontrava graça aos seus olhos. Reabastecer gasolina e dormir antes da fronteira, parar para merendar num grande parque de estacionamento rodeado por outros viajantes que, como eles, odiavam este país pelas mesmas “boas razões”. O que é que eles conheciam? A Nacional 1 que ia da fronteira até Burgos onde a deixavam para tomar a Nacional 62 até Vilar Formoso, um dos pontos de entrada do país. Estávamos em finais dos anos 60, anos de hemorragia migratória para a França, a Alemanha, ou um país mais distante: outro lugar para uma vida melhor. Após o fim das ditaduras em meados dos anos 70, os espanhóis começaram a melhorar a rede rodoviária e a construir por todo o lado autovias de 4 pistas, com a ajuda de fundos europeus. Foi um enorme benefício para os portugueses que a atravessavam ainda mais rapidamente. Rapidamente percebi que não aderiria às suas apreciações, aos seus julgamentos que pensei serem nutridos por “lugares-comuns” que se desenvolveram ao longo de séculos de história conflituosa entre os dois países. Da minha parte, estas grandes paisagens vazias, oprimidas pelo calor de julho, impressionavam-me. O ritmo de grandes aldeias que pontilhavam a paisagem de longe em longe seduziam-me. Estes amplos espaços abertos remetiam-me para certos filmes americanos. Mais tarde entrariam em ressonância com certos fotografos ou com a pintura de Hopper. Pouco a pouco descobri este país de este a oeste e de norte a sul, por ele mesmo, não apenas como uma superfície a atravessar. Há alguns anos, ao regressar, decidi, sempre que possível, voltar pelas antigas estradas; a N62 e a N1... apenas para ver. Depois do almoço, num desses restaurantes de aldeia que atendem principalmente os trabalhadores locais ou aqueles de passagem que trabalham num canteiro d’obras, deixei-me ir para relaxar e tirar algumas fotos da aldeia. Foi ali que vi aquele painel de reclame em azulejos, representando um homem a cavalo, que gabava os méritos dos adubos “Nitrato de Chile”. Naquele momento, diante deste painel desgastado pelo passar do tempo, sob o calor esmagador daquele início de tarde, deixei-me invadir por todas as viagens, todas estas travessias que se amontoaram umas sobre as outras. As lembranças de factos, de lugares e sobretudo de sensações empurravam-se. Elas tomavam lugar nos pisos de uma construção inacabada da qual eu não tinha a certeza da ordem, mas sabia que aquele painel incarnava os alicerces.»

António Catarino



SÉBASTIEN CUVELIER

PARADISE CITY

Paradise City é uma demanda pessoal pelas paisagens contemporâneas e antigas do Irão, de forma a encontrar uma versão ilusória e onírica do paraíso. As viagens de Sébastien Cuvelier ao Irão foram inspiradas por um manuscrito escrito da viagem do seu falecido tio a Persépolis há 50 anos.

O mais puro conceito de paraíso é inerentemente iraniano. A palavra paraíso vem do antigo paridaia persa — que significa jardim murado. Portanto, é natural que esta palavra ressoe em todos os cantos de um país onde a história é cheia de nostalgia, as pessoas são profundamente românticas e as flores estão por toda parte. A população jovem e vinculada ao país teve que ajustar constantemente o seu modo de vida desde a revolução de 1979, a fim de contornar as limitações impostas pelo governo. Eles almejam o paraíso, mas não sabem onde procurar.

Sébastien Cuvelier tentou refletir sobre essa busca pelo paraíso por meio de imagens metafóricas, fugazes e ilusórias — cada uma aparece como uma peça de um quebra-cabeças intangível, combinando o que um dia foi ou poderia ter sido, com o que agora é. *Paradise City* mostra vislumbres do Irão contemporâneo através dos olhos das pessoas que o artista conheceu — por vezes romantizadas, nostálgicas ou mesmo utópicas.

Sébastien Cuvelier



Com o apoio de / With support of:



FONDS
CULTUREL
NATIONAL



GRAND-DUCHÉ DE LUXEMBOURG
Ambassade au Portugal

IMAGO GARAGE

JOÃO HENRIQUES

RIO, UMA GEOGRAFIA SENTIMENTAL

«O primeiro álibi que usei para faltar às aulas foi o rio Nabão, em inícios de junho do 6.º ano escolar. O calor e a aborrecida disciplina de Trabalhos Manuais pediam exploração, aventura e águas mais refrescantes. Passadas três décadas retornei a Tomar, para frequentar o mestrado em Fotografia do Instituto Politécnico local, tendo agora o rio sido escolhido já não para o mergulho físico mas para o visual. Num percurso territorial que vai da nascente, em Ansião, até à foz, a sudeste de Tomar, ao longo do qual nasci eu e os meus pais, desenha-se esta “geografia sentimental”, título afetivo e subjetivo que, apesar disso, trai a natureza mais distanciada, ou menos sentimentalista, da construção das imagens, em torno de ideias de território, de fenomenologia, da procura de sentido de lugar através do visual, da representação da paisagem enquanto modo de ver.

A água é o elemento central de um jogo visual entre superfície e profundidade, entre figura e fundo, servindo também de metáfora a uma certa corporalidade acerca do papel que o Nabão efetivamente representou para a região de Tomar: até finais de séc. XX o rio foi um elemento central no desenvolvimento regional através da indústria das fábricas de papel e de fiação, atualmente encontrando-se num plano menor no aspeto da contribuição económica. À semelhança da água, cuja matéria aparenta algo de imaterial, contudo, esta desmaterialização do rio através do plano visual não lhe confere menor importância, pois através dele se possibilita a emergência de novas figuras, formas e narrativas.»

João Henriques



MIGUEL HENRIQUES

ORIENTE

«*Oriente* é o nome da estação de metro do Parque das Nações.

A zona leste de Lisboa apresenta um conjunto de intervenções urbanas de notável interesse, repleto de diversidade histórica, social, geográfica e de design.

Fotografei muitos bairros do leste de Lisboa, contudo o foco desta exposição são os Olivais e o Parque das Nações.

Um corpo de trabalho extenso pode ser dispersivo. Além disso, estas imagens foram feitas nos lugares que melhor conheço. Cresci nos Olivais, de onde saí aos meus vinte e muitos anos, e neste momento vivo no Parque das Nações desde 1999.

A construção do modernista bairro dos Olivais iniciou-se em 1959, com base na Carta de Atenas, e na primeira geração das cidades-novas inglesas. O plano previa 70% de moradias de interesse social, e 30% de moradias de aluguer gratuito. As alterações foram ocorrendo ao longo do tempo, mas os Olivais conservaram uma parte considerável das suas escolas originais, espaços comerciais, parque público e equipamentos desportivos.

O Parque das Nações foi construído no contexto da Exposição Mundial (que aconteceu em 1998). A intervenção do Estado abriu caminho para a reorganização da zona ribeirinha oriental de Lisboa, outrora uma zona caótica marcada pelos vestígios da cidade, aterros e indústrias de refinaria.

O Parque das Nações possui uma grande área residencial luxuosa, com comércio e escritórios. O centro contém o perímetro original da Expo 98, contendo nas suas estruturas monumentais equipamentos culturais e de lazer, e um grande jardim, disperso ao longo do rio Tejo. É considerada uma das áreas com maior qualidade de vida da cidade.»

Miguel Henriques



MAIJA SAVOLAINEN

SEE SEA

«*Paperworks* é uma investigação em progresso cujo tema é a luz. Tudo começou com uma folha A4 dobrada e com a série *Sea/See*. Fotografia rudimentar, a dobra no papel torna-se a linha do horizonte de uma desconhecida e longínqua paisagem marinha. O papel é o meu observatório da luz do sol e uma porta de entrada para um outro mundo.

As imagens são feitas com uma folha A4 branca dobrada, colocada sob luz direta do sol em diferentes horários do dia e do ano. Ao olhar a imagem com alguma distância, é possível ver uma linha do horizonte. Ao olhar mais de perto, fica claro que há algo de estranho na imagem. O horizonte parece ser uma dobra numa folha de papel, as cores são reflexos da luz do sol numa superfície branca; um pouco de informação que permite ao olho ver algo mais do que antes.»

Maija Savolainen



EMOP / LISBOA

MUSEU DA ÁGUA – NÚCLEO DOS BARBADINHOS

ANASTASIA MITYUKOVA
DANILA TKACHENKO
INKA AND NICLAS
MARIA MAGDALENA IANQUIS
VANJA BUČAN

CURATORS

Bettina Leidl
Emmanuelle Haskin
Paul di Felice
Rui Prata
Verena Kaspar-Eisert

EUROPEAN MONTH OF PHOTOGRAPHY

MUSEU DA ÁGUA – NÚCLEO DOS BARBADINHOS

Este ano o IMAGO Lisboa – festival de fotografia junta-se aos membros da rede EMOP – European Month of Photography – que reúne festivais de fotografia em Lisboa (IMAGO LISBOA), Luxemburgo (EMOPLUX), Berlim (EMOP BERLIN), Paris (CIRCULATIONS) e Viena (FOTO WIEN) com o objetivo comum de promover a cooperação a nível europeu, reforçando a cena fotográfica internacional, intensificando o intercâmbio de informação e de experiências e apoiando jovens artistas.

No âmbito do tema EMOP de 2021: *Rethinking Nature / Rethinking Landscape*, o festival apresenta o trabalho de seis artistas.

EMOP – European Month of Photography / Lisboa



ANASTASIA MITYUKOVA

PROJECT ICEWORM

Por vezes acontece carregarmos connosco desde bem cedo uma história. Muitas das vezes de forma misteriosa, como um fio oculto que conduz a nossa vida e lhe dá sentido, fio esse que desaparece, mas que logo volta para nos guiar novamente, como uma bússola. Anastasia Mityukova seguiu o seu fio condutor. Tanto quanto se recorda, sempre foi atraída pelos polos, essas extremidades do nosso mundo... Quando era criança, a sua imaginação trazia-lhe sacos de gelo e pinguins. Mais tarde na adolescência, leu todos os livros, todos os contos sobre extraordinárias explorações cujo tema incluísse os polos, tudo o que conseguisse encontrar. Ainda mantém essa paixão. Aos 16 anos, leu o livro de Jean Malaurie, Os últimos Reis de Thulé, e foi para ela como uma revelação. Descobriu a recente e atormentada história do povo Inuíte e a sua luta pela sobrevivência. No último capítulo do livro, Jean Malaurie conta a aberrante história da construção da base naval dos Estados Unidos em 1951, e o impacto catastrófico que isso teve na população indígena. (...)

Ao longo de alguns anos, Anastasia Mityukova construiu um corpo de trabalho de mais de 6000 fotografias. Esses arquivos são para ela um recurso de criação, transformação e reapropriação. A artista altera os documentos de forma a que estes se transformem organicamente. (...). Através do seu Iceworm Project, Anastasia aprofunda o questionamento do significado implícito nas imagens de arquivo, o que elas representam, como transcendê-las, os seus múltiplos significados, de forma a desconstruir definitivamente o processo de apropriação. (...)

A investigação para o Iceworm Project ocorreu longe da Groenlândia. Ao contrário do trabalho de uma etnógrafa ou jornalista, Anastasia manteve as distâncias, inicialmente viveu a sua experiência através do vasto acervo de informações que reuniu através da web e de bibliotecas. Pode ser difícil confrontarmo-nos a nós próprios com a realidade, no território de um lugar que há muito tempo nos fascina. Mas durante o verão de 2020, decidiu partir para a Groenlândia, por conta própria, onde passou 2 meses na pequena vila de Qaanaaq. Mergulhou na vida quotidiana dos Inuítes. Surpreendeu-se com a resiliência daqueles homens e mulheres, que vivem numa região tão isolada, e com a forma como se adaptaram às mudanças climáticas. “Poderemos pescar e caçar mais facilmente quando não estiver tanto frio... e quando o solo descongelar, devemos poder voltar à agricultura, a nossa vida será mais fácil.” Inocência ou capacidade de adaptação, vamos abster-nos de julgamento. De qualquer forma, as mudanças que se avizinham são motivo suficiente para testar as certezas desta jovem artista e para abrir, esperamos nós, um novo capítulo no seu Iceworm Project.

Emmanuelle Halkin

MUSEU DA ÁGUA – NÚCLEO DOS BARBADINHOS



DANILA TKACHENKO

MOTHERLAND

«Tradicionalmente, a Rússia foi sempre um país agrário. Antes da revolução russa em 1917, mais de 75% da população vivia em aldeias, faziam parte das comunidades camponesas. A chegada dos bolcheviques ao poder foi seguida pela destruição deliberada da cultura camponesa, até ao seu quase desaparecimento.

Hoje a Rússia é um país com vastos territórios despovoados, existem mais de 350 000 aldeias abandonadas e vazias. Um grande número de estradas secundárias, pontes e centros populacionais desertos não tem dono.

A cada ano que passa, mais de mil antigos centros populacionais desaparecem do mapa da Rússia, os lugares negligenciados desaparecem rapidamente, fundindo-se com a paisagem natural, onde não restam quaisquer vestígios da presença humana.

No projeto Motherland, documento o desaparecimento da aldeia tradicional russa como detentora da cultura camponesa e da experiência de gerações. Neste momento é impossível resgatá-la depois de cem anos de destruição metódica. No entanto, este problema transfere para a consciência pública as dores imaginárias, a melancolia sobre os sistemas sociais que já não funcionam no mundo moderno, e o medo do futuro que está atualmente difuso e incerto — ao contrário dos velhos paradigmas utópicos que prometiam justiça mundial dentro da estrutura de um visivelmente definido horizonte de realidade.

No meu projeto, presto as minhas últimas homenagens às construções há muito destruídas e, metaforicamente, limpo o caminho para futuros projetos.

O projeto foi filmado em territórios fora dos centros populacionais e bosques. Todos os tipos de precauções foram tomadas para evitar a propagação do fogo. Os destroços das decorações construídas foram desmontados e levados embora, enquanto as estruturas decrepitas inoperacionais e destruídas foram condenadas a completar o processo de desaparecimento físico no decorrer de vários anos.»

Irina Chmyreva



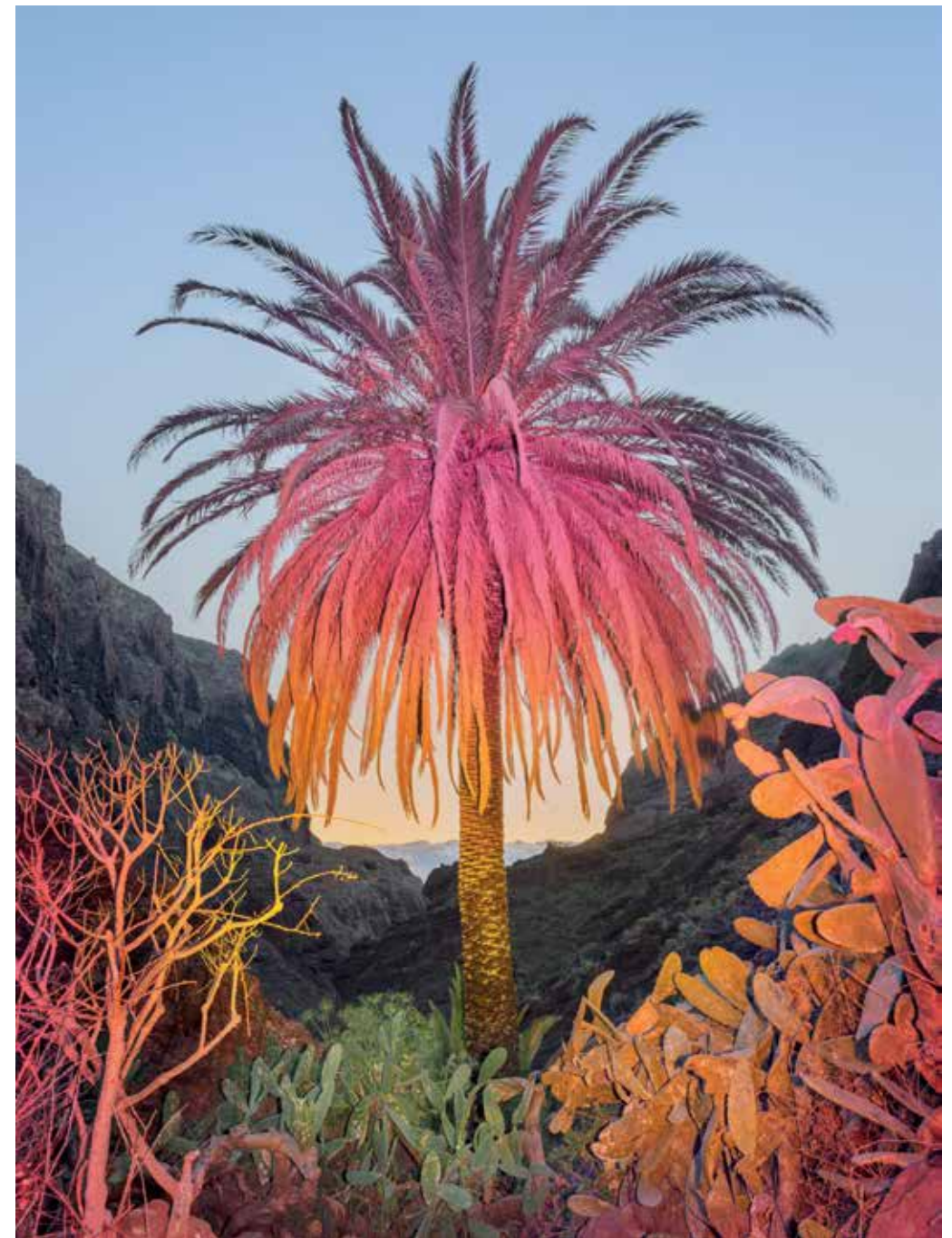
INKA AND NICLAS

LUMINOUS MATTER

O SUBLIME FOTOGRÁFICO NO TRABALHO DA INKA & NICLAS

Abrangendo uma ampla gama de temas e utilizando uma variedade de técnicas, o elemento recorrente no trabalho Inka e Niclas é a natureza. Na sua série Family Portraits, a iluminação das silhuetas humanas gera um elemento de fusão entre o ser humano e a natureza sem que estes desapareçam completamente. Oceanos e palmeiras de cor rosa e laranja, imagens de flores de dimensão astrológica, elementos naturais a flutuar na paisagem, todos eles originam um cenário sobrenatural que lembra o sublime, o belo, e ao mesmo tempo o assustador. Existe uma certa dualidade em torno da realidade e da artificialidade dos elementos representados na imagem, como na série 4K Ultra HD, onde o espectador é transportado para um estado entre o fascínio e a incerteza, o que sugere uma estranheza do sublime. Na série Becoming Wilderness, os elementos naturais como galhos de árvores, água e nuvens negras flutuam no meio da imagem como se tivessem aparecido por magia. Este aspeto inexplicável faz novamente referência à ideia do sublime, e a um medo do qual o observador obtém algum grau de prazer por saber que o objeto não é um perigo imediato para ele. Da mesma forma, em Vista Point, um elemento inexplicável surge no centro das fotografias. No entanto, neste caso, este não é um elemento natural, mas sim um elemento desconhecido que se assemelha a um buraco negro, o casal criou este efeito de ofuscar parte da paisagem ao incorporar uma moeda na lente da câmara. Por meio desta abordagem feita à paisagem, a de incorporar um buraco negro no centro da imagem, os artistas trazem uma outra dimensão à tão fotografada cena, o questionamento do género de representação da paisagem. Se por um lado o buraco negro de certa forma destrói a paisagem como imagem, dado que ao criar esta ausência convida o espectador a preencher a lacuna com a imaginação, por outro, este elemento desconhecido sugere o sublime, algures entre o medo e a admiração. No século XI, época denominada de Antropoceno, estas obras procuram recriar um elo entre o homem e a natureza, permitindo ao espectador refletir sobre o seu impacto no nosso meio ambiente. Ao explorar a paisagem através de diferentes técnicas, indo além do meio fotográfico e criando esculturas fotográficas, o casal afeta o espectador por meio das suas obras em diferentes níveis, tanto no emocional como no intelectual, o que acaba por provocar uma consciência ambiental no público.

Claire di Felice



MARIA-MAGDALENA IANQUIS

TRANSITION SPACE

Os trabalhos de Ianchis relembram-nos que estamos prestes a destruir o nosso meio ambiente e enfatizam a urgência de mudar o nosso estilo de vida.

Transition proporciona a audição dos sons da natureza no espaço da exposição. Estes envolvem-se num diálogo com vozes humanas que dão conta de algumas visões para o futuro.

O vídeo mostra corpos em movimento em frente aos glaciares austríacos e islandeses: Vatnajökull, uma caverna em Kötlujökull, e o glaciar Kaunertal. Os três foram dramaticamente afetados pelo aquecimento global. A caverna Kötlujökull, filmada em 2018, já não existe, e a Islândia lamenta a perda de Okjökull, uma vítima das mudanças climáticas antropogénicas. Na Áustria, estão a ser feitas tentativas para abrandar o degelo do glaciar Kaunertal, cobrindo-o com lençóis.

Os atores são guiados pelos impulsos da paisagem. A interação entre o homem e a natureza torna-se visível pelos seus gestos intuitivos. São seres híbridos, meio humanos, meio água ou gelo. Lentamente, o artista avança através da montanha nevada, envolto em tecido vermelho como se estivesse a recriar um caminho de gotas de sangue. O tecido, símbolo dos glaciares que estão a desaparecer, é visível no vídeo e na exposição, conectando o espaço virtual ao físico.

Quando um glaciar derrete, ele sangra até à morte e desaparece para sempre. A natureza parece impotente e vulnerável. Se não aprendermos a tratar o nosso planeta de forma diferente, um dia, todos os glaciares terão derretido, e apenas existirão em memórias remotas.

A série de fotografias *Memories of Kötlujökull* antevê uma realidade na qual as imagens irão atingir o espectador como indícios de planetas alienígenas. As imagens justapõem definição e desfocagem, como se partes da paisagem já estivessem envoltas nas brumas do esquecimento. Refletem pensamentos ao invés de refletir o mundo exterior, e provocam uma conexão entre a nossa consciência psicofísica e o meio ambiente. A obra transmite a conexão da artista com o ambiente que a envolve. Humanidade e natureza não são vistas como entidades isoladas, mas como elementos que formam parte da mesma grande estrutura. Desta forma, se quisermos garantir a nossa sobrevivência, é necessário parar com a exploração ambiental. Temos de deixar de imaginar a vida noutro planeta como uma alternativa, e começar a desenvolver estratégias para um futuro onde as pessoas vivam em harmonia com todos os seres, e onde a natureza seja tida como um todo; mas antes disso necessitamos de mudar a nossa atitude, se quisermos mudar algo neste mundo.

Maria-Magdalena Ianchis em colaboração com Luana Schafer



VANJA BUČAN

CORRELATIONS AND INTERVENTIONS

A fotografia surrealista da década de 1920 e dos anos que se seguiram apresenta arranjos curiosos e absurdos de figuras e objetos, em que coisas incompatíveis são ligadas de formas inquietantes, muitas vezes decorrentes do subconsciente, ou dos devaneios da vanguarda artística da época. Nas fotografias cuidadosamente encenadas por Man Ray, Herbert Bayer, Hans Bellmer e Herbert List, o observador é chamado a interpretar várias camadas de significado de uma só vez, dado que a parte proverbial da imagem revela frequentemente apenas um aspeto do conteúdo da imagem, enquanto os elementos metafísicos permanecem ocultos inicialmente, sendo necessário decifrá-los mais tarde. Após uma verificação mais detalhada e alguma ponderação sobre aquilo que foi visto, as camadas adicionais de significado e compreensão revelam-se. Anos mais tarde, vemos um efeito semelhante nas descontextualizações e reencenações de situações da vida real na obra de Jeff Wall, cuja abordagem Vanja Bučan cita como seminal. Embora Bučan pertença claramente a uma tradição da história da arte, as suas fotografias e intervenções, que são excecionalmente organizadas, abordam ecossistemas sujeitos a ameaças locais e globais, bem como a complexa correlação entre o homem e a natureza através de formas que são simultaneamente intrigantes e divertidas. Nas suas séries de imagens, sempre de grande escala, a artista insere visualmente um objeto do quotidiano num contexto que lhe é estranho (...).

Matthias Harder



PORTFOLIO WINNER 2019

GALERIA IMAGO LISBOA

MIKAIL BUSHKOV
OLGA BUSHKOVA

GALERIA IMAGO LISBOA

PORTFOLIO WINNER 2019

A exposição na galeria IMAGO Lisboa, no âmbito do festival com a mesma designação, é uma exposição conjunta da dupla de artistas sediados na Suíça, Mikhail Bushkov e Olga Bushkova, que combina dois projetos realizados ao longo dos últimos 7 anos. *A Google Wife* é um projeto e um foto-livro de Olga Bushkova que explora o tema da autoidentificação no despertar para o desenraizamento. *Zürich* é um trabalho de Mikhail Bushkov — vencedor da leitura de portfólios do Imago Lisboa 2019, onde este justapõe as imagens dos seus dois lares — Rússia e Suíça — e, como resultado, desconstrói os sentimentos de saudade e pertença, e analisa a complicada relação do autor com toda a noção de “lar”. Juntos, esses trabalhos transformam-se numa complexa pesquisa fotográfica de experiências de mudança, tanto da perspetiva reflexiva interna quanto externa. Tendo um relacionamento de casal, e tendo práticas artísticas singulares e distintas, Olga e Mikhail abordam um importante tema universal, mas fazem-no com diferentes tipos de energia, e com diferentes pontos de vista e posições sociais. Juntos, os projetos complementam-se e criam uma tentativa de investigação fotográfica sobre o tema da identidade e imigração, em formato de exposição.

Rui Prata



OLGA BUSHKOVA
GALERIA IMAGO LISBOA



MIKAIL BUSHOKOV
GALERIA IMAGO LISBOA-PORTFOLIO WINNER 2019

OUTROS ESPAÇOS OTHER SPACES

ARQUIVO MUNICIPAL DE LISBOA – FOTOGRÁFICO

Valter Vinagre

José Vieira Mendes

ATELIER DE LISBOA

Ana Feijão

Carolina Tardin

Frederico Brízida

Margarida Reis Pereira

José Pedro D'Amorim

Pedro Gil Mendonço

Tânia Cadima

MÓDULO CENTRO DIFUSOR DE ARTE

David Infante

G A L E R I A B E L O - G A L S T E R E R

Pedro Quintas

Jorge Molder

GALERIA DAS SALGADEIRAS

Jordi Burch

PEQUENA GALERIA

Alice WR

Cecy Jup

Goreti Ferraz

Madalena Meneses

Manuela Vaz

Maria Inês Mouroa

Maria Leonardo Cabrita

Maria Sécio

Susana Moreira

Tânia Araújo

VALTER VINAGRE

HOMEM MORTO PASSOU AQUI

SINOPSE:

Homem Morto Passou Aqui é resultado de um trabalho de cerca de cinco anos de Valter Vinagre realizado em Portugal – território preferencial e recorrente dos seus projetos fotográficos –, como palco dos diversos confrontos ocorridos durante as Invasões Francesas.

Utilizando a paisagem para fazer a reconstituição de um legado histórico perdido na memória coletiva, o autor retrata os vários eventos das Guerras Peninsulares, ocorridos de Norte a Sul do país. Almeida, Bussaco, Chaves, Porto, Amarante, Évora e Olhão, juntamente com as Linhas de Torres Vedras, foram alguns dos locais fotografados ao longo desse tempo e respeitando o calendário dos acontecimentos que fizeram a história das três Invasões.

Neste projeto, que agora se apresenta em modo de balanço, a relação entre o desaparecido e o permanente é sublinhada pela natureza específica do objeto fotografado: os episódios históricos referenciados pelos locais escolhidos e títulos das obras (sinalizando a data e a hora do registo) que compõem a série, em paisagens desprovidas de presença humana, suspensas no tempo e no enquadramento. Uma opção que dá bem conta do desafio a que Valter Vinagre se propôs: retrato da memória coletiva – ou o que resta dela – diluída numa paisagem geográfica e humana transmutada, convocando (meta-)fisicamente o passado.

Valter Vinagre



JOSÉ VIEIRA MENDES

AQUI LISBOA: ANOS 80

A exposição “*Aqui Lisboa: anos 80*” revela imagens de Lisboa, num registo onde se realçam sobretudo as pessoas, as suas ações e os seus gestos.

O autor, expresso “apaixonado por Lisboa desde sempre”, selecionou estas imagens de um vasto conjunto realizado entre 1982/83 capturado pela a sua primeira câmara fotográfica reflex, 35 mm que ainda conserva.

Esta mostra fotográfica retoma de certa forma, o quotidiano e vivências da cidade neste período de tempo, na perspetiva do olhar de quem “... acordava de madrugada e deambulava pela cidade, para fotografar alguns bocados duma Lisboa, que ia resistindo com dolência ao fulgor dos anos 80 e ao impulso das mudanças dessa década fulgurante, logo após a Revolução de Abril.”

José Vieira Mendes

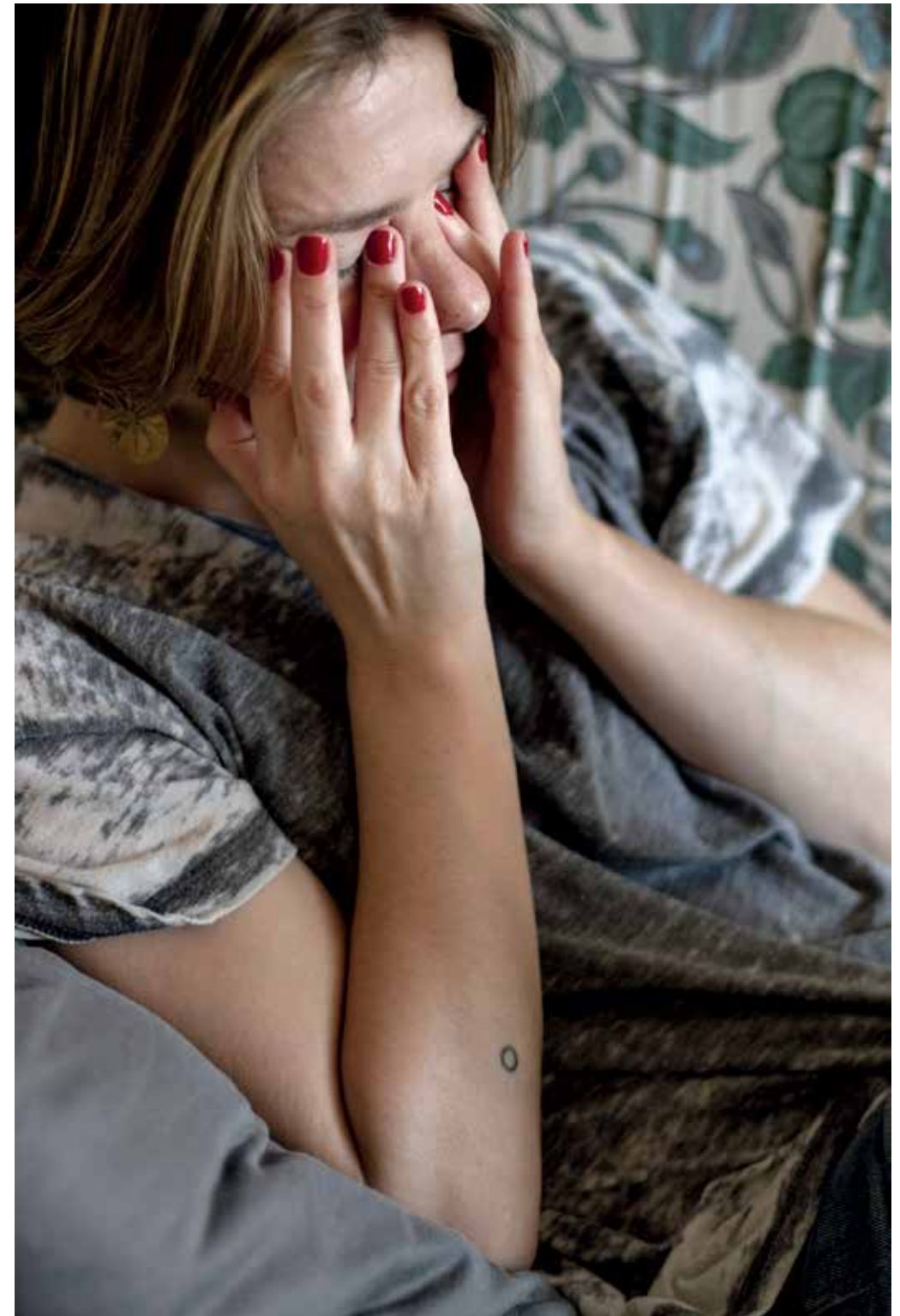


INTERMITÊNCIAS ATELIER DE LISBOA

A *Homem Mau* acolhe a exposição Intermitências que apresenta um conjunto de trabalhos produzidos no Atelier de Lisboa durante o Curso de Projecto em Fotografia e Artes Plásticas orientado por Claudia Fischer e José Luís Neto.

ANA FEIJÃO
CAROLINA TARDIN
FREDERICO BRÍZIDA
JOSÉ PEDRO D'AMORIM
MARGARIDA REIS PEREIRA
PEDRO GIL MENDONÇA
TÂNIA CADIMA

CURATOR
José Luís Neto





Ana Feijão



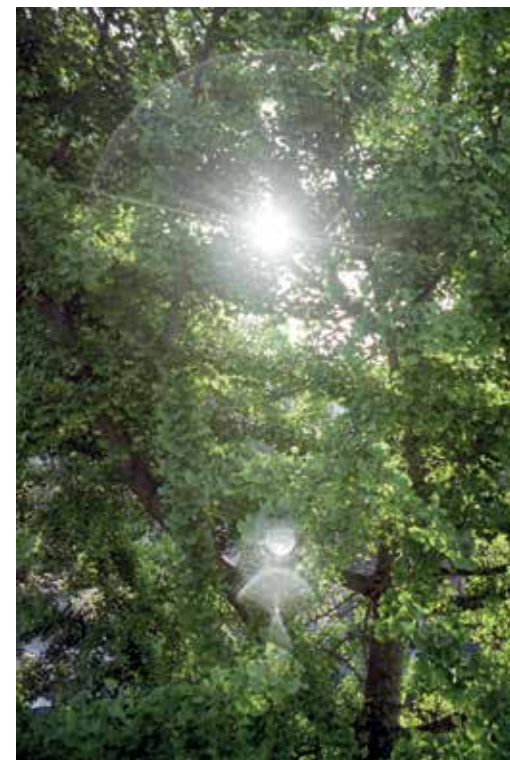
Frederico Brízida



Jose Pedro D'Amorim



Margarida Pereira



Pedro Mendonça

PEDRO QUINTAS

HÁ MAR

Pedro Quintas apresenta um projecto individual: *Há Mar* consiste numa selecção de fotografias realizada ao longo dos anos na praia em frente da sua casa na Costa da Caparica. É uma praia que frequenta desde os dois anos de idade.

Apesar da sua formação como pintor, sempre manteve um trabalho de fotografia paralelo à pratica da pintura onde ao longo do tempo as duas praticas se vão tocando ou afastando, chegando por vezes a diluïrem-se por completo, entrando no território uma da outra e até explorando a ambiguidade da indistinção entre elas.

Pedro Quintas

JORGE MOLDER

BY JORGE MOLDER

Jorge Molder apresenta novos trabalhos num projeto site-specific para a Galeria Belo-Galsterer.

A obra do artista é misteriosa e fascinante, muitas vezes o sujeito retratado é o próprio, sua cara, suas mãos; pontualmente também se foca em objetos soltos cujo significado permanece obscuro. O artista mantém ligações muito estreitas com a filosofia, a literatura e o cinema. Cria imagens inquietantes, explorando os lugares sombrios da alma humana, os seus desejos e ambiguidades.

Alda Galsterer



DAVID INFANTE

IF ALL TIME IS ETERNALLY PRESENT

Na história da fotografia a procura de qualidade na imagem e agilidade temporal na sua concretização, trouxe com ela o aparecimento de valores que ficaram para sempre colados à fotografia, como sejam, o registo ou cópia do real, a simulação da instantaneidade, que serviram como base de apoio ideológico e fundamentação a essa mesma fotografia.

Da compreensão histórica da fotografia, três ideias ressaltam, registo, ficção e imaginação, que assumo como âncoras do processo criativo desta série fotográfica, *If All Time Is Eternally Present*.

If All Time Is Eternally Present, nasce na ideia de que a fotografia tem uma relação com o passado inteiramente temporal, é uma suspensão de um determinado tempo, um registo. Quando me surgem imagens e sou confrontado com esses restos de tempo, as imagens estão carregadas de um passado, de um tempo não concluído.

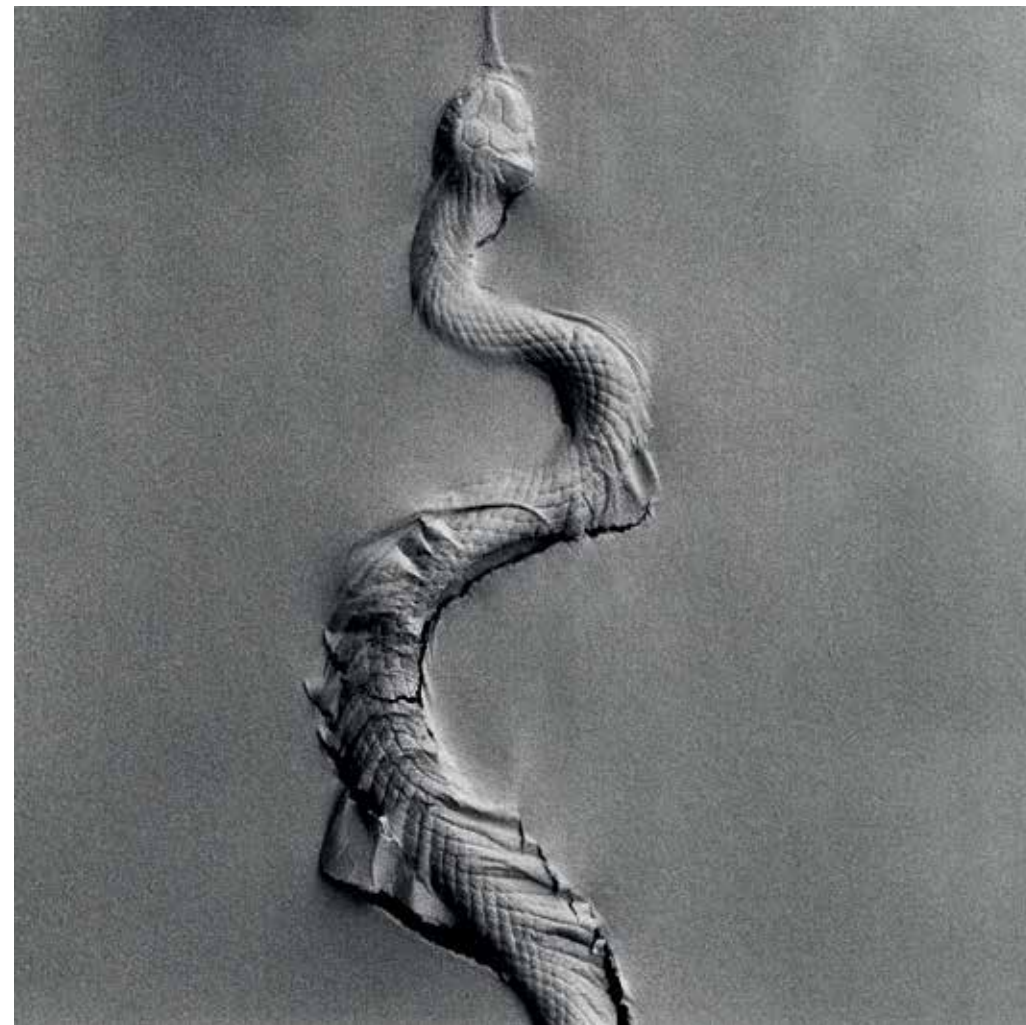
No Séc. XVII Newton cria leis determinantes sobre a matéria e já no Séc. XX, Albert Einstein vem revolucionar tudo até aí compreendido, com a sua teoria da relatividade geral. Mais tarde, Edwin Hubble avança com a prova do universo em expansão, assim chegamos à mecânica quântica e os entendimentos dividem-se entre um universo estático, ou em expansão. O universo em expansão, conceito que me é próximo, é um organismo em constante transformação, onde eventualmente partilhamos todos, partículas que tenham tido a sua origem no Big Bang. Fascina-me a ambiguidade latente nas imagens criadas, a probabilidade da existência de duas realidades antagónicas, os códigos visíveis e invisíveis presentes nas imagens paradoxais, Richard Feynman afirmava que, “O “paradoxo” é apenas um conflito entre a realidade e aquilo que nós pensamos que ela deve ser “.

Enquanto ser humano, sou o resultado de todas as imagens que me rodeiam no meu dia a dia, que me contaminam, a ambivalência entre o palpável e a imaginação. Julgo ser aí, nesse espaço entre o presente e o ausente, que nasce muito do trabalho que procuro realizar, quando crio novas fotografias sobre outras já produzidas, quando desmonto e desfragmentei-o algo que, vai para além das imagens visíveis e entra no imaginário não visível dessas mesmas imagens.

Este corpo de trabalho, *All Time Is Eternally Present*, ao ser contaminado pelas ideias de registo, ficção e imaginação, conceitos inerentes à fotografia tal como ausência e presença, assim como, o movimento associado, remetem-nos para o mistério dessa mesma fotografia, pelo que, para compreender e desvendar esse mistério, só recorrendo às ficções, conseguimos dar corpo e decodificar as nossas experiências reais.

“São precisamente as ficções o que nos permite estruturar a nossa experiência do real”. Slavoj Žižek

David Infante



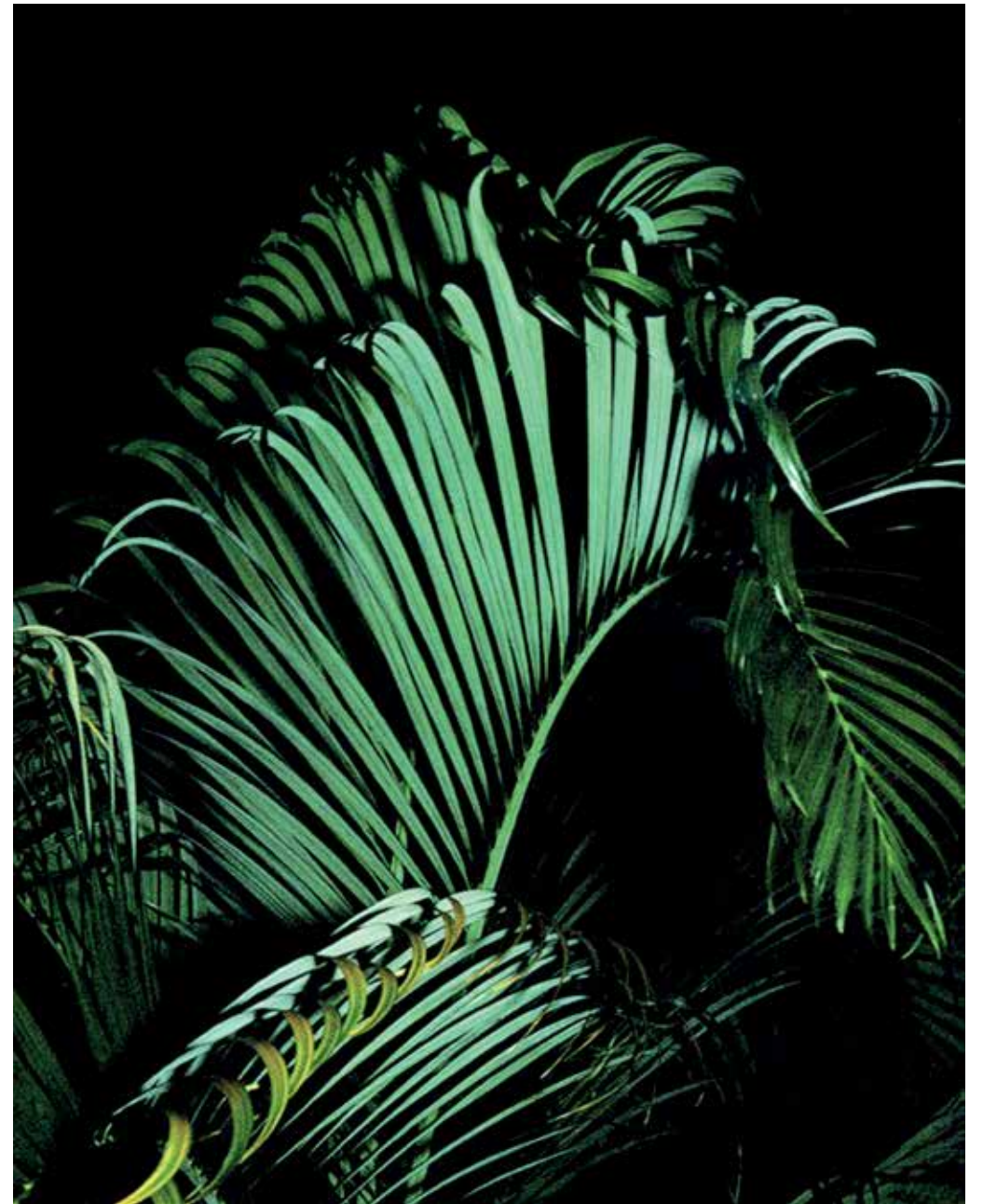
JORDI BURCH

COMO COISA REAL POR FORA, COMO COISA REAL POR DENTRO

As imagens aqui apresentadas resultam da problematização relativamente à expectativa de que a fotografia deva refletir um mundo exterior à sua própria linguagem. Assim, estas imagens refletem não somente a exaustão da estética realista, pautada na ideia de representação, como também a importância do processo e do gesto na sua produção. Estas aproximam-se do campo da reconfiguração: não se trata mais de criar representações desprovidas de linguagem, mas de descobrir imagens que poderão configurar mundos possíveis

Jordi Burch

© Bruno Lopes



COLLECTIVA

RAÍZES DO ERRO

Raízes do erro é uma exposição coletiva de mulheres de várias idades e grupos sociais que, circulando por entre diferentes contextos de socialização, desenvolveram uma reflexão sobre a condição do que é “Ser Jovem, hoje”.

A exposição levanta algumas questões sobre o posicionamento dos jovens perante os fenómenos macrossociais contemporâneos, como sejam as inquietações ambientais e a adopção de estilos de vida saudáveis, as necessidades de pertença e de vinculação, os mecanismos fluidos da construção identitária e os vislumbres especulativos e imaginativos das inúmeras possibilidades de repensar o futuro.

Raízes do erro apresenta discursos simbólicos, a cunhar a experiência reflexiva de cada uma das participantes. Se por um lado, os estados de desproteção e de desamparo configuram uma situação metafórica de abandono, a exploração da autonomia, por outro, denota-se como o grito de liberdade.

Com uma ambivalência subtil, as autoras revelam os medos e as incertezas, os impasses e as possibilidades mas também a riqueza do erro e/ou a ousadia das escolhas.

Alice WR

- ALICE WR
- CECY JUP
- GORETI FERRAZ
- MADALENA MENESES
- MANUELA VAZ
- MARIA INÊS MOUROA
- MARIA LEONARDO CABRITA
- MARIA SÉCIO
- SUSANA MOREIRA
- TÂNIA ARAÚJO
- VERA MARMELO





Alice WR



Tânia Araújo



Maria Inês Mourao



Vera Marmelo



Maria Sécio



Cecy Jup



Goreti Ferraz



Maria Leonardo Cabrita



Susana Moreira

ATIVIDADES ACTIVITIES

LISBOA MEETING POINT

debates

PROJEÇÕES

sonhos lúcidos

FOTOGRAFIA AMBULANTE

PHOTO BOOK CLUB LISBOA

LISBOA PHOTO BOOK FAIR PREVIEW

LANÇAMENTO DA LIVRA

WORKSHOPS

LISBOA MEETING POINT Photo Folio Review

O Portfolio Review está aberto a candidatos de todo o mundo e é uma excelente oportunidade para fotógrafos, quer emergentes quer com carreira já estabelecida, apresentarem os seus projetos a um grupo exclusivo de especialistas na área de fotografia, nomeadamente, curadores e diretores de museus, centros de fotografia e festivais. *O evento acontece em dois períodos e formatos distintos:*

ONLINE

nos dias 21, 23, 28 e 30 de Setembro

LIST OF REVIEWERS

Alejandro Castellote

Independent curator, Spain

Erik Vrooms

Editor for GUP magazine, The Netherlands

Paula Roush

msdm studio / London South Bank University, United Kingdom

Peggy Sue Amison

Curator of East Wing Galery, VAR

Svetlana Bachevanova

Publisher of FotoEvidence, Romania

Trish Lambe

Co-director of Gallery of Photography, Ireland

DEBATES CONVERSAS

O mote desta conversa partirá do visionamento de uma seleção de imagens, resultante da open call Rethinking Nature, efetuada por um conjunto de festivais internacionais de fotografia, dos quais o IMAGO LISBOA faz parte. A relação entre o Homem e a Natureza implica questões ambientais, económicas, sociopolíticas, onde a representação visual assume uma variedade de estratégias e práticas artísticas, empregues pelos autores para pensar, analisar, criticar, sobre as diferentes formas e desafios da relação contemporânea com a Natureza e o planeta.

IPCI -INSTITUTO DE PRODUÇÃO E COMUNICAÇÃO DE IMAGEM RETHINKING NATURE / RETHINKING LANDSCAPE

A FOTOGRAFIA PERANTE O DESAFIO AMBIENTAL:
ESTRATÉGIAS E HORIZONTES

Moderação: João Henriques

Convidados: Céu Guarda, Paulo Catrica

7. 10. > 21h30

Avenida Conde Valbom 102B

ORIENTE – DOIS ESPAÇOS URBANOS

Miguel Henriques

9. 10. > 15h30

Avenida Conde Valbom 102B

CARPINTARIAS DE SÃO LÁZARO THE FAMILY IN TRANSITION

FAMÍLIA E REPRESENTAÇÃO:

ENTRE O CONCEITO E O PRECONCEITO

Moderação: Ulíka Paixão Franco

Convidados: Pauliana Pimentel,

Paulo Côrte-Real

23. 10. > 17h00

Rua de São Lázaro 72

PROJEÇÕES
Slide Show: Rethinking Nature

No início do ano, os festivais de fotografia de Viena (FOTO WIEN), Luxemburgo (Mois européen de la photographie Luxemburgo) e Lisboa (IMAGO LISBOA) lançaram uma open call internacional sobre o tema Rethinking Nature. Das 168 participações de 74 países, 110 artistas foram selecionados e foi produzida uma apresentação de slides contendo imagens que demonstram de forma convincente a importância da fotografia em relação ao tema Homem e Natureza. A apresentação dos slides Rethinking Nature reúne uma grande variedade de pontos de vista sobre a natureza que ilustram, filtram e analisam a ambiguidade presente da nossa visão – parte, habitação sentimental em contemplação nostálgica, parte, ilustração de destruição e exploração do meio ambiente. A distância que a tradução artística não pode evitar colocar entre nós e o sujeito, exige que reconsideremos os múltiplos significados da natureza. Colocar as coisas a uma certa distância tem o potencial de trazer um amplo leque de diferentes pontos de vista sobre a fotografia de paisagem. As imagens selecionadas cobrem um amplo espectro de pensamento artístico que vai da meditação filosófica ao conceito, do documento ao novo romantismo. A compilação de diferentes posições, combinada com a música composta para este slideshow em particular, proporciona uma experiência audiovisual com múltiplas facetas que exploram as relações muito pessoais que temos com a natureza.

IPCI-INSTITUTO DE PRODUÇÃO E COMUNICAÇÃO DE IMAGEM

7. 10. > 21h30
Avenida Conde Valbom 102B

IMAGO GARAGE LISBOA

22. 10. > 21h30
Rua do Vale de Santo António 50C

PROJEÇÕES
Fotógrafos Participantes

Renate Aller, Anita Allyn, Rui Delgado Alves, Regina Anzenberger, Natascha Auenhammer, Sophia Ausweger, Britta Baumann, Elisa Bernhardt, Anna Bischof, Phillipa Bloom, Elizabeth Philotera Bourne, Isabelle Boutriau, Michaela Bruckmüller, Kati Bruder, Elena Aya Bundurakis, Emanuel Cederqvist, Aakriti Chandervanshi, Julius Werner Chromecek, Maurizio Cirillo, Noemi Comi, Martijn de Vries, Matteo Delred, Julia Dorninger, Claudia Dorninger-Lehner, Carmen Eigner, Jonas Fischer, Claudia Fritz, Anita Fuchs, Sarah Gerats, Abhijeet Ghosh, Anne Glassner, Michael Goldgruber, Paul Hart, Beatriz Hasler, Peter Hellekalek, Stein Henningsen, Thelma Herzl, Julia Hitthaler, Luisa Hübner, Regina Hügli, Sabine Jelinek, Oğuz Karakütük, Alek Kawka, Barbara Kenedi, Mathias Kessler, Seulki Ki, Bettina Koller, Genoveva Kriechbaum, Elena Kristofor, Calin Kruse, Claire Laude, Belinda Lawley, Eduardo Leal, Wolfgang Lehrner, Pietro Lo Casto, Catherine Ludwig, Leonardo Magrelli, Sonia Mangiapane, Javier Martínez, Mark Martinko, Pavel Matousek, Sissa Micheli, Martina Mikulka, Claudia Milena, Charlie Morris, Yola Moschitz, Sana Murad, Franziska Nagelová, Michaela Nagyidaiová, Maria Oliveira, Šimon Parec, Benedikt Partenheimer, Isabelle Pateer, Johannes Plate, Marta Pohlmann-Kryszkiewicz, Ligia Poptawska, Herwig Prammer, Kaveer Rai, Nazanin Raissi, Bärbel Reinhard, Simona Reisch, Francisco Ricarte, Peter Rieser, Massimiliano Rossetto, Georg Rothmann, Kai Ruhland, Ioanna Sakellarakis, Marie Sauerhöfer, Liddy Scheffknecht, Michelle Schmollgruber, Anna Siggelkow, Nicole Six und Paul Petritsch, Jakob Sohm, İrem Sözen, Laura Sperl, Rudolf Strobl, Kenan Šutković, Ahmad Tahmasi, Wie-yi Takasaki-Lauw, Aram Tanis, Merve Terzi, Giulia Turro, Robert Vanis, Cristiano Volk, Alice von Alten, Vanja Vukovic, Linda Zechmeister, Alexandra Zedtwitz, Sula Zimmerberger

SONHOS LÚCIDOS
Cabo Verde - das tripas coração

Aos flagelados do vento leste a estiagem já não os afunda o medo... Como um bilhete-postal, a ideia ressoa em jeito de poema, clamando perseverança no infortúnio. A viagem de *Cabo Verde das tripas coração* inaugura-se pela aridez do ondulado vulcânico, atravessado por depauperadas habitações e o mais que a elas se acolhe, para nos conduzir aos restos mortais do Tarrafal, memória de flagelos vetustos. O impulso da vida reclama, porém, audácia e criatividade. Policromias arrojadas estampam-se nas paredes e as músicas vão impondo ritmo aos corpos, enquanto a coragem da denúncia se assume: na ilha do Fogo, a gestão do socorro governamental, aquando o vulcão de 2014, ainda provoca críticas... Aos flagelados do presente há que permitir ver o universo nos grãos da areia negra – escutaríamos antes, enquanto a expedição subia à intimidade dos «rebelados» que, ainda em tempo de Tarrafal, recusaram os «padres de batina branca». Hoje, porém, a originalidade da alma feminina convive com a alvura clerical, da garrida Festa de Nhô Filipe. Colonialismo não rimou só com flagelação; por isso, o amor aos clubes da pátria antiga, ainda resiste...

Fernando Almeida e João Campos não se esquivaram de Cesária Évora – imperdoável era negarem-nos a prodigiosa entrevista com Manu Lima. Estejamos atentos! De caminho, Luís Batista – herdeiro do fabrico e do manuseio de cavaquinhos – é fiador da paternidade bracarense do instrumento. E da pátria actual, a música e a pintura unem-se para preservar memória de Amílcar Cabral e do partido que fundou. Ao despedir-se, a viagem honra a sua legenda, oportuna e certa. As solidões várias da nação verde soltam de novo a poesia: «... quando um homem não se sente bem, põe a trouxa às costas...».

Mário Robalo

MUSEU DO ALJUBE LIBERDADE E RESISTÊNCIA
10. 10. > 15h00

Realização de Fernando Almeida e João Campos
Rua de Augusto Rosa 42

FOTOGRAFIA AMBULANTE
Uma breve História da Fotografia e seus Movimentos por Rui Prata

Entre os diversos objetivos do Imago Lisboa conta-se a contribuição para um maior conhecimento e compreensão da história da fotografia, bem como estratégias para a conquista de novos públicos e desenvolvimento de capacidades interpretativas da imagem fotográfica. Como ação contributiva para alcançar aquelas metas, vai-se realizar uma palestra, que se repetirá em três locais, onde se apresenta uma história concisa da fotografia e dos principais movimentos artísticos.

BIBLIOTECA PALÁCIO GALVEIAS

23. 9. > 18h30
Campo Pequeno

BIBLIOTECA DE MARVILA

2. 10. > 17h00
Rua António Gedeão

PHOTO BOOK LISBOA

The Portfolio Projekt

O Photo Book Club Lisboa é uma organização conjunta, dinamizada pelos fotógrafos Arlindo Pinto, Elisabeth Vieira Alvarez, Paula Arinto, Susana Paiva e pelo designer Fernando Mendes, como representantes do THE PORTFOLIO PROJECT e do NOW_Beato. Tem como objetivos a promoção, reflexão e discussão em torno do livro de fotografia enquanto forma particular de discurso fotográfico, convidando fotógrafos, editores e curadores a apresentar os seus livros de eleição.

ONLINE

1. 10. > 19h30 > 20h30

Pauliana Valente Pimentel

www.paulianavalentepimentel.com

LISBON PHOTO BOOK FAIR PREVIEW

Desde 2010 que a Feira do Livro de Fotografia de Lisboa tem procurado reunir e fomentar todos os que desenvolvem trabalho no domínio da edição de trabalhos fotográficos em formato livro - fotógrafos, editores, livreiros e durante um fim de semana, e ter assim, uma mostra representativa do trabalho desenvolvido ao longo do ano. Em 2021, em antecipação à data habitual da Feira, sempre no último fim de semana de Novembro, e em conjunto com o Festival Imago Lisboa apresenta a LPBF Preview. A LPBF Preview é um evento de um dia e contará com um ciclo de conversas em torno da edição em livro, com alguns dos fotógrafos presentes na edição 2021 do Festival Imago e ainda com um mercado de fotolivros, onde poderão ser encontrados vários dos livreiros e editores, que habitualmente estão presentes durante a Feira do Livro de Fotografia de Lisboa.

IPCI -INSTITUTO DE PRODUÇÃO E COMUNICAÇÃO DE IMAGEM

2. 10. > 10h30 > 17h00

Avenida Conde Valbom 102B

LANÇAMENTO DO LIVRO

Entre as águas de João Mariano

(...) a ribeira que nasce na vertente noroeste do alto da serra de Monchique, junto à Fóia, e desce sinuosa e ondulante até à Ponta Viva, na praia da Amoreira, em Aljezur, sempre foi uma referência afectiva. Acompanhou toda a minha infância, adolescência e continua a acompanhar a minha existência. Foi nela que dei os primeiros mergulhos, foi nela que pesquei os primeiros bordalos, com os amigos, e enguias com o meu pai, foi nela que apanhei à mão pequenos cágados, com os quais brincava em criança... percorri as suas margens e o seu leito vezes sem conta. Nadei e naveguei de canoa nas suas águas, outras tantas... Inconscientemente, sem conseguir resistir ao seu “water appeal”! Agora, com este trabalho, perscrutei a sua alma, entrei profundamente no seu interior e conheci-a ainda mais a fundo. Este é o meu singular tributo a este ziguezagueante ser telúrico recheado de água, cascalho, areia e rochedos (...)

GALERIA IMAGO LISBOA – BIBLIOTECA

16. 10. > 17h30

Rua do Vale de Santo António 50C

WORKSHOPS

O Laboratório de Criação: Paisagens Consentidas procura explorar modos de fazer mais compassados e alinhados com as dinâmicas da natureza, promovendo o desenvolvimento de projetos que reflitam sobre a relação entre natural e o tempo cronológico. Ao longo das quatro sessões os participantes terão contacto com diferentes processos de criação, bem como suportes, e poderão compor as suas representações a partir de um passeio inaugural realizado em torno de terrenos baldios onde a vegetação espontânea se confronta com as mais variadas intervenções urbanísticas. A partir das técnicas de criação apresentadas, os participantes serão livres de explorar as que desejarem, podendo desenvolver composições de pequena, média ou grande escala, em suportes mais ou menos convencionais.

TIRA-OLHOS ASSOCIAÇÃO DE FOTOGRAFIA EXPERIMENTAL

Laboratório de Criação: Paisagens Consentidas

9., 10., 16., 17.10. > 10h30 > 17h00

Formadora: Sofia Silva

Rua Jacinto Nunes 8B

Manual de resiliência para fotógrafos contemporâneos é um pequeno ciclo de ações formativas de reflexão, criação e comunicação na área da fotografia contemporânea que equacionam as possibilidades de continuar a criar, no território da fotografia de autor. Desenvolvido pela EIF - Escola Informal de Fotografia, e orientado pelos criadores Pedro Gil e Susana Paiva, a formação inclui 4 sessões de trabalho, de 4 horas cada, duas online e duas presenciais. A formação decorrerá aos sábados, nos meses de outubro e novembro 2021, sendo limitada ao número máximo de 6 participantes.

GALERIA IMAGO LISBOA

Manual de resiliência para fotógrafos contemporâneos

16.10, 13., 20., 27. 11. > 14h30 > 18h30

Formadores: Pedro Gil e Susana Paiva

Rua do Vale de Santo António 50C

Joakim Eskildsen (Copenhaga, 1971) é um fotógrafo dinamarquês que mora perto de Berlim. Publicou livros, tais como Nordic Signs (1995), Bluetide (1997), iChickenMoon (1999), The Roma Journeys (Steidl 2007), American Realities (Steidl 2016) e Cornwall (2018). O seu trabalho foi amplamente mostrado em exposições, incluindo mostras de observação, no Fotomuseum Winterthur, no Museu Nacional de Fotografia em Copenhaga e no Museu Amos Anderson em Helsínquia. Joakim Eskildsen é representado por People Projects Berlin, Polka Paris, Purdy Hicks London e Robert Morat Berlin.

Alla Dolgaleva nasceu em 1968, em Armavir, região de Krasnodar, Rússia. Formou-se na Universidade Estatal de Rostov-on-Don, no Departamento de Literatura Russa, e na Escola de Fotografia do Instituto Cinematográfico All-Russian State Institute of Cinematography, em Moscovo. Vive e trabalha em Moscovo. É membro do Sindicato dos Artistas de Moscovo. Participou em exposições coletivas na Holanda, Sérvia; e inúmeras exposições coletivas na Rússia, incluindo exposições na Galeria Estatal Tretyakov, Moscovo; Museu Estatal Russo, São Petersburgo; Museu de Arte Moderna de Moscovo; Casa Central dos Artistas, Moscovo. As suas obras fazem parte da coleção do Museu Estatal Russo, em São Petersburgo, e de coleções privadas no Canadá, Alemanha, Japão, Rússia e Suíça.

Annette LeMay Burke é uma artista premiada da área da fotografia, nasceu no norte da Califórnia, e vive no centro de Silicon Valley. Tornou-se uma observadora da evolução da paisagem ocidental desde longa data. Teve a sua primeira aula de câmara escura enquanto frequentava o bacharelato em Ciências da Terra (planeta), na Universidade da Califórnia, em Berkeley. A sua prática fotográfica foca-se agora na forma como interagimos com o mundo natural, nas paisagens construídas pelos artefatos da tecnologia, e nos artefatos mais intangíveis (memórias) que são criados ao longo das nossas vidas. O seu trabalho foi exibido nos Estados Unidos e em outros países. Em maio de 2021, a Daylight Books publicou uma monografia

das imagens das suas torres de rede móveis disfarçadas, intitulada Fauxliage: Torres de redes móveis disfarçadas do oeste americano.

Catherine Panebianco é uma artista cujo trabalho almeja consistentemente por um sentido de lugar, captura memórias e persegue as almas daqueles que amamos no presente, e daqueles que nos continuam a cercar desde o nosso passado. O seu trabalho explora a forma como nos conectamos com outras pessoas, com o nosso passado e com nós mesmos. Panebianco recebeu o prémio LensCulture Critics Choice Top Ten 2020, o prémio CENTER's Project Launch Grant em 2020; e em 2019 fez parte do Top 50 do Critical Mass da Photolucida com a série, No Memory is Ever Alone. Com esta série: foi finalista do Prémio Hopper; 1º lugar no International Photography Awards for Fine Art; finalista do National Photography Awards da Sociedade de Fotografia do Texas; e do Prémio de Portfólio do Concurso Internacional de Fotografia da Baía de São Francisco. O trabalho de Panebianco foi exibido nos E.U.A e internacionalmente em locais como: Griffin Museum of Photography, Soho Photo Gallery, o Center for Fine Art Photography e SE Center for Photography. Foi mencionada na Black + White Magazine, The Guardian, D Repubblica Magazine e Lenscratch.

Charlotta María Hauksdóttir é uma artista islandesa radicada na Califórnia, que trabalha principalmente com fotografia. Reside nos EUA, há mais de 18 anos, mas ainda se inspira no seu país natal, a Islândia. O seu trabalho gira em torno da conexão singular que cada um cria com lugares e momentos no tempo, e com a forma como as memórias incorporam e elevam essas conexões. Charlotta formou-se no Instituto de Arte de São Francisco, com um Mestrado de Belas Artes em Fotografia, em 2004; e formou-se também em Fotografia pelo Instituto Europeu de Design em Roma, em 1997. O seu trabalho já foi exibido em todo o mundo, com exposições individuais nos EUA, Rússia e Islândia, mais recentemente no Museu de Fotografia de Reykjavik. As suas fotografias premiadas foram publicadas em várias revistas e livros, e o seu trabalho está representado em inúmeras coleções públicas e privadas, por todo o mundo.

Diana Velasco é uma artista/fotógrafa de origem dinamarquesa-espanhola, nascida em 1974. Investiga as áreas da identidade, memórias culturais e senso de lugar - relacionado com a sua formação em antropologia, que estudou na Universidade de Washington. Velasco foi indicada para o Lensculture Emerging Talent Award 2017, e em 2019 foi convidada para a exposição Corner em Sophienholm. Em 2021 irá expor no ARoS Museum, O seu trabalho passou a integrar a coleção do Museu Nacional de Fotografia na Dinamarca, em 2019. Velasco expôs individualmente no Museu do Imigrante Dinamarquês, no Museu da Cidade de West Chicago (EUA), Museu da América Dinamarquesa (EUA), Museu do Património Nórdico (EUA), e na Galeria Hans Alf. Participou de exposições coletivas em Charlottenborg, Den Frie Center for Contemporary Art, Overgaden, Brandts, Sophienholm, ARoS, Aarhus Art Museum, NW Gallery, Radar Contemporary's online e Huset i Asnæs, e no estrangeiro no Landskrona Photo-festival (SE) , Reclaim Photography Festival (UK).

Fred Hüning estudou na Escola Ostkreuz em Berlim. O seu trabalho trata maioritariamente de assuntos ligados à intimidade humana, natureza, e ao que ele chamou de “The Things of Life”. Em 2007 recebeu o Prémio Art Prize for Photography Berlin-Brandenburg pelo seu trabalho de graduação “einer”. A sua trilogia de livros fotográficos “einer”, “zwei” e “drei”, foi publicada em 2010/11, pela Peperoni Books de Berlim. Em 2013, e integrou a convite pela curadora Susan Bright, a exposição coletiva e publicação: ‘Home Truths: Photography and Motherhood’. Em 2013, publicou a sua monografia “one circle” (baseada na trilogia); e em 2017, o seu segundo livro trilogia “two mothers”. O seu trabalho foi exibido em festivais de fotografia em toda a Europa, incluindo Reggio Emilia, Darmstadt, Leipzig, Łódź, Kaunas e Arles. As exposições individuais incluem: Gallery Brotfabrik Berlin e Westwerk Hamburg. As exposições coletivas incluem: ‘Home Truths’ na The Photographers’ Gallery London, MoCP Chicago e Belfast Exposed. Em 2019 “einer” foi destaque, no livro “Photography Decoded”, publicado pela TATE London.

Haakon Sand é fotógrafo documental Norueguês. As suas histórias são frequentemente desenvolvidas por acontecimentos próximos ou experiências pessoais. No seu trabalho, fascina-o pequenos momentos que surgem no caos do quotidiano, seja um olhar amigo ou um toque fraternal de uma mãe. Para ele, esses momentos são o que revela a humanidade dentro de nós. A sua ambição é fazer fotografia que seja emocional e vulnerável, tendo esperança em assim envolver e inspirar as pessoas. Estudou fotografia em Londres e fez um mestrado em documentário e fotojornalismo. Atualmente trabalha com documentários na Sandbox Productions, onde colaboro com artistas, músicos e autores. Nasceu e cresceu na Noruega numa pequena ilha no Fiorde de Oslo (Oslofjord).

Johan Bävman (nascido em 1982) é um fotógrafo / cineasta independente que vive em Malmö, Suécia. Combina os seus próprios projetos de fotografia com atribuições jornalísticas em todo o mundo. Entre os anos 2008 e 2011, trabalhou como fotógrafo no Sydsvenskan, um dos maiores jornais da Suécia. Em 2007, formou-se na Nordens Fotoskola, Estocolmo. No passado foi membro da Moment Agency (2007–2015). O seu trabalho foi premiado pela World Press Photo, POY, Sony Award, NPPA, UNICEF Photo Award, TT Photography Award e Picture of the Year (Suécia).

Jorge Fuenbuena participou do programa Plat(t)form Fotomuseum Winterthur (Suíça) e apresentou os seus trabalhos em festivais como Photoespaña, Photo Zurich (Suíça), Lodz Fotofestival (Polónia), Athens Photo Festival (Grécia), Kaunas Photo (Lituânia), Paraty Em Foco (Brasil), Festival de Fotografia Arles (França), Festival Internacional de Fotografia Pingyao (China), Encontros Da Imagem (Portugal), Bitume Photo-fest (Lecce, Itália), Museu Lentos (Linz, Áustria), Getty Images Gallery (Londres), e FLORA Ars e Natura (Colômbia). Foi selecionado para exibição de projeto no Austro Sino Arts Program (Pequim, China), e o seu trabalho foi exibido em Bienais como a Triennale di Milano, a Thessaloniki Biennale (Grécia), e Fotoseptiembre (CEMEX. México DF). O seu trabalho foi selecionado para publicações como “Contexto Crítico: Fotografia española del

s. XXI” (EXIT), e “NEW SPANISH PHOTOGRAPHY, Visions beyond borders” (New York and Washington). Foi ainda selecionado para a exposição Reciente Fotografía de autor en España (Madrid), e consta no livro: “The A-Z of Spanish Photographers”, (La Fábrica).

Katrin Jaquet é uma artista visual e professora que vive em Berlim, na Alemanha. Estudou artes visuais e mixed media, com foco em fotografia, vídeo e instalação. Também estudou filosofia e literatura romântica, o que a levou a passar uma temporada em Paris. No ENSBA (Escola Nacional de Belas Artes de Paris), frequentou aulas teóricas que englobavam uma ampla gama de temas, desde estética a arte política. Essas aulas incentivaram Katrin a trabalhar cada vez mais de forma interdisciplinar e a incluir a teoria da fotografia, a psicologia e a filosofia na sua abordagem fotográfica. Os trabalhos de Katrin foram exibidos internacionalmente e ela recebeu várias bolsas e prémios. Atualmente, está a trabalhar no projeto de um livro, que englobará uma visão geral do seu trabalho.

Ksenia Kuleshova é fotógrafa documental e Embaixadora da Canon, radicada na Alemanha e Bélgica. É natural Rússia, onde atualmente desenvolve um projeto de longa duração. Recebeu a bolsa W. Eugene Smith Student Grant, em 2020; participou da Joop Swart Masterclass 2018; e o seu trabalho foi exibido e publicado internacionalmente, nomeadamente no The New York Times, National Geographic, The Wall Street Journal, DIE ZEIT e GEO França, entre outros.

Schore Mehrdju é uma fotógrafa alemã-iraniana, que se formou na Escola de Fotografia Ostkreuz. Os seus pais fugiram do Irão, onde ela nasceu, após a revolução islâmica. Ela cresceu na Alemanha, local que agora chama de lar. O seu trabalho inclui fotografias, documentos de arquivo e entrevistas, e explora histórias de vida profundamente pessoais. Schore vive e trabalha em Berlim.

Simone Rodrigues é uma artista visual, professora, e editora independente brasileira. Trabalha, desde os anos 90, na organização de exposições

e workshops de arte e fotografia, com ênfase em projetos coletivos. Mestre em História Social da Cultura, atualmente é professora da Escola de Artes Visuais do Parque Lage, no Rio de Janeiro. É diretora editorial da NAU Editora, tendo publicado livros de arte e humanidades. Os seus interesses particulares focam-se nos aspetos simbólicos da fotografia como linguagem visual, as suas hibridizações com outros meios de comunicação (vídeo, objeto, instalações, performance) e as convergências entre ficção e documentário. Em particular, investiga questões de identidade, género, corpo e memória. Publicou em 2016, o seu primeiro livro: “Nomes de Amor”. Em 2019, este projeto integrou a mostra coletiva “O que está acontecendo no Brasil?”, integrada na programação oficial da 50ª ed. comemorativa do festival “Rencontres Arles”, na França. Está representada na Coleção de Joaquim Paiva, e participa na publicação “Fotografia Brasileira, das Origens ao Contemporâneo”, organizada por Angela Magalhães e Nadja Peregrino (Funarte, 2004).

Susanna Kekkonen (Helsínquia – Finlândia), é uma experiente fotógrafa freelancer, que colabora com as maiores revistas da Finlândia. Ultimamente tem trabalhado também como editora de imagens para diversos operadores públicos. Susanna iniciou o projeto Family Album, em 2011, fotografando a sua própria família. Todo o processo de filmagem da série Family Album foi bastante íntimo, mas foi também fortalecedor para ela, e para muitas das famílias com que trabalhou. Esta série foi exibida em várias exposições individuais pela Finlândia. Susanna organizou workshops dirigidos aos visitantes da exposição de forma a fazerem um retrato de família usando o método do Family Album. A Aalto Photo Books, publicou o livro “Family Album” em 2015. Susanna Kekkonen formou-se como Mestre de Artes na Aalto University, Helsínquia, em 2014.

Younes Mohammad nasceu em 1968, em Dohuk, Iraque. É um fotógrafo freelancer curdo, cuja atividade se foca maioritariamente em trabalhos para jornais, revistas. Passou parte da sua vida no Irão como refugiado, de 1974 a 1998, e formou-se com um MBA, pela Universidade de Teerão.

A fotografia era a sua paixão, mas ele não teve oportunidade de segui-la enquanto a situação de guerra ainda se mantinha, no tempo de Saddam. Em 2011, abandonou o emprego e iniciou a sua jornada como fotógrafo. O seu trabalho foi exibido internacionalmente e por inúmeras vezes publicado. Recebeu vários prémios. Atualmente vive em Erbil, Iraque.

Luis Cobelo (Venezuela, 1970). Desde o início da sua carreira em 1993 até aos dias de hoje já participou em vários festivais internacionais, incluindo PHotoEspana, Fotonoviembre, Getxophoto 2011, na Espanha; Fotofestival Horizonte Zingst 2013, na Alemanha; Cortona On The Move 2017 e feira Più libri più liberi, em Roma, Itália; bem como a Bienal Iberoamericana de Fotografia do México; o FotoVeritas, na Costa Rica. Expôs individualmente os seus trabalhos na Venezuela, França, Espanha, Alemanha, Equador e Argentina. Trabalha desde 2001 de forma independente, realizando reportagens fotográficas documentais na América, Ásia e Europa. Em 2011 foi indicado para o prémio UNICEF Foto do Ano, e em 2012 recebeu, na categoria de documentário, o prémio Hasselblad de Fotógrafo Latino-Americano. A exposição “Zurumbático”, da qual fazem parte as imagens apresentadas no festival Imago, já foi apresentada em vários países: Itália, México, Estados Unidos, Espanha, Costa Rica ou Venezuela. Atualmente Cobelo mora em São Francisco (EUA) desde onde promove o seu mais recente projeto “ChasChas”, selecionado como um dos 25 melhores livros para a edição de 2021 do Festival de Arles.

Kovi Konowiecki (Estados Unidos, 1992) nasceu em Long Beach, Califórnia, cidade onde vive atualmente. Graduou-se na Wake Forest University com bacharelato em multimédia, e obteve mestrado em fotografia pela London University of the Arts. Depois de jogar futebol profissionalmente na Europa e em Israel, decidiu focar na fotografia como meio de documentar o mundo ao seu redor. Konowiecki foi selecionado três vezes como finalista para o Taylor Wessing Photographic Portrait Prize, competição na qual foi o primeiro artista indicado com duas imagens para aquele prémio. O seu trabalho foi apresentado em publicações e plataformas como

o British Journal of Photography, i-D, The Guardian, entre muitos outros. Foi selecionado para participar como artista convidado no Red Hook Labs (Brooklyn) em 2018, e já teve a oportunidade de apresentar o seu trabalho em galerias como ROSEGALLERY (Santa Monica, Califórnia) ou National Portrait Gallery, Londres. A editora norte-americana Dead Beat Club publicou o seu último livro em maio passado, intitulado An In its Place, Another.

Bharat Sikka (Índia, 1973) cresceu na Índia, onde trabalhou como fotógrafo, antes de estudar na Parsons School of Design em Nova York, onde obteve um Bacharelato em Belas Artes, em fotografia, e que deu início à sua carreira. Depois de regressar à Índia, e de ter estabelecido uma abordagem para o seu trabalho fotográfico mais próxima das artes plásticas, Bharat dedicou-se a documentar visões contemporâneas da Índia. O seu trabalho gira em torno de questões de identidade, abordando séries que são questionadas no processo de transformação. Desde a sua primeira exposição ‘Indian Men’, apresentada no Artists Space de Nova Iorque, o seu trabalho tem sido apresentado em inúmeras exposições nacionais e internacionais, incluindo o National Museum of India (2008). Bharat contribui para revistas e publicações como The New York Times, The New Yorker, iD, Vogue, Vogue Homme International, Details e Time Magazine. Bharat agora vive e trabalha entre a Europa e a Índia. O seu último projeto, denominado The Sapper e centrado no seu próprio pai, foi apresentado em 2019 na Unseen Amsterdam, e em 2020 na sua galeria Nature Morte em Delhi. Desde então, foi publicado em diversos meios de comunicação e conquistou grande reconhecimento internacional.

Elena Anosova (Rússia, 1983) é uma artista visual que trabalha com fotografia documental e artística, vídeo, material de arquivo e instalações. Originária da região de Baikal (Sibéria, Rússia), atualmente reside entre Moscovo e Irkutsk (Sibéria). Anosova é membro da plataforma MAPS Images, um laboratório criativo e agência de fotografia com sede em Amsterdão. É professora de artes visuais em Moscovo e São Petersburgo em várias instituições, tais como

a Escola de Arte Rodchenko, na qual se formou. A parte mais importante do seu trabalho profissional é dedicado a projetos pessoais de longo prazo, que se focam na vida dentro de instituições, espaços fechados que geram pequenas comunidades, onde analisa como o isolamento afeta as pessoas. O seu trabalho foi publicado em todo o mundo, incluindo na revista National Geographic, na sua edição americana.

Andrea Gjestvang (Noruega, 1981) é uma fotógrafa sediada em Oslo e Berlim, onde realiza trabalhos, e desenvolve projetos pessoais de caráter documental de longo prazo. Com uma abordagem fotográfica intimista, explora os problemas sociais contemporâneos do Hemisfério Norte. Em 2012, finalizou o projeto “Un día en la historia”, com retratos de jovens sobreviventes do atentado terrorista de 22 de julho de 2011, na ilha de Utøya, na Noruega. O projeto recebeu reconhecimento internacional, exposições e prémios, incluindo o prestigiado Fotógrafo do Ano 2013 Iris d’Or / Sony World Photography Awards. Depois de se formar na universidade OsloMet, Gjestvang realizou trabalhos e fez publicações internacionais, como é o caso da Time Magazine, The New York Times, Stern, Newsweek Japan, M Le Monde e Mare, entre outros. O seu trabalho foi exibido em galerias e museus, como o Centro Ullens de Arte Contemporânea de Pequim, o Munchen Stadtmuseum, e o Museu Nacional de Fotografia da Colômbia. Ao longo dos anos, Gjestvang adquiriu uma sólida experiência com o seu trabalho como editora de imagens e professora de fotografia, bem como com curadora de exposições. Andrea Gjestvang é membro da Panos Pictures.

Lionel Jusseret (Bélgica, 1989) é fotógrafo de documentários. Durante os seus anos de estudo na escola de cinema belga INSAS, começou a fotografar crianças autistas na associação francesa J’interviendrais, com a qual colaborou. Em busca de imagens imprevisíveis, Jusseret trabalha na intimidade do seu tema. A sua abordagem é antropológica. Depois de oito anos de imersão, encerrou a sua primeira série Kinderszenen, trabalho pelo qual ganhou o Prix

Levallois de melhor fotógrafo com menos de 35 anos na sua edição de 2020. Nos últimos anos, trabalhou numa casa de repouso a ajudar idosos com Alzheimer, e criou a nova série Casa. Jusseret vive e trabalha em Bruxelas. Apesar da sua juventude, recebeu vários outros prémios e bolsas, como o Primeiro Prémio do júri no Festival Les Nuits Photographiques de Pierrevert 2017, ou as bolsas, Henry Goethals da Fundação L’Estacade 2018 e Vocatio 2017. Também foi nomeado em vários eventos de fotografia, como o .TIFF do Fotomuseum Antwerp 2018; a Master-class de Joop Swart da World Press Photo 2018; ou o Programa de Talentos Global 6 × 6 da World Press Photo 2018.

Juan Valbuena (Madrid, 1973). Fotógrafo fundador da agência NOPHOTO, professor do Mestrado Internacional de Fotografia EFTI, e diretor da editora PHREE, que se dedica a publicações sobre fotografia. Nos seus projetos pessoais, Valbuena aborda questões que se relacionam com viagens, território e memória, e estão contaminados por outras disciplinas como edição, vídeo ou literatura. No momento, está especialmente interessado em contar histórias sobre a relação entre humanos e fotografia. A Sala del Canal, da Comunidade de Madrid, apresentou em 2020 uma retrospectiva da maior parte do seu trabalho como fotógrafo, entre os quais estava o projeto Salitre.

Pauliana Valente Pimentel (Lisboa, 1975). Como artista visual faz exposições regulares desde 1999. Em 2005, participou no curso de fotografia do Programa Gulbenkian Criatividade e Criação Artística. Pertenceu ao colectivo [Kameraphoto] desde 2006 até à sua extinção em 2014. É professora de fotografia autoral. Em 2009 foi publicado o seu primeiro livro de autora “VOL I” (Pierre von Kleist), “Caucase, Souvenirs de Voyage” (Fundação Calouste Gulbenkian) em 2011, em 2018 “Quel Pedra” (Camera Infinita), e em 2019 “Narcisismo das Pequenas Diferenças” (Arquivo Municipal da Câmara de Lisboa). Realiza também filmes. Em 2015 recebeu o prémio de Artes Visuais pela Sociedade Portuguesa de Autores. Em 2016 foi nomeada para o Prémio

NOVO BANCO Photo. Esteve durante 5 anos representada na Galeria 3+1 Arte Contemporânea e 7 anos na Galeria das Salgadeiras, em Lisboa. Atualmente colabora com diversas galerias nacionais e internacionais. Parte da sua obra pertence a colecionadores privados e institucionais.

Sandrine Elberg (1978) é uma artista visual, nascida em Versalhes, França. Vive e trabalha em todos os lugares do Universo. Graduiu-se na Escola Nacional Superior de Belas Artes de Paris (2003) em Fotografia analógica, e em Sorbonne (1997). O seu fascínio por viagens longínquas convida-nos a liderar projetos inspirados nas histórias de Júlio Verne e Georges Méliès. Além disso, a artista inspira-se na busca por territórios, climas hostis que permitam criar fotografias lunares a partir do nosso imaginário coletivo. Quando não está a viajar, fica no seu estúdio de arte e laboratório fotográfico a fazer experiências com luz e químicos. Influenciada pelos artistas surrealistas, Sandrine reduz o meio fotográfico às possibilidades técnicas e estéticas. Sandrine Elberg participou em mais de sessenta exposições em França e na Europa. Após a publicação do seu primeiro fotolivro “Cosmic”, Sandrine Elberg acaba de publicar “MOON”, a sua segunda monografia.

António Catarino. A minha prática fotográfica está quase sempre ligada às viagens: mudar-se, migrar, vaguear. Nasci em Portugal e emigrei, quando criança, para França com a minha família. Talvez isso o explique o desejo de viajar.

Sébastien Cuvelier (1975- *) é um fotógrafo belga que vive e trabalha no Luxemburgo. O seu objetivo é explorar a forma como os humanos constroem e vivem os seus sonhos, fantasias ou esperanças, em busca por um ideal por vezes utópico. Em Gypsy Queens (2013), focou-se na felicidade agridoce das mulheres ciganas ricas da Roménia, que vivem em extravagantes palácios. Em Eunma Town (2015), perseguiu o sonho coreano através de um icónico e simbólico complexo de apartamentos em Seul. O seu último trabalho Paradise City é uma busca utópica por um paraíso perdido no Irão. Sébastien integra as plataformas de talentos emergentes .tiff e Futures. O seu trabalho foi exibido em toda a Europa,

incluindo no Rencontres d’Arles, FOMU Antwerp, e no festival de fotografia de Bienna. Publicou quatro fotolivros autonomamente e outros dois comissionados, o mais recente Paradise City foi lançado pela GOST Books de Londres.

João Henriques, Tomar – Portugal. Possui estudos superiores em Gestão de Empresas, Psicoterapia e Fotografia. No seu trabalho autoral procura cruzar territórios, exteriores e interiores, com questões ontológicas da fotografia, convocando a tensão entre a superfície da imagem e a profundidade da observação.

Miguel Henriques (1970, Lisboa). Licenciou-se em Arquitetura pela Universidade de Lisboa em 1994, e concluiu o Curso Avançado de Fotografia na AR.CO, escola de artes em Lisboa, em 2012. Tem realizado um levantamento fotográfico dos subúrbios de Lisboa desde 2009. Publicou Olivais (edições Pianola) em 2012, Loures (edições 100 heads) em 2015, e Parque das Nações em 2020. Participou na 1.ª edição - Notícias de Portugal, Representação Oficial de Portugal na 14ª Bienal de Arquitetura de Veneza. Publicou os Olivais na Revista Arqa. Realizou várias exposições individuais e coletivas, das quais se destaca Olivais a solo, na Fábrica Braço de Prata, Lisboa, em fevereiro de 2014. De 2012 a 2017, colaborou na organização da Feira do Livro de Fotografia de Lisboa, evento anual que promove o livro.

Maija Annikki Savolainen é uma artista visual que trabalha com fotografia, texto, pedras, e plantas verdes. Ela obteve o seu Mestrado em Arte na área de Fotografia pela Universidade Aalto, em 2014. Com formação em biologia, o seu trabalho tende a combinar ciências naturais e arte de uma forma distinta. Gestos fotográficos e tecnologias de comunicação induzidas pela luz são o foco das suas práticas. Os seus trabalhos foram amplamente expostos na Finlândia e no estrangeiro, mais recentemente na plataforma Transeurope do Museu de Fotografia de Helsínquia e Atenas. Publicou uma monografia com o título When the Sense of Belonging is Bound to a System of Movement em 2014, por Kehrer Verlag. Em paralelo com o seu trabalho, tem participado em várias colaborações: One Picture

Manifesto, Kinship photo, Trojan Horse Summer School, and Maanantai-collective.

Maria-Magdalena Ianchis (Roménia, 1982). Atualmente vive e trabalha em Viena e Reykjavik. De 2014 a 2019, estudou com Bryndís Snæbjörnsdóttir (Academia de Artes da Islândia) e Gabriele Rothemann (Universidade de Artes Aplicadas, Viena). O seu trabalho cobre um amplo espectro de meios de comunicação, que inclui fotografia, vídeo, som, objetos, instalação, performance e projetos interativos. Os seus trabalhos atuais focam as mudanças climáticas antropogénicas e a forma como essas mudanças se manifestam no degelo dos glaciares. Face aos catastróficos desenvolvimentos económicos, sociais e ecológicos, qualquer posicionamento como mero observador é colocado em questão. Os temas da sua exploração artística incluem fenómenos que não podem ser tocados fisicamente, como mitos, lendas, o mundo dos sonhos, e o mundo interior dos seres humanos. Maria-Magdalena Ianchis participou em exposições internacionais, tanto individuais como coletivas.

Vanja Bučan (1973) é uma fotógrafa eslovena que vive e trabalha em Berlim, na Alemanha. Formou-se na Royal Academy of Fine Arts de Haia, no departamento de fotografia documental. Antes de se tornar fotógrafa profissional, estudou sociologia na Faculdade de Ciências Sociais de Ljubljana e participou ativamente no ativismo ambiental, algo que é evidente na sua obra artística. A maioria dos seus projetos é centrada na sua própria visão da natureza e na forma como nós, humanos, a subjugamos. O seu trabalho foi premiado e exibido em diversas e importantes exposições coletivas internacionais, bienais e mostras individuais. Entre eles estão Kunsthau Wien (AU), Museu Benaki / Festival de Fotografia de Atenas (GR), Biel Fototage (CH), Festival Circulations (FR), CAFA Art Museum Beijing, Lishui Art Museum (CN), Photo London, Photo Basel, Mês Europeu da Fotografia Bratislava (SK), Galerija Photon (SI), Talent Latent (ES), Viennacontemporary (AU), Vento Solar (BR), Leica Gallery Wetzlar (DE), Neue Schule für Fotografie, Berlim (DE), Positions Art Fair Berlin (DE), Artget Gallery Belgrado (SR), Poznan Photobiennale (PL).

Inka (Finlândia) e **Niclas** (Suécia) **Lindergård** são uma dupla de artistas premiados que trabalha principalmente com arte fotográfica. Trabalham juntos desde 2007 e vivem em Estocolmo, Suécia. Ao focar na reinterpretação da paisagem, através da fotografia, foto-escultura e instalação desenvolveram um corpo de trabalho coerente que engloba séries icónicas como O Cinturão de Vênus e a Sombra da Terra(2013), Becoming Wilderness(2013),Visa Point(2014) Family Portraits (2015) e 4K Ultra HD (2018) e mais recentemente Luminous Matter (2018.Os seus trabalhos foram exibidos e publicados internacionalmente em mais de 30 exposições nos últimos anos, e fazem parte de coleções privadas na Suécia, Noruega, Dinamarca, Alemanha, Holanda, Reino Unido, Suíça, Eslováquia, Portugal, França, EUA, Canadá,China, Brasil e Porto Rico. Fazem ainda parte da coleção e exposição permanente do Museu de Arte de Gotemburgo (Suécia), Museu Fries (T Holanda) e da Agência de Arte Pública (Suécia). O seu primeiro livro Watching Humans Watching (2012, Kehrer Verlag) ganhou o Photobook sueco Price 2012 e foi nomeado para o Photobook Price alemão em 2013. O seu segundo livro O Cinturão de Vênus e a Sombra da Terra(2016, Kerber Verlag) foi premiado com o Swedish Book Art Award 2016 e nomeado para The Swedish Photo Book Price 2018. Estes artistas foram nomeados para os prémios Foam Paul Huf (2012) e Emop Arendt (2020) e receberam o Swedish Author’s Fund (2013, 2017) e Swedish Arts Committee (2014, 2020). Esta dupla é representada pela Galeria Dorothee Nilsson em Berlim

Danila Tkachenko nasceu em Moscovo, em 1989. Em 2014 graduou-se na Escola de Fotografia e Multimédia Rodchenko, em Moscovo, no departamento de fotografia documental. No mesmo ano foi vencedor do concurso World Press Photo 2014, com o projeto “Escape” no qual trabalhou durante 3 anos. Em 2015 concluiu o projeto “Restricted Areas” que recebeu vários prémios internacionais, incluindo European Publishers Award na categoria Fotografia, Burn Magazine grant, e foi também incluído na revista holandesa Foam Talents. Em 2016 completou a série “Lost Horizon”, em 2017 publicou os projetos “Mother-

land” e “Monuments” que causaram uma alargada reação do público. Em 2018 a convite dos Museus do Catar, Danila realizou a série “Oasis”. Em 2019 completou as séries “Heroes” e “Acid”. As fotos de Tkachenko foram publicadas em revistas como BBC Culture, The Guardian, IMA Magazine, GUP Magazine, British Journal of Photography, National Geographic. As obras de Danila estão incluídas nas seguintes coleções: MOMA (EUA, São Francisco), Sammlung Spallart (Áustria, Salzburgo), The Salsali Private Museum (SPM) (Emirados Árabes Unidos, Dubai).

Anastasia Mityukova é uma artista visual que vive e trabalha em Genebra. Atualmente está a terminar o seu mestrado em práticas artísticas contemporâneas na HEAD - Escola de Arte e Design de Genebra. A sua primeira exposição individual com o “Projeto Iceworm” foi no Museu Folkwang com curadoria de Thomas Seelig, em 2018. Também foi finalista do UNSEEN Dummy Award 2018, do Liège Photobook Festival 2018 e do 2018 Photoforum Pasquart Prize em Bienna. Atualmente está a terminar a sua pesquisa artística baseada no “Projeto Iceworm”, entre Qaanaaq (Groenlândia) e Genebra, graças à bolsa de documentário da FMAC (CH). Em paralelo com a prática fotográfica, co-dirige a feira “Photo-books Switzerland”.

Mikhail Bushkov nasceu em 1985, em Rostov-on-Don, Rússia. Formou-se na Rostov State University em Matemática Aplicada, mais tarde desenvolveu a paixão pela fotografia e pelo cinema, e formou-se nessa área na Escola de Cinema e Teatro Marina Razbezhkina e Mikhail Ugarov, em Moscovo. Participou de vários workshops e residências enquanto era estudante do magnânimo fotógrafo, Alex Majoli. Atualmente Mikhail vive e trabalha em Zurique, na Suíça, onde combina a fotografia com trabalho como informático.

Olga Bushkova nasceu em 1988 e cresceu em Rostov-on-Don, Rússia. Estudou na Rostov State University e fez mestrado em Matemática Aplicada. Logo após a sua formatura em 2011, mudou-se para Zurique, na Suíça, com o seu marido Mikhail. Desde então, Olga produziu dois

álbuns de fotos: “A Google Wife” (publicado pela Dalpine em 2017) e “How I tried to convince my husband to have children” (publicado pela Witty Books em 2020), e tem também trabalhado em vários projetos pessoais de fotografia. Os seus livros foram selecionados e/ou premiados em festivais como: Prémio Unseen Dummy, Flip Photobook Award, Author Book Award em Les Rencontres de la photographie, Fiebre Dummy Award, Photoboxx Award, etc.

Valter Vinagre, (Anadia, 1954), estudou fotografia entre 1986 e 1989 no Ar.Co – Centro de Arte e Comunicação Visual, em Lisboa. Destacam-se as exposições individuais em território nacional e internacional: Cá na Terra, Arquivo Fotográfico Municipal, Lisboa; Bored in the USA, Centro Cultural Emmerico Nunes, Sines; Espírito nas Ilhas, Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro, Brasil; Húmus, Centro Cultural de Cascais/ Fundação D. Luís I; Olha, Galeria Torreão Nascente da Cordoaria Nacional, Lisboa; Posto de Trabalho, Museu da Electricidade/ Fundação EDP, Lisboa; Rouge, Bleu, Mauve et Vert, Maison d’Image, Tunes, Tunísia; Da Natureza das Coisas, Travessa da Ermida, Lisboa; Sob o Signo da Lua, Casa das Artes, Tavira, Centro Cultural Raiano, Idanha-a-Nova, e Katowice Miasto Ogrodów, Polónia. Somam-se inúmeras participações em mostras coletivas, em locais entre as quais: Cordoaria Nacional, Lisboa; CAV – Centro de Artes Visuais, Coimbra; Fundação Eugénio de Almeida, Évora; Museu Berardo, Lisboa; PhotoEspana; CIAJG – Centro Internacional das Artes José de Guimarães, Guimarães, e Museu Nacional de Etnologia, Lisboa; Fundação PLMJ, MAAT – Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia, Lisboa, e The Kreeger Museum, Washington, EUA. Recebeu em 2016 o Prémio Autores da SPA para Melhor Trabalho de Fotografia com Posto de Trabalho. Foi ainda Prémio da 6ª Bienal de Fotografia de Vila Franca de Xira em 1999 com Corpo Insanu.

José Vieira Mendes (Lisboa, 1960). Jornalista, crítico e programador de cinema. Fotógrafo por intuição. É licenciado em Comunicação Social e pós-graduado em Produção de Televisão pelo ISCSP-Instituto Superior de Ciências Sociais

e Políticas da Universidade de Lisboa. Profissionalmente já fez muitas coisas: entregas de moto, vendeu bilhetes para espetáculos, foi assistente de sala em auditórios e teatros, trabalhou em jornais e revistas, como jornalista e editor-chefe, mas as imagens sempre foram a sua paixão: a fotografia e o cinema. Há quase três décadas que trabalha como jornalista e crítico de cinema: foi diretor-fundador da PREMIERE-A revista de cinema, durante 10 anos, onde além da escrita fez muitas reportagens escritas e fotográficas de festivais de cinema e rodagens de filmes. Fez ainda comentários e programas de televisão sobre cinema, na RTP e na TVI. Está a desenvolver e a organizar o seu vasto portfólio fotográfico de vários anos, de várias cidades, lugares e ambientes que conheceu, onde fotografa sobretudo as pessoas, as suas ações e gestos, como nos filmes.

Ana Feijão (Lisboa, 1983). Cresceu no interior do país e só voltou a viver em Lisboa para estudar Arquitectura Paisagista. Durante os anos de faculdade, iniciou o seu activismo estudantil e no combate à precariedade. Tem fotografado, desde 2010, as manifestações e iniciativas das organizações de que faz parte ou com as quais se identifica. Este é o primeiro trabalho fotográfico fora do contexto militante.

Carolina Tardin (Rio de Janeiro, 1994). Trabalha com imagens e as possibilidades dos média através da fotografia. Concluiu o bacharelado em Comunicação na Escola Superior de Propaganda e Marketing do Rio de Janeiro, Brasil, 2016. Cursou a Pós-Graduação em Fotografia Contemporânea na Faculdade de Belas-Artes de Lisboa, 2019. Teve seus projetos expostos nas coletivas “Desvio”, no espaço Amor Records Lisboa; e “Em CC — suspensão e gravidade”, FBAUL (2019). Seus trabalhos têm ênfase na escrita diarística, poética e nos processos manuais da fotografia analógica.

Frederico Brizida (Lisboa, 1991). Vive e trabalha em Lisboa. Licenciado em Escultura pela Faculdade de Belas Artes de Lisboa (2012). Das exposições individuais contam-se: ‘Equimose’ na Galeria Graça Brandão, Lisboa (2019) e ‘#trompe-

lesprit’ na galeria Painel, Porto (2017). Algumas das exposições coletivas que participou: ‘BF20 - Bienal de Fotografia de Vila Franca de Xira’, Celeiro da Patriarcal, Vila Franca de Xira (2021); ‘Leite Derramado’, Zaratan, Lisboa (2021); ‘I Will Take The Risk’, Tomaz Hipólito Studio, Lisboa (2020); ‘Olhar a Eternidade’, Cooperativa Árvore, Porto (2017); ‘A Meio de Qualquer Coisa’, Galeria Graça Brandão, Lisboa (2016); ‘EMMA’, Red Bull House of Art, Lisboa (2012).

Margarida Reis Pereira (Lisboa, 1990). Vive e trabalha em Lisboa. Arquitecta pela Faculdade de Arquitectura de Lisboa (2008-13). Aluna do curso de Projecto em Fotografia e Artes Visuais no Atelier de Lisboa (2020-21). Seleccionada para uma bolsa de residência artística da Ci.clo - Bienal de Fotografia do Porto, que culmina numa exposição itinerante, com presença na Bienal de Fotografia do Porto e no Festival de Fotografia de Lodz.

José Pedro D’Amorim, nasceu em Lisboa (Portugal) onde actualmente reside e trabalha. Arquitecto pela Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa (actualmente Universidade de Lisboa) e pelo Istituto Universitario di Architettura di Venezia.

Pedro Gil Mendonça é um artista e fotógrafo brasileiro nascido no Rio de Janeiro em 1990. É formado em Fotografia pela Faculdade Cambury e também fez pós-graduação em Discursos da Fotografia Contemporânea pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa (Fbaul). Atualmente faz o Mestrado em Arte Multimédia pela Fbaul. Tem a fotografia como base da sua prática artística, mas também a tem ampliado para práticas transmédia. Participou de exposições no Brasil e em Portugal.

Tânia Cadima nasceu em Coimbra em 1979, mas foi na Marinha Grande que cresceu. Concluiu em 2002 a Licenciatura em Design de Comunicação, pela Universidade de Aveiro, exercendo, desde então, a profissão de designer gráfica. Recebeu em 2013 o 1º prémio Novos Talentos Fnac Fotografia com o trabalho Brejo. Frequenta Cursos de Fotografia no Atelier de Lisboa desde

2013, de onde nasceram Clepsidra, Berenice e Odds and Ends, trabalhos que participaram em exposições coletivas. Em 2017 expôs Berenice no mjlmo, Museu da Imagem em Movimento, em Leiria. Atualmente é fotógrafa residente da companhia Hipérion – Projeto Teatral. Vive e trabalha em Lisboa.

Jorge Molder nasceu em Lisboa, em 1947. Licenciou-se em Filosofia na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Recebeu o Prémio AICA/Portugal (2006/07) e o Grande Prémio Fundação EDP / Arte (2010). Representou Portugal na 48ª Bienal de Veneza (1999) e foi artista convidado da 24ª Bienal de São Paulo. Tendo começado a expor individualmente em 1977, realizou inúmeras exposições individuais e exposições coletivas em museus nacionais e internacionais de relevância, como The Art Institute of Chicago; Hamburger Kunsthalle; Palais de Beaux Arts de Bruxelles; MAM, Rio de Janeiro; Maison Européenne de la Photographie, Paris; La Maison Rouge/ Collection Marin Karmiz, Paris; MNCARS, Madrid; Fundação EDP / MAAT, Lisboa; Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa; Serralves, Porto; entre outros. Integra várias coleções de museus e coleções institucionais internacionais.

Pedro Quintas nasceu em Lisboa, em 1972. Terminou o curso de pintura e Curso Avançado da Ar.co em Lisboa nos anos 90, e tem apresentado o seu trabalho desde então. Pedro Quintas realizou exposições relevantes com a Galeria Fernando Santos, Porto, a Galeria Belo-Galsterer, Lisboa, e o Museu Coleção Berardo, Lisboa, bem como no MEIAC, Badajoz. A sua obra faz parte de coleções institucionais como Coleção António Cachola / MACE, Elvas; Coleção AR.CO, Lisboa; Coleção Museu Berardo, Lisboa; Coleção EDP/ MAAT; Coleção PLMJ, Lisboa, entre outras. Integra também várias coleções privadas portuguesas e estrangeiras.

David Infante é mestre em Fotografia pela universidade Royal College of Arts, 2017. Em 2007 recebe o prémio Pedro Miguel Frade, atribuído pelo Centro Português de Fotografia. Recebeu o prémio Bes revelação em 2008 pelo (antigo)

Banco Espírito Santo / museu de Serralves. Em 2018 é selecionado e expõem no prémio Amadeo Sousa Cardoso, Amarante. Tem mostrado o seu trabalho em várias galerias e museus. As mostras mais recentes, foram na galeria, La Ira de Dios em Buenos Aires, Argentina 2016, off print Tate Modern, Londres, Reino Unido 2017, Mirror Without a Memory na galeria modulo, Lisboa, Portugal 2018 e Black and White” na Sociedade Nacional de Belas Artes, Lisboa, Portugal 2018. O seu trabalho tem sido referenciado em várias publicações, destacando-se a entrevista para revista British Of Journal Photography, Reino Unido, 2017. Também está representado em coleções publicas e privadas. Ensina como professor convidado na Escola de Artes da Universidade de Évora e é doutorando na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa.

Jordi Burch nasceu em Barcelona, em 1979, cresceu em Lisboa, e vive em São Paulo há cerca de dez anos. Estudou Fotografia no Ar.Co, Centro de Arte e Comunicação Visual. Fez parte do colectivo Kameraphoto. Colaborou com vários órgãos da imprensa: Grande Reportagem, Público, Expresso, Folha de São Paulo, Le Monde, Financial Times. Desde 2008 tem vindo a expor com regularidade em museus e galerias, colectiva e individualmente: Plataforma Revólver (Lisboa), Museu Nacional de Arte Antiga (Lisboa), Museu da Electricidade (Lisboa), Centro Cultural de Luanda (Luanda), Museu Afro Brasil (São Paulo), Galeria Nara Roesler (São Paulo), Janaina Torres Galeria (São Paulo), PhotoEspaña (Cuenca). Em 2015, publicou o livro Havia Sol e Éramos Novos, que fez parte da exposição Fotos contam fatos (Galeria Vermelha, São Paulo). É representado pela Janaina Torres Galeria. Em 2016, participou na Bienal de Arquitectura de Veneza, com a exposição Neighbourhood, do Pavilhão de Portugal.

Alice WR (Lisboa, 1959) Artista visual, fotógrafa freelancer com trabalhos de cariz autoral e documental. Formadora e Facilitadora de aprendizagens informais em Fotografia. Integra a Agência Calipo desde 2016. Participa em projetos artísticos e expõe individual e coletivamente

desde 2006, no contexto nacional e internacional, nomeadamente no Brasil, Espanha ou Finlândia. Recentemente fez o Curso de Curadoria e outra(s) história(s): disputas, narrativas e produção de conhecimento (Universidade Nova de Lisboa, FCSH, agosto 2018) e participou nos Workshops “Corpo e autorrepresentação.” com Lilian Barbon, (2020),” Pushing the limits of the photographic act”, com Antoine d’Agata; “Como evitar la perdida” com Paulo Nozolino (La Plantation, Orense, Espanha, 2019 e 2017). Em 2020 participou em várias exposições de que se destaca “Sem limites” (Forum da Maia) e “Sobre ser” (Fábrica Braço de Prata) e ainda Yhteyksiä |Conexões, em Helsínquia.

Madalena Meneses (1992). Fotógrafa analógica independente. A mais nova em casa de uma família portuguesa e francesa. Estudou Artes e Humanidades na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, mas par hasard caiu de para-quedas num laboratório de fotografia a preto e branco. Fez-se Luz. Converteu-se ao analógico, também, por acreditar que less is more. Tem vindo a explorar a sua identidade fotográfica maioritariamente através do Movimento Expressão Fotográfica e da Imagerie - Casa de Imagens. Em fevereiro de 2020 passou pelo Diamantino Labo Photo, em Paris, para descobrir a impressão analógica de grandes formatos a cores.

Cecy Jup (Grândola, 1968). Licenciou-se em Ensino de Português-Inglês pela Universidade de Évora. Reside atualmente em Aveiro. Desde cedo se interessou pelas artes tendo feito algumas incursões pela pintura, nomeadamente a óleo. Foi precisamente no seguimento dessa paixão pela pintura, e pela necessidade de captar alguns pormenores, que a fotografia surge com mais expressão na sua vida e se torna também ela uma paixão, uma aventura e um escape ao quotidiano. Não tem formação na área da fotografia, move-se essencialmente pela curiosidade e pelo gosto em captar/inventar imagens. Tem uma predileção especial pela fotografia a preto e branco e por temáticas com uma vertente impressionista, mas gosta de se aventurar por vários caminhos e experimentar sempre coisas novas. Participou

no livro “Fotografia a P&B A Nossa Escolha”. Tem um notebook publicado por The Rolling Square Editions. Divulga os seus trabalhos em sites da especialidade, não aspirando a mais do que continuar a partilhar as suas imagens.

Goreti Ferraz (Porto, 1968). Desde cedo gostou da companhia da máquina fotográfica para o registo de momentos, espaços e pessoas. A fotografia é forma de comunicar, de contar histórias. Em janeiro de 2020 participou na exposição coletiva de final do Curso de Iniciação á fotografia pelo Estúdio 151 realizada no Mercado Ferreira Borges no Porto. Em 2021, terminou o Curso Profissional de Fotografia no IPCI – Porto.

Manuela Vaz (Porto, 1958). Tem a fotografia como forma de expressão para contar histórias. Fez formação no Instituto Português de Fotografia, 2006. Em 2018 concluiu o Master em Fotografia Artística no Instituto Português de Comunicação e Imagem (IPCI). Expõe regularmente os seus trabalhos desde 2000, em exposições individuais e colectivas em Portugal e no estrangeiro. A referir, em Espanha, França, Luxemburgo, Rússia e Sérvia. Tem trabalho publicado em livros e em revistas da especialidade, e obras suas em colecções privadas.

Maria Inês Mouro (Póvoa de Varzim, 1996). Estudante de Fotografia na Escola Superior de Media Artes e Design. Artista visual. Contadora de histórias visuais. Para além da fotografia, gosta de conjugar o desenho, o bordado e a escrita com o que pretende criar. Iniciou o seu percurso académico em engenharia informática, curso de que desistiria mais tarde. Na Universidade do Minho, juntou-se ao Coro Académico da Universidade do Minho, onde, através dos cargos que exerceu, redescobriu o seu interesse pela área visual e comunicativa de forma artística e criativa. Sai do curso de engenharia informática e ingressa no Instituto de Produção Cultural e Imagem onde realiza, com sucesso, o Curso Profissional de Fotografia. Não saciada, decide voltar ao ambiente académico, em 2020, para se licenciar em fotografia. Em 2020 participou nas leituras de portfólio da fetart – the collective e do FotoRio.

Maria Leonardo Cabrita (1989). Licenciou-se em Escultura pela Faculdade de Belas-Artes de Lisboa em 2011 e terminou o Mestrado Arte e Multimédia pela mesma faculdade em 2018. Em 2014 radicou-se em Berlim e actualmente vive em Lisboa e Munique onde termina um novo diploma na classe de Fotografia na Academia de Belas-Artes. Participou em várias exposições, de que destaca: Private Lives 2012 – Centro Cultural de Cascais; Colectivo S/ sensível – Arquivo Fotográfico de Lisboa, 2012; Ciclo da Fotografia Portuguesa no Brasil, Museu Municipal de Arte (MuMA) de Curitiba, 2014; Prisma Bahnhof, integrada no Ciclo do Cinema Português de Berlim, 2015, Vulcano, na Akademie der Bildenden Künste em Munique, na Casa de Cultura de Setúbal, 2018, e no espaço Lothringer13 Halle, Munique 2020. Em 2020 foi nomeada para o prémio Förderpreise Fotografia em Munique na Alemanha. Ganhou as bolsas Fotografia Experimental pela fundação Bösenberg Stiftung para projeto Min Min Light em 2019 e Especialização e Valorização Profissional em Artes pela fundação Gulbenkian em 2017. Desde 2015 as suas fotografias fazem parte da coleção do Museu Municipal de Arte (MuMA), Brasil.

Maria Sécio (Lisboa, 1994), é uma artista portuguesa, que vive em Berlim. Estudo na escola especializada no Ensino Artístico António Arroio, e foi viver para Inglaterra onde estudou Produção para Cinema e Fotografia, na Arts University Bournemouth. Fez residências artísticas no Studio Kura (Itoshima) e em Tryfon Arts Residency (Lesbos). Tem trabalho publicado em revistas em Milão, Berlim e Lisboa. Em 2020 teve a sua primeira exposição individual “The calm Before”, na Mina Gallery em Amesterdão; e ganhou o primeiro Prémio “Novos talentos FNAC 2020”.

Susana Moreira (Lisboa, 1991). Licenciada e pós-graduada em Escultura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa. Acrescenta também o curso Fotografia em Movimento pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Com a sua formação em Escultura, leccionou um workshop de técnicas de madeira no Mercado das Artes em Proença-a-Nova e participou na

montagem da exposição Lightcraft no Palácio Belmonte, dos artistas Jana Matejkova-Middleton & Rory Middleton, com curadoria de Mário Caeiro e Philip Cabau em Lisboa. Entre as exposições que fez destacam-se o simpósio de Escultura Monsanto invade a cidade no parque florestal de Monsanto, exposição de Escultura no ISEG, Festival FDUL Experience, Esculturas no Palácio no Palácio Marquês de Pombal em Oeiras, Colectiva de Escultura em Aljustrel, Colectiva de Escultura em Proença-a-Nova, 2º Encontro Fotográfico em Arruda dos Vinhos e Mostra 2020 em Lisboa.

Tânia Araújo (Portugal, 1980). Licenciada em Audiovisual e Multimédia na Escola Superior Comunicação Social. Tem o curso Profissional de Fotojornalismo pelo CENJOR. Entre 2012/2018 foi produtora dos Workshop de Fotografia Documental na República da Armênia, Índia, Marrocos, São Tomé e Príncipe, China e Irão. Em 2012 realizou uma formação pedagógica e fotográfica no Centro Madre Trindade em Dilor – Timor-Leste. Jovem Criadora selecionada para representar a comitiva portuguesa no 1º Congresso Internacional da Juventude “Great Silk Way”, Baku – Azerbaijão, 2012. Desde 2003 faz parte dos órgãos diretivos do MEF – Movimento de Expressão Fotográfica. Em 2011 realizou uma residência artística pela Scoala de Poetica Fotografica “Francisc Mraz”, em Bucareste e uma residência artística no projeto EVA – Exclusão de Valor Acrescentado – Bairro da Bela Vista, em Setúbal, a convite do Clube Português de Artes e Ideias, financiado pelo Programa Escolhas e pela Secretaria de Estado da Cultura/ DGArtes. Selecionada na área de fotografia no Concurso Jovens Criadores em 2009 e 2010. Em 2009 e 2017 foi artista finalista nos Encontros de Imagem Braga.

Vera Marmelo. Fotografa música, com olhos de ver, desde 2006. Autodidata e motivada desde o início pelo Out.fest e Barreiro Rocks, e por uma cena musical no eixo Barreiro-Lisboa. Passados mais de 15 desde o início, os músicos, os concertos, as salas, os festivais e as ocasiões mais ou menos especiais vão-se multiplicando e o seu arquivo pessoal crescendo.

Biographies

Joakim Eskildsen (Copenhagen, 1971) is a Danish photographer based near Berlin. He has published books including Nordic Signs (1995), Bluetide (1997), iChickenMoon (1999), The Roma Journeys (Steidl 2007), American Realities (Steidl 2016), and Cornwall (2018). His work has been shown extensively in exhibitions including survey shows at Fotomuseum Winterthur, The National Museum of Photography in Copenhagen, and the Amos Anderson Museum in Helsinki. Joakim Eskildsen is represented by Persons Projects Berlin, Polka Paris, Purdy Hicks London, and Robert Morat Berlin.

Alla Dolgaleva was born in 1968 in Armavir, Krasnodar region, Russia. Graduated from the Rostov-on-Don State University, Russian Literature Department, and the Photo School of the All-Russian State Institute of Cinematography, Moscow. Lives and works in Moscow. Member of Moscow Union of Artists. Participated in group exhibitions in the Netherlands, Serbia, and numerous group exhibitions in Russia, including exhibitions at the State Tretyakov Gallery, Moscow, the State Russian Museum, Saint Petersburg, Moscow Museum of Modern Art, Central House of Artists, Moscow. Her works are in the collection of the State Russian Museum, Saint Petersburg, and in private collections in Canada, Germany, Japan, Russia, and Switzerland.

Annette LeMay Burke is an award-winning photographic artist and Northern California native who lives in the heart of Silicon Valley. She is a longtime observer of the evolution of the western landscape. She took her first darkroom class while earning a BA in Earth Science from the University of California at Berkeley. Her photographic practice now focuses on how we interact with the natural world, the landscapes constructed by the artifacts of technology, and the more intangible artifacts (memories) that are created throughout our lives. Her work has been exhibited throughout the US and internationally. In May 2021, Daylight Books published a monograph of her disguised cell phone tower images titled Fauxliage: Disguised Cell Phone Towers of the American West.

Catherine Panebianco is an artist whose work consistently longs for a sense of place, catches hold of memories and chases the spirits of those we currently love, and those that continue surround us from our past. Her work explores how we connect with others, with our past, and with ourselves. Panebianco received the 2020 LensCulture Critics Choice Top Ten Award, 2020 CENTER’s Project Launch Award and was a 2019 Photolucida’s Critical Mass Top 50 for her series, No Memory is Ever Alone. The series was also a finalist for the Hopper Prize; won 1st place in the International Photography Awards for Fine Art; was a finalist for the National Photography Awards for the Texas Photographic Society & a San Francisco Bay International Photography Competition Portfolio Award. Panebianco’s work has been exhibited in the U.S. and internationally in venues such as: Griffin Museum of Photography, Soho Photo Gallery, the Center for Fine Art Photography and SE Center for Photography. She has been featured in Black + White Magazine, The Guardian, D Repubblica Magazine and Lenscratch.

Charlotta María Hauksdóttir is an Icelandic artist based in California, working primarily in photography. Residing in the USA for over 18 years, she still draws inspiration from her home country Iceland. Her work centers around the unique connection one has to places and moments in time, and how memories embody and elevate those connections. Charlotta graduated from the San Francisco Art Institute with an MFA in Photography, in 2004, and received a BA in Photography from the Istituto Europeo di Design in Rome, Italy, in 1997. Her work has been exhibited around the world, with solo exhibitions in the USA, Russia, and Iceland, most recently at the Reykjavik Museum of Photography. Her award-winning photographs have been published in several magazines and books and her work is part of numerous public and private collections all over the world.

Diana Velasco is a Danish-Spanish Fine Arts Photographer born in 1974. Velasco investigates the areas of identity, cultural memories, and sense of place – all very much related to her

background in Anthropology, which she studied at the University of Washington. Velasco was nominated for Lensculture Emerging Talent Award 2017, in 2019 she was invited guest artist at Corner's exhibition at Sophienholm, in 2021 she is going to exhibit at AROS Museum and from 2019 her work has been a part of the collection of the National Museum of Photography in Denmark. Velasco has exhibited solo at The Danish Immigrant Museum, West Chicago City Museum (US), Danish America Museum (US), Nordic Heritage Museum (US), and at Hans Alf Gallery. Furthermore, Velasco has participated in group shows at Charlottenborg, Den Frie Center for Contemporary Art, Overgaden, Brandts, Sophienholm, AROS, Aarhus Art Museum, NW Gallery, Radar Contemporary's online exhibition and Huset i Asnæs, and abroad at Landskrona Photofestival (SE), Reclaim Photography Festival (UK).

Fred Hüning studied at Ostkreuz School Berlin. He is mostly working with subjects connected to human intimacy, nature and what he called "The Things of Life". In 2007 he received the Art Prize for Photography Berlin-Brandenburg for his diploma work "einer". His photobook trilogy "einer", "zwei" and "drei" was published 2010/11 by Peperoni Books Berlin. 2013 the trilogy was invited by curator Susan Bright for her group show and book 'Home Truths: Photography and Motherhood'. In 2013 bis monograph "one circle" (based on the trilogy) was published. 2017 his second book trilogy "two mothers" was published. His work has been shown in photography festivals across Europe, including Reggio Emilia, Darmstadt, Leipzig, Łódź, Kaunas and Arles. Solo exhibitions include Gallery Brotfabrik Berlin and Westwerk Hamburg. Group shows include 'Home Truths' at The Photographers' Gallery London, MoCP Chicago and Belfast Exposed. 2019 "einer" was featured in the book "Photography Decoded", published by TATE London.

Haakon Sand is a Norwegian documentary photographer. His stories are often lead by things close to him or personal experiences. He is fascinated by the small moments that appear in the chaos of everyday life, if it is a friendly gaze or a loving touch from a mother. These moments

reveal the humanity within us. His ambition is to make photography that is emotional and vulnerable, which hopefully will engage and inspire people. He has studied photography in London and have an MA in documentary and photojournalism. Currently, he is working with documentary film at Sandbox productions, collaborating with artists, musicians, and authors. He has born and raised in Norway on a small island in the Oslofjord.

Johan Bävman (born 1982) is a freelance photographer / filmmaker based in Malmö, Sweden. He combines his own photography projects with journalistic assignments around the globe. Between the years 2008 and 2011, he worked as a staff photographer at Sydsvenskan, one of the largest newspapers in Sweden. He graduated from Nordens Fotoskola, Stockholm 2007. He was previously a member of Moment Agency [2007–2015]. His work has been awarded by World Press Photo, POY, Sony Award, NPPA, UNICEF Photo Award, TT Photography Award and Picture of The Year (Sweden).

Jorge Fuembuena has participated in program Plat(t)form Fotomuseum Winterthur (Switzerland), and has presented his work in exhibitions at festivals such as Photoespaña, Photo Zurich (Switzerland), Łódź Fotofestiwal (Poland), Athens Photo Festival (Greece), Kaunas Photo (Lithuania), Paraty Em Foco(Brazil), Arlés Photography Festival(France), International Festival of Photography Pingyao (China), Encontros Da Imagem (Portugal), Bitume Photofest (Lecce, Italy), Lentos Museum (Linz, Austria), Getty Images Gallery (London) or FLORA Ars and Natura (Colombia). Selected in the Austro Sino Arts Program project exhibition (Beijing, China), his work is shown in Biennials such as the Triennale di Milano, the Thesaloniki Bienale (Greece), Fotoseptiembre (CCEMEX, Mexico D.F.). His work has been selected for the publication Contexto Crítico: Fotografía española del s. XXI (EXIT), and also for the publication NEW SPANISH PHOTOGRAPHY, Visions beyond borders (New York and Washington). Selected for the exhibition Reciente Fotografía de autor en España (Madrid), he was included in the book The A-Z of Spanish Photographers (La Fábrica).

Katrin Jaquet is a visual artist and educator living in Berlin, Germany. She studied visual arts in a mixed media class, focusing on photography, video and installation. She also studied philosophy and romance literature which led her to spend some time in Paris. At the ENSBA-a, she attended theory classes covering a wide range from aesthetics to political art. These classes encouraged her to work more in an interdisciplinary way and to refer to photo theory, psychology and philosophy in her photographic approach. Katrin's works have been shown internationally and she received several grants and prizes. Currently, she is working on a book project with an overview of her works.

Ksenia Kuleshova is a documentary photographer and Canon Ambassador based in Germany, Belgium, and her native Russia where she's currently working on her long-term projects. She was the recipient of the 2020 W. Eugene Smith Student Grant, was a participant in the 2018 Joop Swart Masterclass, and her work has been exhibited and published internationally, including in The New York Times, National Geographic, The Wall Street Journal, DIE ZEIT, and GEO France, among others.

Schore Mehrdju is a German-Iranian photographer who graduated from the Ostkreuz School of Photography. Her parents fled Iran, where she was born, after the Islamic revolution. She grew up in Germany, which she now calls home. Her work comprises photographs, archive documents and interviews and explores deeply personal life stories. Schore lives and works in Berlin.

Simone Rodrigues is a Brazilian visual artist, educator and independent publisher. She works (since the 90's) with the organization of art and photography exhibitions and workshops, with emphasis on collective projects. Master in Social History of Culture, she is currently a professor at the Parque Lage School of Visual Arts, in Rio de Janeiro. She is also editorial director at NAU Editora, publishing art and humanities books. Her special interests are the symbolic aspects of photography as a visual language, their hybridizations with other media (video, object, installa-

tions, performance) and the convergences between fiction and documentary works. In particular, her work investigates issues of identity, gender, body and memory. She launched her first authorial book in 2016, the project Names of Love. In 2019, this project was part of the group exhibition, "What is going on in Brazil?", which was part of the official program of the 50th commemorative edition of the "Rencontres Arles" festival in France. She has a few pieces of work in Joaquim Paiva's Collection and participates in the publication "Fotografia Brasileira, das Origens ao Contemporâneo", organized by Angela Magalhães and Nadja Peregrino (Funarte, 2004).

Susanna Kekkonen (Helsinki – Finland) is a Finnish photographer, who mostly makes her living by shooting for some of the largest magazines in Finland. Lately she has been working also as picture editor for different public operators. Susanna started the Family Album project in 2011 by photographing her own family. The whole process of shooting Family Album series felt quite intimate but also empowering as well for Susanna and many of the families. The series has been showing several solo exhibitions around Finland. Susanna has arranged workshops for the exhibition visitors to come to make a family portrait using the method of Family Album. Aalto Photo Books published a book: "Family Album" 2015. Susanna Kekkonen has graduated in Masters of Arts in Aalto university, Helsinki in 2014.

Younes Mohammad is Born in 1968 in Dohuk, Iraq. He's a Kurdish freelance photographer mostly active on assignments for newspapers and magazines. He spent his life in Iran as a refugee from 1974 - 1998 and graduated with an MBA University of Tehran. Photography was his passion but he had no chance to follow it while the war situation was still continuing Under Saddam's time. In 2011 he quits his job and starts his journey as a photographer. His work has been exhibited internationally and published widely in publications. He has received numerous awards. He is now based in Erbil, Iraq.

Luis Cabelo (Venezuela, 1970). From the beginning of his career in 1993 until nowadays, he has participated in several international festivals, including PHotoEspaña, Fotonovembre, Getxophoto 2011, in Spain; Fotofestival Horizonte Zingst 2013, in Germany; Cortona On The Move 2017 and Più libri più liberi fair, in Rome, Italy; as well as the Bienal Iberomaericana de Foto de México; FotoVeritas, in Costa Rica. He exhibited his works individually in Venezuela, France, Spain, Germany, Ecuador and Argentina. He has been working independently since 2001, carrying out documentary photographic reports in America, Asia and Europe. In 2011 he was nominated for the UNICEF Photo of the Year award, and in 2012 he received, in the documentary category, the Hasselblad Latin American Photographer Award. The exhibition “Zurumbático”, which includes the images presented at the Imago festival, has already been presented in several countries: Italy, Mexico, United States, Spain, Costa Rica or Venezuela. Currently Cabelo lives in San Francisco (USA) from where he promotes his latest project “ChasChas”, selected as one of the 25 best books for the 2021 edition of the Arles Festival.

Kovi Konowiecki (United States, 1992) was born in Long Beach, California, the city where he currently lives. He graduated from Wake Forest University with a BA in Media, and a Masters in Photography from the London University of the Arts. After playing football professionally in Europe and Israel, he decided to focus on photography as a means of documenting the world around him. Konowiecki was selected three times as a finalist for the Taylor Wessing Photographic Portrait Prize, a competition in which he was the first artist nominated with two images for that prize. His work has been featured in publications and platforms such as the British Journal of Photography, iD, The Guardian, among many others. He was selected to participate as a guest artist at Red Hook Labs (Brooklyn) in 2018, and has already had the opportunity to present his work in galleries such as ROSEGALLERY (Santa Monica, California) or National Portrait Gallery, London. The North American Publisher Dead Beat Club published its last book last May, entitled An In its Place, Another.

Bharat Sikka (India, 1973) grew up in India, where he worked as a photographer before studying at Parsons School of Design in New York, where he earned a Bachelor of Fine Arts degree in photography, which launched his career. After returning to India, and having established an approach to his photographic work closer to the fine arts, Bharat devoted himself to documenting contemporary visions of India. His work revolves around issues of identity, addressing series that are questioned in the transformation process. Since his first exhibition 'Indian Men', presented at Artists Space New York, his work has been featured in numerous national and international exhibitions, including the National Museum of India (2008). Bharat contributes to magazines and publications such as The New York Times, The New Yorker, iD, Vogue, Vogue Homme International, Details and Time Magazine. Bharat now lives and works between Europe and India. His latest project, called The Sapper, which is focused on his own father, was presented in 2019 at Unseen Amsterdam, and in 2020 at his gallery Nature Morte in Delhi. Since then, it has been published in various media and has reached great international recognition.

Elena Anosova (Russia, 1983) is a visual artist who works with documentary and artistic photography, video, archival material and installations. Originally from the Baikal region (Siberia, Russia), she currently lives between Moscow and Irkutsk (Siberia). Anosova is a member of the MAPS Images platform, a creative laboratory and photography agency based in Amsterdam. She teaches visual arts in Moscow and St. Petersburg at various institutions, such as the Rodchenko School of Art, from which she graduated. The most important part of her professional work is dedicated to long-term personal projects, which focus on life within institutions, closed spaces that generate small communities, where she analyses how isolation can affect people. Her work was published all over the world, including the National Geographic magazine, in its American edition.

Andrea Gjestvang (Norway, 1981) is a photographer based in Oslo and Berlin, where she works and develops personal projects with a long-term documentary character. With an intimate photographic approach, she explores contemporary social problems in the Northern Hemisphere. In 2012, she completed the project “One day in History”, with portraits of young survivors of the July 22, 2011 terrorist attack on the island of Utøya, Norway. The project has received international recognition, exhibitions and awards, including the prestigious 2013 Photographer of the Year Iris d'Or / Sony World Photography Awards. After graduating from OsloMet University, Gjestvang has worked and published internationally in Time Magazine, The New York Times, Stern, Newsweek Japan, M Le Monde and Mare, among others. Her work has been exhibited in galleries and museums such as the Ullens Center for Contemporary Art in Beijing, the Munchen Stadtmuseum, and the National Museum of Photography in Colombia. Over the years, Gjestvang has gained solid experience from her work as an image editor and photography teacher, as well as an exhibition curator. Andrea Gjestvang is a member of Panos Pictures.

Lionel Jusseret (Belgium, 1989) is a documentary photographer. During his years of study at the Belgian film school INSAS, he began photographing autistic children in the French association J'interviendrais, with which he collaborated. In search of unpredictable images, Jusseret works in the intimacy of his subject. His approach is anthropological. After eight years of immersion, he ended his first series Kinderszenen, work for which he won the Prix Levallois for best photographer under 35 in its 2020 edition. In recent years, he worked in a nursing home helping elderly people with Alzheimer's, and created the new series Casa. Jusseret lives and works in Brussels. Despite his youth, he received several other awards and scholarships, such as the First Prize from the jury at the Festival Les Nuits Photographiques de Pierrevert 2017, or the scholarships, Henry Goethals from the L'Estacade Foundation 2018 and Vocatio 2017. He was also nominated at various photography events, such as Fotomuseum Antwerp 2018's .TIFF; the

World Press Photo 2018 Joop Swart Masterclass; or the World Press Photo 2018 Global 6 × 6 Talent Program.

Juan Valbuena (Madrid, 1973). Founding photographer of the NOPHOTO agency, professor at the EFTI International Master of Photography, and director of the publishing house PHREE, which is dedicated to publications on photography. In his personal projects, Valbuena addresses issues related to traveling, territory and memory, and are contaminated by other disciplines such as editing, video or literature. At the moment, he is especially interested in telling stories about the relationship between humans and photography. The Sala del Canal, from the Community of Madrid, presented in 2020 a retrospective of most of his work as a photographer, among which was the project Salitre.

Pauliana Valente Pimentel (Lisbon, 1975). As a visual artist she has been producing collective and solo exhibitions since 1999. In 2005 she took part in the photography course of the Gulbenkian Creativity and Artistic Creation Program. She was member of the [Kameraphoto] collective from 2006 until its extinction in 2014. She is a teacher of Author Photography. Her first book, “VOL I” was published in 2009, by Pierre Von Kleist, “Caucase, Souvenirs de Voyage” in 2011 by Gulbenkian Foundation “Quel Pedra” by Camera Infinita in 2018 and “Narcisismo das Pequenas Diferenças” by Municipal Archive of the Lisbon in 2019. She also produced several films. In 2015 she won the prize for the best photographic work of the year by the Portuguese Author Society and in 2016 she was nominee for the Novo Banco prize. She was represented for 5 years by Galeria 3+1 Arte Contemporânea and 7 years by Galeria das Salgadeiras, in Lisbon. Nowadays she collaborates with several galleries in Europe. Part of her work belongs to private and institutional collections.

Sandrine Elberg (1978) is a visual artist, born in Versailles, France. Lives & works everywhere in the Universe. She is graduated from the Ecole Nationale Supérieure des Beaux-arts in Paris (2003) in analogue Photography and Sorbonne

(1997). Her attraction to distant journeys invites us to lead projects inspired by the stories of Jules Verne and Georges Méliès. Also, the artist is inspired in search of territories, hostile climates to create lunar photographs from our collective imagination. When she is not traveling, she stays in her art studio & photolab to make light and chemical experiments. Influenced by the surrealist artists, she declines the photographic medium to technical and aesthetic possibilities. Sandrine Elberg has participated in more than sixty exhibitions in France and in Europe. After her first photobook “Cosmic”, Sandrine Elberg has just published “M.O.O.N” her second monography.

António Catarino. My photographic practice is almost always linked to travel: moving, migrating, wandering. I was born in Portugal and emigrated as a child to France with my family. Perhaps that explains the desire to travel.

Sébastien Cuvelier (1975-*) is a Belgian photographer living and working in Luxembourg. His goal is to explore how humans build and live their dreams, fantasies or hopes in search of a sometimes utopian ideal. In *Gypsy Queens* (2013), he focused on the bittersweet happiness of wealthy Roma women living in extravagant palaces. In *Eunma Town* (2015), he chased the Korean dream through an iconic and symbolic Seoul apartment complex. His latest work *Paradise City* is a utopian quest for a lost paradise in Iran. Sébastien is part of .tiff and Futures platforms of emerging talents. His work has been shown across Europe, including at *Rencontres d'Arles*, *FOMU Antwerp* and *Bienne* photography festival. He published four personal and two commissioned photobooks, the latest *Paradise City* released by GOST Books, London.

João Henriques, Tomar – Portugal. He has studies in Business Management, Psychotherapy and Photography. In his authorial work, he seeks to cross territories, exterior and interior, with ontological issues of photography, summoning the tension between the surface of the image and the depth of observation.

Miguel Henriques (1970, Lisbon). Has graduated in Architecture at Lisbon University in 1994, and he completed the Advanced Photography Course at AR.CO Lisbon Art School in 2012. Since 2009 he has been producing a photographic survey of Lisbon's suburbs. He published *Olivais* (Pianola editions) in 2012, *Loures* (100 heads editions) in 2015 and *Parque das Nações* in 2020. He participated on the 1st edition of - News from Portugal, the Portuguese Official Representation at the 14th Architectural Biennale of Venice. He published *Olivais* on *Arqa Magazine*. He held several solo and group exhibitions, from which it stands out the solo *Olivais*, at *Fábrica Braço de Prata*, Lisbon in February 2014. From 2012 to 2017, he collaborated in the organization of the Lisbon's Photobook Fair, an annual event that promotes his photobook.

Maija Annikki Savolainen is a visual artist working with photography, text, stones, and green plants. She gained her Master of Arts in Photography from Aalto University in 2014. With a background studying biology, her work tends to combine natural sciences and art in a distinctive way. Photographic gestures and light-induced communication technologies are at the core of her practices. Her works have been on exhibition widely in Finland and abroad, most recently in the Transeurope-platform in Museum of Photography in Helsinki and Athens. She has published a monograph with the title *When the Sense of Belonging is Bound to a System of Movement* in 2014 by Kehrer Verlag. Alongside her own practice she has been working in various collaborations: *One Picture Manifesto*, *Kinship* photo, *Trojan Horse Summer School*, and *Maanantai*-collective.

Maria-Magdalena Ianchis (Romania, 1982). She currently lives and works in Vienna and Reykjavik. From 2014 to 2019 she studied with Bryndís Snæbjörnsdóttir (Iceland Academy of the Arts) and Gabriele Rothemann (University of Applied Arts, Vienna). Her work covers a broad spectrum of media that includes photography, video, sound, objects, installation, performance, and interactive projects. Her current works focus on anthropogenic climate change and its manifestation in the melting of our glaciers. Given the fatal

economic, social, and ecological developments, any form of standing by passively and watching is called into question. The leitmotifs of her artistic exploration include phenomena that are not directly tangible physically, such as myths, legends, the world of dreams, and the inner world of human beings. Maria-Magdalena Ianchis has participated in international solo and group exhibitions.

Vanja Bučan (b. 1973) is a Slovenian photographer who lives and works in Berlin, Germany. She graduated at the Royal Academy of Fine Arts in The Hague, in the department of documentary photography. Before becoming a professional photographer, she studied sociology at the Faculty of Social Sciences in Ljubljana and actively took part in environmental activism, which is conceptually evident in her artistic oeuvre. The majority of her projects are centered on her own vision of nature and the way we humans subjugate it. Her work has been awarded and exhibited in several major international group exhibitions, biennials, and solo shows. Among them are *Kunsthaut Wien* (AU), *Benaki Museum / Athens Photo Festival* (GR), *Biel Fototage* (CH), *Circulations(s) Festival* (FR), *CAFA Art Museum Beijing*, *Lishui Art Museum* (CN), *Photo London*, *Photo Basel*, *European Month of Photography Bratislava* (SK), *Galerija Photon* (SI), *Talent Latent* (ES), *Vienna-contemporary* (AU), *Vento Solar* (BR), *Leica Gallery Wetzlar* (DE), *Neue Schule für Fotografie*, Berlin (DE), *Positions Art Fair Berlin* (DE), *Artget Gallery Belgrade* (SR), *Poznan Photobiennale* (PL).

Inka (Finland) and **Niclas** (Sweden) **Lindergård** is an awarded artist duo who works primarily with photography-based art. They have worked together since 2007 and live in Stockholm, Sweden. By focusing on the reinterpretation of the landscape, through photography, photo-sculpture and installation they developed a coherent body of work that comprises already iconic series like *The Belt of Venus* and *The Shadow of the Earth* (2013), *Becoming Wilderness* (2013), *Visa Point* (2014) *Family Portraits* (2015) and *4K Ultra HD* (2018) and more recently *Luminous Matter* (2018). Their works have been

exhibited and published internationally on a regular basis with participation in more than 30 exhibitions the last years and are included in private collections in Sweden, Norway, Denmark, Germany, the Netherlands, UK, Switzerland, Slovakia, Portugal, France, USA, Canada, China, Brazil and Puerto Rico as well as in the permanent collection and exhibition at the Gothenburg Museum of Art (Sweden), Fries Museum (The Netherlands) and the Public Art Agency (Sweden). Their first book *Watching Humans Watching* (2012, Kehrer Verlag) won the Swedish Photobook Price 2012 and were nominated for the German Photobook Price in 2013. Their second book *The Belt of Venus and the Shadow of the Earth* (2016, Kerber Verlag) was awarded the Swedish Book Art Award 2016 and nominated to The Swedish Photo Book Price 2018. They were also nominated to *Foam Paul Huf Award* (2012) and *Emop Arendt Award* (2020) and granted by the Swedish Author's Fund (2013, 2017) and Swedish Arts Committee (2014, 2020). They are represented by the Dorothee Nilsson Gallery in Berlin.

Danila Tkachenko was born in Moscow in 1989. In 2014 he graduated from the Rodchenko Moscow School of Photography and Multimedia, department of documentary photography. In the same year he became the winner of the World Press Photo 2014 competition with the project “Escape” which he worked on for 3 years. In 2015 he finished the project “Restricted Areas” which has received a number of international awards including European Publishers Award For Photography, Burn Magazine grant, and included in the Dutch magazine *Foam Talents*. In 2016 completed series “Lost Horizon”, in 2017 published projects “Motherland” and “Monuments” which have caused a wide public response. In 2018 by the invitation of Qatar Museums Danila realized the series “Oasis”. In 2019 completed series “Heroes” and “Acid”. Tkachenko's photos were published in such magazines as BBC Culture, The Guardian, IMA Magazine, GUP Magazine, British Journal of Photography, National Geographic. Danila's works are included in the following collections: MOMA (USA, San Francisco), Sammlung Spallart (Austria, Salzburg), The Salsali Private Museum (SPM) (United Arab Emirates, Dubai).

Anastasia Mityukova is a visual artist; she lives and works in Geneva. She is currently finishing her MA in contemporary artistic practices at the HEAD — Geneva School of Art and Design. Her first solo show with the “Project Iceworm” was at the Folkwang Museum curated by Thomas Seelig in 2018. She was also finalist for the UNSEEN Dummy Award 2018, the Liège Photobook Festival 2018 and the 2018 Photoforum Pasquart Prize in Bienne. She’s currently finishing her artistic research based on “Project Iceworm”, between Qaanaaq (Greenland) and Geneva thanks to the documentary grant from the FMAC (CH). Besides the photography practice she co-directs the fair “Photobooks Switzerland”.

Mikhail Bushkov (1985) was born in Rostov-on-Don, Russia. He graduated from Rostov State University with a degree in applied mathematics, but later developed passion towards photography and filmmaking, graduated from Marina Razbezhkina and Mikhail Ugarov School of Documentary Cinema and Theater in Moscow and took part in several workshops and residencies while also being a student of Magnum photographer, Alex Majoli. Currently Mikhail lives and works in Zürich, Switzerland. He combines photography with working in IT.

Olga Bushkova (1988) was born and grew up in Rostov-on-Don, Russia. She studied in Rostov State University and has a master’s degree in Applied Mathematics. Right after her graduation in 2011 she moved to Zürich, Switzerland with her husband Mikhail. Since then Olga has produced two photobooks: “A Google Wife” (published by Dalpine in 2017) and “How I tried to convince my husband to have children” (published by Witty Books in 2020), and has been working on a number of personal photography projects. Her books have been shortlisted or awarded at such festivals like: Unseen Dummy Award, Flip Photobook Award, Author Book Award at Les Rencontres de la photographie, Fiebre Dummy Award, Photoboxx Award etc.

translations

SOLOEXHIBITION

JOAKIM ESKILDSEN

Page 8

CUBAN STUDIES

Joakim Eskildsen is known for his socio-political monographs such as *The Roma Journeys* and *American Realities*, depicting communities on the fringe. Despite seemingly melancholic undertones, Eskildsen achieves an overwhelming closeness and intimacy in his work, often by living alongside his subjects for long periods of time. *Cuban Studies* is the result of several journeys Joakim Eskildsen undertook in the country in a period of major transition following the economic reforms. “It was a time of optimism and uncertainty, and great hopes for the future. From the first day on, I was intrigued by the country, its people, and the complex history of colonialism and communism that was ever visually present. The more I learned about Cuba, the more difficult it became to understand. It was like learning to see the world from a different angle, so distinct from what I knew that I decided to keep an open mind and take the position of the listener.”

CORNWALL

The latest region Joakim Eskildsen worked on was Cornwall on the South Coast of England. He describes its allure in his own words: “...given that my favorite lighting is found amongst thick fog, the climate on the English peninsula couldn’t have been better. Rain, fog and storms were the norm, and blue skies the exception. Cornwall is, in many aspects, a place full of contrast. Despite the smallness in size, one will encounter both overgrown wetlands and steep cliffs in the highlands. The coastline is full of quaint fishing villages with restaurants, stores and a great deal of tourism, while the towns further inland are often rundown without many possibilities for the people living there.” Cornwall is perhaps less focused on portraits than we are used to in Eskildsen’s previous work; and while there is indeed a human presence, towns and villages are often depicted without people. But there is a much greater absence implied throughout Cornwall. Where are the industries that once prospered in this region? Where are the communities that once thrived? The references to effects of urbanization in Cornwall are understated but they are there, if you are looking for them; hidden beneath the Dickensian fog Eskildsen so favors. His subtle layering of subject matter and empathetic approach create a humanistic portrayal of a phenomenon that has become all too recognizable. Combined with his Renaissance-like use of natural light, Eskildsen’s presents the ever-changing Cornish landscape in an eerily beautiful way.

HOME WORKS

Homework is an on going project beginning in 2005 when Joakim Eskildsen became a father, and turned his focus on his immediate surroundings. During the course of the years, he and his family lived in seven different homes in three different countries, and finally settled with their two children South of Berlin. “The whole process of having children is so interesting,” Eskildsen says. “They have been very inspiring to follow, and to discover the world and landscapes together with. The unwavering connection of children to nature gives me a lot of hope. My feeling is that they have a perfectly natural connection to nature, which for some reason is often cut as soon as they grow up. It is hard to know that this planet is being irrevocably altered and damaged, and nature and life on it jeopardized. To steer away from this hazardous development, I think much more radical means are required.”

Joakim Eskildsen

THE FAMILY TODAY’S SOCIETY

Page 15

The origin and definition of the word family is not consensual. In Wikipedia we find its meaning as “an invisible set of functional requirements that organises the interaction of the members of it, considering it, equally, as a system that operates through transactional patterns”. It seems to be a very comprehensive and satisfactory signification in the context of the mutations of the contemporary family, contrary to the definition suggested by Claude Lévi-Strauss. The French anthropologist suggests that “the family is born from the moment when the marriage happens, and therefore there are spouses and children from their union”. In our perspective this is an outdated definition. Even though marriage constitutes a sacrament in most cultures, and where we can include other union rituals, no longer represents the exclusivity of the genesis of family ties. With the evolution of the current society, new family configurations have been generated. It is true that single-parent families are mostly the result of the breakdown of a marriage, but they also arise from the possibility for women to produce a child independently. Likewise, the rainbow family, made up of a homosexual couple and that may have one or more children in their care, or no children at all, does not necessarily go through marriage.

There is the stereotype of the happy family, which cohabits in harmony, but there is also the dysfunctional family, where for many different reasons, hatred is generated. Situations of dysfunctionality are innumerable, but we cannot resist remembering Greek mythology in the figure of Erigone, daughter of Egisto and Clytemnestra. According to the legend, after Agamemnon went to Troy, his wife Clytemnestra became Egisto’s lover. When Agamemnon returns, Egisto and

Clytemnestra murder him and then marry. The children of Agamemnon and Clytemnestra, Electra and Orestes, decide to avenge their father and take the kingdom back, which leads them to murder Egisto and his own mother. But the horror goes further, when Orestes violates his half-sister, the beautiful Erigone, with whom he ends up falling in love.

Thus, we truly believe that within the family, whatever it may be, the common denominator is effectively based on a functional structure that manages the interaction of each of its members.

We are aware that there are many other possibilities for mapping loving and family relationships. However, we believe that through this narrative there will be enough material for discussion and reflection around the theme chosen by the festival.

Rui Prata

THE FAMILY IN TRANSITION

ALLA DOLGALEVA / ECHO OF MY CHILDHOOD

Page 16

The Cossack village of Bagovskaya, located in the foothills of the North Caucasus, Russia, is the place where my mother was born, where my mother’s ancestors lived : her mom and dad, their sisters and brothers, parents and grandparents. When I was a child, we often went to Bagovskaya, where some our relatives were still alive. And when they died, we had no reason to go there, and for a very long time I did not visit the village. But in 2014, when my grandma turned 100, we visited Bagovskaya cemetery. Mom met and recognized her neighbors, we went to their house, and I was amazed how much their house looked like Grandma’s, although many years had passed.

I recognized the color of the walls in houses, even the furniture, which, as is often the case with old people, stood from time immemorial, they used to live like this - some kind of chest of drawers or a chest, or an iron bed with “bumps” - these ordinary interior items reminded me of my childhood or, more precisely, about those trips “from town to village” to my grandmother, away from worries and hectic city life. Every summer I come to the village to shoot. The photographs depict people I do not know. But everything that surrounds them (mountain landscapes, the river) and the things they surround themselves with (household items, utensils, home decorations) are very familiar to me. It is as if I hear an echo of my childhood. It makes me feel light, kind nostalgic melancholy for the irrevocable time, longing for a House in which only children and old people live.

Alla Dolgaleva

ANNETTE LEMAY BURKE / MEMORY BUILDING

Page 20

Time changes everything. That cliché became painfully relevant for me after my parents died within a few months of each other, forever changing my family structure. The unconditional love I received from them throughout my life was now gone. I was left with only their physical possessions and my memories of our lives together. Their possessions included a well-organized archive of family photos.

In this series, I projected those vernacular family photographs onto the surfaces of my childhood home. By juxtaposing the photos from the past onto the present-day walls, I unearthed 60 years of engrained memories and tried to capture my family’s vanishing history that once permeated this house.

My parents’ house exemplifies the post-war ranch homes built in newly created neighborhoods across the United States. They decorated their home in the Early American style popular in the 1950s, with some now refer to it as ‘Coloniawful’. They lived in this house from the day they were married until their deaths—from their 20s to their 80s—and much of the original furniture they bought remained in the house throughout their lives. Their stability provided me a solid foundation for my upbringing.

Constructing the projected tableaux made the memories more tangible for me and provided comfort for my grieving. With so many formative experiences rooted and intertwined within this building, saying goodbye to it was also saying goodbye to my parents. Even as the rooms were literally whitewashed in preparation for new owners, my memories continued to resonate within the walls.

Annette LeMay Burke

CATHERINE PANEBIANCO / NO MEMORY IS EVER ALONE

Page 24

Memory is Ever Alone is a visual conversation between me and my dad. Every Christmas, he used to bring out a box of slides that he photographed in his late teens and early 20s and made us view them on an old projector on our living room wall telling the same stories every year. It was a consistent memory from a childhood where we moved a lot and I never felt like I had a steady “place” to live and create memories.

I realized that by holding the slides in my current landscape, I created not only a connection between his life and mine, but a trail of memories, each that had its own association for both of us. A lot of these slides are of my mom, they were together almost 60 years. She passed away and I feel like her spirit, and all the spirits of the past, are constantly around us. These little vignettes of family life in my current “space” comforts me that she and others are still near, watching over me. They create a “home” for me wherever I go. I did not want to Photoshop

that connection. Part of the process that was necessary for me was to find the right location and physically unite my dad’s slides with how I live today – a place within a place, a memory within a memory. I hope these tiny fragments of my family’s life spark a sliver of recollection in your own mind.

Catherine Panebianco

CHARLOTTA MARÍA HAUKSDÓTTIR / A MATTER OF SOME MOMENTS

Page 28

A sense of home is about memories, intimacy, and the attachment one has with certain places. In the series I am photographing families at home.

Several photographs, taken over time, are composed and faded into each other. In the resulting image, the space remains mostly the same but the families’ actions and interactions are captured in different positions, each presenting an ephemeral, ghostlike appearance. Highlighting the temporality of being, the photographs become a testament to the seemingly mundane happenings that often comprise meaningful memories. As Gaston Bachelard states in his book *The Poetics of Space*, “the house has both unity and complexity, it is made out of memories and experiences, its different parts arouse different sensations and yet it brings up a unitary, intimate experience of living.” Evoking feelings of both nostalgia and loss, the stillness in the images briefly suspends time, creating room for thought about one’s own experiences, and the familiar landscapes of our memories and places.

Charlotta María Hauksdóttir

DIANA VELASCO / FAMILY ALBUM II

Page 32

In the series *Family Album II*, I use old family photos to imagine who I would have been if I had been born and lived in Spain instead of in Denmark. I amalgamate two original photos from my family album and thus reconstruct my family history. By using the family album as a genre, the work of art is given a touch of authenticity. The authenticity is a made up one, most of the pictures were taken in 1972 – two years before I was born. In several of the constructed photographs I am seen side by side with my mother or father when they were my age. The series weaves together snapshots from the past and the present, special celebrations and everyday life, and the constructed photographs thus shakes up the notion of memory and reality as a steady and unchangeable thing.

Diana Velasco

FRED HUENING / DREI – THEM AND ME

Page 36

There once was a man and a woman. They were madly in love, spending every minute together, sharing the same ideas and dreams. But one day the other man came. Much younger, much prettier, much cuter. The woman then called herself mother and named her lover and man father. The woman now shared every minute of her time with the young man. She feeded him, gave him her breasts to drink and her body to keep him warm. The man then felt like an outcast and an outsider. They were not more SHE and HE, they were now THEM and HE. But because the man was a photographer by profession, he did what he could best: take photos. He was always around the woman and the younger man. He was watching every breath they took, every move they made, every step they took, every word they said, every game they played. DREI is the German word for “three”.

Fred Hüening

HAAKON SAND / TWINS FOREVER

Page 40

When the rain falls and the sky is dim, the lights in the windows of Treschow road in Oslo are on, as they always are while it's raining. Through the blinds, it may look like an art museum. But when the sun hits the building and the rain stops, sounds of swirling scooters emerge from the road.

Bjørn and Ulf Bergerud grew up in Oslo in the neighbourhood of Torshov during the '30s. Together, they went to Lilleborg primary school and saw the German occupation of Norway from their apartment porch. They are the only twins of three siblings. Since birth, they have only been separated once and spent 79 of their 80 years together. Every morning, when they wake up, they thank each other for having another day together. Since their mid-20s, they have been a part of Jehovah's Witnesses and are regularly out preaching the word of Jehovah.

Bjørn and Ulf are identical Twins and share virtually everything. If one has aching in the toe, the other one gets the same feeling of pain the day after; they have the same toothbrush, the same soap, and they enjoy the same kind of meals. Their favourite food is canned sardines and soft cake for dessert. On the weekends, they make the day pass by playing monopoly or going out for a ride on their scooters. Because of their illness caused by polyneuropathy, they cannot walk much.

Haakon Sand

Rancière, Jacques. (2004). *The politics of aesthetics: the distribution of the sensible* (London: Continuum, 2014), pp 31-34.

JOHAN BÄVMAN / SWEDISH DADS

Page 44

Swedish Dads is based on a series of portraits of fathers who belong to that small percentage of fathers who choose to stay at home with their children for six months or longer. With this project, Johan Bävman wanted to find out what made these fathers stay at home so much longer than most of their peers.

What have they gained from this experience? In what way has the decision to take parental leave changed their relationship with their partner and their child? What expectations did they have before going on parental leave?

Sweden has one of the most generous parental leave policies in the world. The current system allows parents to stay at home with their child for a total of 480 days, while receiving an allowance from the state. Ninety days are earmarked for each parent, and cannot be transferred.

The purpose of encouraging dads to take more parental leave is to promote gender equality.

Despite a generous allowance, only a fraction of Sweden's dads uses all of their allocated parental leave, and only fourteen per cent of parents split evenly.

Johan Bävman has two aims of this photo project. Firstly, he wants to illustrate Sweden's unique parental policy. Secondly, he wants to inspire other fathers – both in Sweden and further afield – to see positive benefits of taking a more active role in their young children's lives.

He doesn't want to glorify the fathers in this series. Instead, he seeks to engage in a debate about why these dads are considered special.

The project *Swedish Dad* was photographed over a period of two years. 45 dads were portrayed with their children, and the work was first published in 2014. Johan Bävman has won numerous awards, both in Sweden and internationally, for this series, and the pictures have been shown on several photo festivals around the world. The Swedish Dads exhibition has also toured internationally with The Swedish Institute. To date, the pictures have been shown in sixty-five countries and more to come.

Johan Bävman

JORGE FUEMBUENA / WOOD STORIES

Page 48

Wood Stories explores one of the new experimental social practises in the world, which consist in alternative lifestyles in self-sufficient communities that belong to the rewilding movement. These communities aim to renaturalize abandoned or depopulated rural areas in hopes of recovering nature and wildlife, to regenerate innovative and sustainable economic activities and to actively oppose the destruction of nature for the construction of large infrastructures.

Wood Stories explores new families in the new ways of living the territory as space for a common dialogue whilst concurrently as an area for confrontation. This body of work articulates the concept of dissuasion, exemplified in the investigation of the proposed construction of an airport, Notre-Dame des Landes, in Nantes (France) and how the prevention of this event is made possible by appropriating, therefore protecting the land. The goal is to talk about a place that is marginal in respect to what is managed and structured, in the absence of urbanism. Nomadic-like settlements in unmanaged spaces; my line of research explores the extension of dwellings and the concept of domestic space. Photography allows us to explore and engage with nature, in addition to enabling us to document the human ambition of supremacy, possession and the act of domination through the technologic construction of nature. This is a body of work that testifies and questions the urban expansion plans within this area.

In this body of work the concept of displacement is present, displacement to be understood as the aesthetic and political positioning within artistic practice. This employed artistic perspective then merges with other aspects, far more profound, such as the ethical and anthropological domains in relation to the possibility and concept of human freedom in the current world.

Jorge Fuenbuena

KATRIN JAQUET / NEG

Page 52

In my work, I am exploring photography as a medium, focusing on issues like the perception of time and light, of identity and memory. I am particularly interested in the way technical and psychological aspects of photography meet.

My series “*neg*” is about the way we look at family photos. Starting from a very personal point, I try to address more general questions.

When my mother died some years ago, I inherited all the family photos. Albums year by year as well as boxes full of unsorted photos from 1870 until today.

There are lots of prints, but there are no negatives. The negatives of the older family photos have been thrown away a long time ago, and from recent images, there have never been any negatives, only digital files.

I am interested in the negative as a potential – in a technical as well as in an aesthetic and a psychological sense: the negative is what you don’t want to see and don’t want to show. In the family album, you keep what’s positive, the smiles and the happy moments, not the tensions or the tears. Yet, it’s from the negative that you get the positive.

In my series *neg*, I (re)create the negatives. I combine them with positives, layering similar situations from different generations.

I am looking for the point where the layers and the persons seem to melt into each other, where there’s a new, ambiguous portrait which is more than the literal combination of positive and negative.

The digital montages are accompanied by photos of the album covers.

Katrin Jaquet

KSENIA KULESHOVA / ORDINARY PEOPLE

Page 56

The ban on propaganda of non-traditional sexual relations among minors was signed into the Russian federal law by Vladimir Putin in June 2013. This law, also known as the “anti-gay law”, has strengthened the restrictions on the freedom of expression around LGBTQ+ issues that can apply to all categories, from artistic expression to political discussion and has a serious impact on public debate on important social topics. The constitutional reform bill 2020 bans same-sex marriage, among other changes.

While it’s no longer illegal to be gay (the restriction was lifted in 1993), a homophobic atmosphere is still there.

I aim to document the everyday life of LGBTQ+ couples of different ages, make (video-) portraits, and to photograph private and hidden public venues. In my work, I want to discover the ability of ordinary people to enjoy the moment and value the happiness and joy of everyday life despite open homophobia on the television, by politicians in the media and the Russian church. My protagonists still care about not showing their feelings in public but they are courageous enough to show their faces in my story, which makes me very happy.

My work aims at showing to the international community the deeper insight into the Russian LGBTQ+ community, to take steps toward a more tolerant society in Russia, to start discussions and debates. I believe that our world needs other perspectives and solutions. This project is a continuation of my effort to always find something positive even in the worst situations.

Ksenia Kuleshova

SCHORE MEHRDJU / THE SECOND

Page 60

The Second is a series that explores women's social status and polygamous marriages in Tajikistan.

"A woman without a husband is worthless here!" – this is what the artist regularly heard from the very women she photographed. To be respected by society, Tajik women must be married, whether as a first or second wife. This is the main reason why the concept of polygamy has become widespread in Tajik society, even though it is punished by law.

The Muslim marriage contract, or Nikoh, allows polygamous marriages, but leaves second wives and their children without any rights. This is why the artist has worked in collaboration with these women to create anonymous portraits away from any stigmatization.

Schore Mehrdju

SIMONE RODRIGUES / THE NAMES OF LOVE

Page 64

NAMES OF LOVE is a series of portraits of the Brazilian LGBTQI couples and families, documenting gay, lesbian and trans people living together – married, common law or in stable relationships.

The ongoing project has documented 30 couples and families who posed and shared some of their life stories. It proposes to reframe the traditional family portrait, an image genre that helped legitimize the patriarchal family since the beginning of the invention of photography in the nineteenth century.

Having as models the new arrangements of contemporary queer families, Simone Rodrigues performs her portraits in sober poses, without artifices, with people living naturally in the familiarity of the home environment.

The series *Names of Love* rereads the traditional family portrait to make a contemporary approach to the diversity of Brazilian families aiming to promote their social visibility and naturalization, acting against conservative stereotypes.

The project is also a tribute to the memory of Stonewall, which in 2019 celebrated 50 years. As we all know, it is considered worldwide as the starting point of the current movement of LGBTQI liberation and fight for civil rights. With all the advances that may have occurred since then, we still find ourselves amid fierce disputes for recognition of the homosexual and transsexual rights, fighting against homophobia and other forms of discrimination. This combat has been most necessary in Brazil, which is one of the recordist countries in number of murders and other violent crimes against LGBT+ people.

Simone Rodrigues

SUSANNA KEKKONEN / FAMILY ALBUM

Page 68

The Family Album Features a series of family portraits with children from divorced families. The main character of each photograph is a child whose parents have divorced. The children have invited everyone they feel belongs to their family to join in the portrait. They have also arranged the family members as they have seen fit. The idea has been to assign the power to define a family to the person who did not have this opportunity at time of the divorce: the child.

Blended families have been commonplace for hundreds of thousands of Finns for decades, but the traditional family concept still prevails in both language and visual culture. The Finnish language lacks words for many blended family members. This is why there is a need for images that show families as they can consist of. Traditionally, family portraits have always only shown the nuclear family: two spouses and children. *Family Album* points out that a family may not always live under the same roof or use the same surname.

Family Album makes visible the fact that the parent's divorce has an effect on their children until adulthood. The images and the related stories created by the children evoke thoughts of the importance and vulnerability of family ties.

Susanna Kekkonen

YOUNES MOHAMMAD / THE UNTOLD STORY OF FAMILIES

Page 72

These photos are part of a project documenting the sacrifices of Kurdish Peshmerga in the fight to put down ISIS.

The project has taken me to the provinces of Iraqi Kurdistan. Speaking with several hundred Peshmerga, taking intimate portraits of the wounded fighters, their families, and documenting both the stories in the battle and their ongoing struggles to navigate post-conflict life. Fighters who took up arms, not because they were required to do so, but because it was right and it was what had to be done. All most of the men showed severe physical injury. Arms, legs, and eyes lost. Bodies so riddled with bullet and shrapnel wounds that simple movement created wincing pain. These men also showed the signs of the heavy burdens of the mental traumas, of PTSD, and of memories that would not leave them. They would do this for their children, their families, their people, and for the wider world.

Tragically, their suffering does not end after having returned home. The men face new challenges, such as getting prosthetic limbs, ongoing care, providing for their families despite their debilitating injuries, and more. This is the story of families who were able to defeat the impossible together.

Younes Mohammad

WE ARE FAMILY!

Page 77

We are Family! is a group exhibition, focused on exploring the Others, those who either we don't identify with, or who live among us but we don't pay attention to them, a focus that is gathered in the first six visual essays presented in the program of the exhibition *Salut au Monde!*, an example of fine arts that will be exhibited throughout the next year. Seven international photographers, from emerging trajectories, sign these works: Elena Anosova, Andrea Gjetvang, Luis Cobelo, Bharat Sikka, Lionel Jusseret, Kovi Konowiecki and Juan Valbuena, in the same order as they appear in the show. At a time when identity nationalisms are growing around the world and it seems that we are less and less able to relate to people other than ourselves, *We Are Family!* wants to show that we are part of the same family and, as the motto of *Salut au monde!*, states, "celebrate diversity and embrace difference".

We are Family! honours one of the most successful exhibitions in the history of photography, *The Family of Man*, updating the assumptions of its origins. Thus, all the projects included in this exhibition were carried out by photographers from the geographical, affective and/or cultural environment of the themes they address in their images. Through this approach, it is intended to favour self-representation and avoid excessively ethnographic views that, on many occasions, prove to be limiting and reductionist, or which can even exert, in the words of Edward Saïd, a "dynamics of domination over the other". Regarding the topics covered, the show pays special attention to the daily lives of the people portrayed, mundane scenes far distant from the great events that they will possibly encounter in their lives. An undisguised taste for everyday life and for the daily successes that comprise it, registered with a clear documentary vocation, which was also the case with Steichen's initiative, but on this occasion, and following Melville's recommendations, decidedly he bets on colour photography, closer to how we see things in reality.

Similar to what happened in the mythical MOMA exhibition, *We Are Family!* also allows us to travel to different parts of the world and show what everyday life is like in contexts as diverse as the California desert, the Russian steppes, the mountains of Kashmir, India or a small town near the Caribbean Sea that was the setting of some of the most beautiful stories in 20th century literature. On other occasions, without straying so far from our environment, we can discover groups of people who live among us but who are completely unknown to us, or people who we directly ignore: asylum users, African migrants, people with autism or other mental disorders.

Finally, and like the aforementioned exhibition, the show we present here has an itinerant vocation, with the particularity of being able to be adapted to

different formats, and thus respond to a multiplicity of possible spaces. An exhibition that comes in five sizes (XS, S, M, L, as in the case of the show included in IMAGO, or XL, in its larger version) and that will gradually incorporate new authors as they are added to the main project. *We are Family!* Lisbon show is curated by Pablo Berástegui, who in turn is responsible and curator of the program *Salut au monde!*, based in the city of Porto. Berástegui, among many other roles in the world of culture and art, was director of PHotoEspaña between 2002 and 2006.

Pablo Berástegui

www.salutaumonde.info

RETHINKING LANDSCAPE / RETHINKING NATURE

Page 93

Since the invention of the medium the photographic image has played a defining role in the perception of nature. Today, artists who turn to the depiction of nature and landscape contribute to the understanding of contemporary environmental problems. They illuminate the often-problematic relationship between man and nature, highlight grievances, and make the global effects of man-made ecological changes visually tangible.

In choosing *Rethinking Nature / Rethinking Landscape* as topic for its joint project, the European Month of Photography Association is looking to harness and power of the medium of photography to sustain and expand the discourse.

EMOP-EUROPEAN MONTH OF PHOTOGRAPHY / LISBON

Page 107

This year IMAGO Lisboa – photo festival joins the members of the EMOP network – European Month of Photography – which brings together photography festivals in Lisbon (IMAGO LISBOA), Luxembourg (EMOPLUX), Berlin (EMOP BERLIN), Paris (CIRCULATIONS) and Vienna (FOTO WIEN) with the common aim to promoting cooperation at European level, strengthening the international photographic scene, intensifying the exchange of information and the experience and supporting young artists.

Within the framework of the EMOP theme of 2021: *Rethinking Nature / Rethinking Landscape*, the festival presents the work of six artists: Anastasia Mityukova; Danila Tkachenko; Inka and Niclas; Maria Magdalena Ianquis; Vanja Bučan.

FICHA TÉCNICA

ORGANIZAÇÃO / ORGANIZATION

Cedilhas e Legendas - associação cultural
Imagolisboa9@gmail.com
contact@imagolisboa.pt
www.imagolisboa.pt

DIREÇÃO / BOARD

Rui Prata
Luísa Ferreira
Sónia Galiza

COORDENAÇÃO / COORDINATION

Rui Prata

PRODUÇÃO / PRODUCTION

Denise Cunha Silva

CURADORES / CURATORS

Bettina Leidl
Emmanuelle Haskin
Pablo Berastégui
Paul di Felice
Rui Prata
Verena Kaspar-Eisert

TRADUÇÕES / TRANSLATIONS

Ana Patrícia Gomes

REVISÃO DE TEXTOS / PROOF READING

Maura Lemos

ISBN 978-989-33-2247-5

www.imagolisboa.pt

DESENHO / DESIGN

New Photo Ry
RE DESENHO / RE DESIGN
Bernhard Winkler

DESENHO GRÁFICO / GRAPHIC DESIGNER

Katharina Diem
Friederike Hofmann

IMPRESSÃO / PRINTING

Gráfica Vilaverdense

CARPINTARIA / CHARPENTER

Warehouse

MONTAGEM / HANGING TEAM

Setup
Filipe Dominguez

IMPRESSÃO DE FOTOGÁFICA / LAB PRINT

Black Box Atelier

FOTOGRAFIA / PHOTOGRAPHY

Hugo David

WEBDESIGN

New Photo Ry

WEBMASTER

André Eusébio

COMUNICAÇÃO / COMMUNICATION

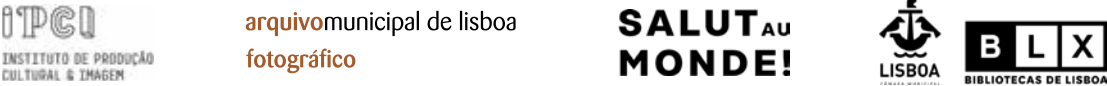
Denise Cunha Silva

REDES SOCIAIS / SOCIAL NETWORKS

Daniel Melnykov

parceiros
PARTNERS

Parceiros / Partners



Apoio à Produção / Production Partners



Apoios à Comunicação / Communication Partners



PATROCÍNIOS
SPONSORS

Patrocinadores Institucionais / Institutional Sponsors



Parceiros Institucionais / Institutional Partners



The Swiss Arts Council Pro Helvetia
prohelvetia

Imago Lisboa é membro de / Imago Lisboa is member of EMOP – european month of photography



AGRADECIMENTOS

Acknowledgments

Catarina Vaz Pinto
Isabel Niny
Laurentina Pereira
Margarida Rodrigues
Alexandra Sabino
Emília Ferreira
Emília Tavares
Alda Galsterer
Fernando Belo
Mariana Castro Henriques
Ana Borges
Marcos Sá
Rui Penedo
Rute Reimão
Isabel Corda
Sofia Castro
Alexandre Souto
António Pedrosa
Elina Heikka
Paul di Felice
Fernanda Bandeira
Rita Rato
Jens Friis
Fernando Pereira
Vitor Castanheira
Aline Schiltz
Ana Patrícia Gomes
João Henriques
Susana Paiva
Helena Gonçalves
Álvaro Teixeira
Bernhard Winkler
Friederike Hofmann
José Sousa Machado
Carlos Fontes
Álvaro Silva
Pedro Duarte Jorge
*E todos os que contribuíram
para esta edição /
and all who contributes
to this edition*